

Revista da Semana

Ano XLIV - N.º 48 - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - 27 de Novembro de 1943





Dois dedos de prosa com o jovem casal de bailarinos da «boite» do **Atlantico**



Cesar e Nona, casal de bailarinos típicos que vêm constituindo um dos numeros de maior sucesso do "show" do Cassino Atlantico, é uma dupla encantadora e simpática — mesmo quando longe dos refletores camaradas.

Lembram dois passaros alados, até mesmo em sua palestra rica de imprevistos e de rumos insuspeitados. Essa vivacidade, essa mobilidade constante, essa incapacidade de fixar-se talvê seja consequência da profissão que, mais que nenhuma, sugere um nomadismo perpétuo e insatisfeito.

Eles, porém, vivem bem dispostos, alegres e risonhos, e é tal a afinidade que os reuniu — impelindo-os, o primeiro do México e a segunda de Cuba, para idênticas estradas repletas de cantos e tailados — que o reporter, ao vê-los, inconscientemente se recordou do verso do poeta de "Luz Mediterranea":

"Talhados um para o outro, dessa argila
De que são feitas as criaturas raras..."

Cesar — ao que nos disse ele mesmo — começou a dançar aos 13 anos; sendo entretanto a pintura sua vocação inicial, que deixou de lado ao vêr um de seus desenhos queimado por um irreverente colega de estudos.

Nona, que é filha de Havana, também se iniciou cedo na arte coreográfica, dançando agora com o marido desde os bailados típicos de sua patria (exclusão do sapateado cubano) aos do México e da Espanha, principalmente os originários da Andaluzia.

Em Nova-York, onde vivem parte do ano, cerca de 6 meses, ambos têm atuado no "Starlightroof" do "Waldorf Astoria" e em "La Martinique"; já tendo Cesar integrado, como solista, o

"American ballet" do "Metropolitan Opera House". Cesar também já trabalhou em filmes ao lado de Joan Crawford, Tallulah Bankhead e Frederick March; havendo Nona tomado parte em "shorts" dirigidos por Xavier Cugat.

Tanto em Nova-York quanto no México, onde o casal passa outros 6 meses, os dois ainda transmitem sua arte a inumeros alunos.

Como quasi todos os artistas são um tanto supersticiosos, o reporter julgou que o amavel duo também possuísse suas manias — e interrogou-os. Eles, porém, não padecem desse mal e nem ao menos se benzem antes de entrar em cena. Têm, entretanto, suas preferencias. Nona, por exemplo, aprecia, entre os artistas de cinema, a personalidade forte de Jean Gabin e entre os animais prefere o cavalo que — disse — é o mais inteligente e leal ao homem. Cesar, cuja maior emoção foi ao admirar as télas e esculturas do Museu do Louvre, quando esteve em "tournee" na capital gauleza, declarou achar as loiras mais formosas mas preferir as morenas — e isso (são palavras suas) porque as morenas são mais mulheres, isto é mais femininas.

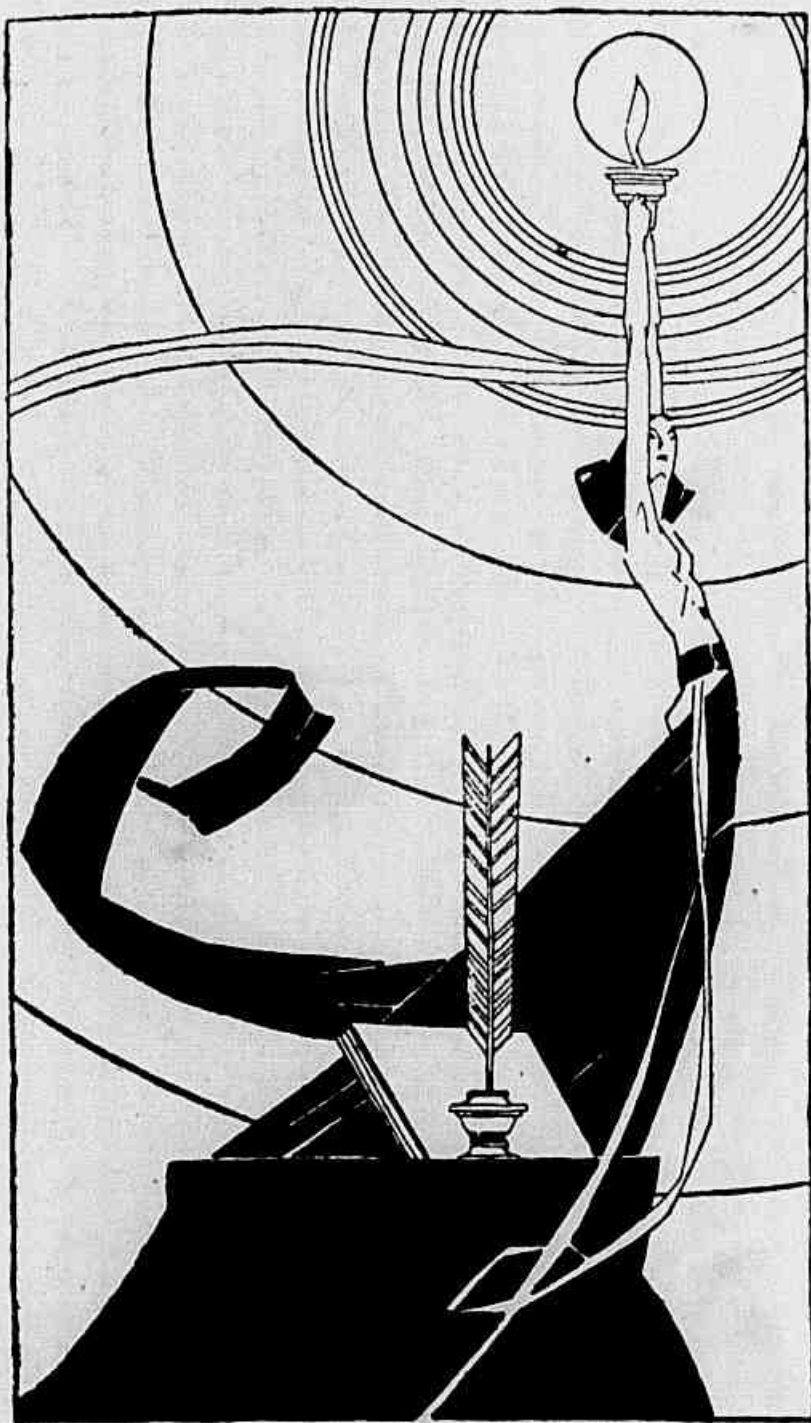
Tendo gradado plenamente à fina e culta pia da confortavel "boite" tricolor do Cassino Atlantico, Cesar e Nona ainda se demoram varios dias no querido "music-hall" da orla litoranea da cidade, onde, ao lado de Richiardi, Elsa Marval, Irá Ari e "Los Olímpicos", vêm constituindo um dos pontos altos da programação.

Ao terminar seu contrato no preferido "grill" da fimbria atlântica da cidade, o elegante par seguirá para Guaruja — onde se exhibirá no Cassino do Grande Hotel.



De HERMAN

L I M A



de nevoentas sutilezas tocadas de tão estranha e lírica ironia como aquele "white sea-mist" que lhe envolve, sonambulicamente, a paisagem lunar de Crescent Bay — ou a tenebrosa peregrinação pelo inferno das paixões e das duvidas subterrâneas dum Dostoiévsky — é sempre aos autores da minha adolescência que me volto para a evasão de certas horas de indecisão e de travo que tanto fazem ansiar por uma doce companhia de passados dias descuidados.

On revient toujours

A ses premiers amours.

Volto assim, facilmente, a um passado que já tem perto de um quarto de século, àquela miraculosa fase de noivado com a glória, que marca o período de irrequietação e deslumbramento do principiante, ao descobrir em si mesmo o raptado da criação, quando elegera, na selva de maravilhas do meu novo El-Dorado, meia dúzia de guias sedutores, a cujas pegadas luminosas ia varando o mistério, Fernão Dias Paes Leme, de tímido passo e verdes ambições.

Meu primeiro Virgílio seria com certeza o grande Affonso Arinos, duma arte tão pura e tão bela, pela claridade matinal da inspiração e da forma. Pedro Barqueiro e Joaquim Mironha, com as suas lembranças nativas, misturadas de imagens do céu, um, despenhado, robusto, grande, "parecendo, mal comparando, o Arcanjo São Miguel, sugando o Maligno", o outro, a ver *sô moço*, o patrãozinho do peito, "lá naquele campo azul, junto com os anjos, pasterando o gado miúdo", ainda hoje me dão a mesma impressão emotiva da primeira hora. Tão grande, tão lírico, tão brasileiro, Santo Affonso, que eu o guardaria para sempre no coração e na memória, para onde quer que fosse, como um ícono penate capaz dos mais inefáveis milagres.

Do mesmo porte, Maupassant, o colosso naturalista de *Boule de Suif* e *La parure*, de *Le Champ d'oliviers* e de *Mademoiselle Perle*, contista número 1, que se serve do destino como dum instrumento dutil, à maneira dos gregos do tempo de Esquilo, em páginas fumegantes de vida, trabalhando o conto como um lavrador da sua gleba normanda rasga o ventre da terra fecunda; o Maupassant, fixador implacável de "*l'éternelle, universelle, indestructible et omnipotente bêtise*", a tratar a humanidade a manotações, como um pugilista sem derrotas,

perfeita, que me daria, vinte e cinco anos depois, a contemplação da Vitoria de Samotracia, no alto da escadaria Daru, à luz dos refletores rotatórios do Louvre, às vésperas da guerra. O Zola, de *La Bête humaine*, *Thérèse Raquin* e dos cortes de *Nais Micoulin*. Blasco Ibanez, com a tumultuosa galeria dos seus tipos e coisas da província vasca, aqueles amigos de *cafélins* que se rasgam o ventre a navalha, como simples "cosas de hombres", barcas mediterrâneas saindo da onda a puxão de reses, com o sol e o mar dentro das velas, como nas telas de Sorolla; "i aranjós" em flor que engrinaldam de flores esponsalicias os amores wagnerianos de Rafael e de Leorera; areia e sangue dos redondeis de Sevilha e de Madrid; tropel dos cavaleiros do Apolicapso; campanha submarina alemã do *Mare nostrum*. O Pierre Loti, de *Le pecheur d'Islande*, com as suas nupcias monstruosas com a vaga "*les bras ouverts pour la recevoir, avec un grand cri profond comme un taureau qui rale, la bouche déjà remplie d'eau; les bras ouverts, étendus et raidis pour jamais*". E outros tantos, e tantos gente alheia, gente de casa, estes mais afins, é claro, como o Aluizio Azevedo do *Cortico* e da *Casa de Pensão*, o Celso Netto do *Sertão* e de *Banzo*, o insuperável Simões Lopes Netto, o grande Monteiro Lobato, sol nascente daquela hora, e mais perto ainda da minha estima literária e do meu coração, porque na língua exata dos meus pescadores de Meireles, o comovido fabulário de Gustavo Barroso, na sua coleção de cortes de *Praias e Varzeas*.

Outros viriam por certo, no correr da vida, do mesmo porte, alguns, maiores ou menores, es demais, falando ora ao coração ora ao cérebro, como esses que a minha predileção resguardaria ciosamente dentro o pelotão de nomes da minha estante de hoje. Olho-os, a rocos e velhos, de mistura — aqui e ali um deles surgindo com a alegria duma nova descoberta, ainda nestas alturas, ao jeito de *Jerusalem*, de Selma Lagerlöf ou da *Primavera*, de Sigrid Undset, da *Symphonie Pastorale*, de Gide ou de *Jude the obscure*, de Hardy, da *Legende*, de Clemence Dane, ou de *Maria Perigosa*, de Luiz Jardim, da *Cabocla*, de Ribeiro Couto, ou *Of human bondage*, de Somerset Maugham, e me valho duma velha imagem dos meus tratados de fisiologia dos tempos académicos da Bahia, que com tanta sugestão ligavam o olfato à resurreição das coisas preteritas da emoção — para dar aos meus livros do passado merito igual ao de certos frascos vazios donde não se some nunca o perfume de um dia.

Ao confessar, uma hora destas, a José Lins do Rego, não ter lido nunca *Le rouge et le noir*, dizia-me o nosso grande romancista, naquele seu jeito explosivo de sempre: — Você é um homem feliz. Não conhece ainda uma obra prima da literatura.

Meses correram, no entanto, depois desse reparo, e continuo a ignorar, do mesmo jeito, a cronica dos amo-

VELHOS AMÔRES SEMPRE NOVOS

res tempestuosos de Madame Renal e Julien Sorel, que não eram, aliás, para Saint-Beuve, diga-se de passagem, verdadeiramente "*des êtres vivants, mais des automates ingénieusement construits*".

E' que os anos vão passando e a curiosidade mental como que toma também, com o tempo, certo fastio como o do estomago dos *gourmets* de menus de luxo. Tanta pagina devorada ao correr de meia vida tem ferozmente que trazer consigo, senão a saciedade, o amortecimento das emoções virginais das primeiras leituras, a quebra daquele alvoroço de descobrimento dos nossos autores da juventude, esses que nos fizeram bater o coração num sobressalto de ventura plena, como a que José Lins me prometia com Stendhal.

Quem pode mesmo dar-nos mais o supremo encantamento dos livros dos vinte anos, quando a mente em flor se abre para a revelação das letras com a mesma fascinação dos sonhos amorosos e não sabemos, quanta vez, no nosso enlevo, dissociar o nome da criatura amada dos versos que a trazem integral ao coração?

Ao cabo dos quarenta, se o gosto da coisa literaria não morreu de todo — e é uma graça dos deuses que tal não se tenha dado ainda, no carrascal de decepções do meio ambiente — é muita vez com sobrestado susto que nos dispomos a travar ainda conhecimento com certos autores do passado e por isso mesmo muito mais ajustados à quadra de entusiasmos e admirações da nossa manhã intelectual.

Nesta outra hora, quando já se principia a notar com melancolicos pressagios, o lento e inelutável alvorecer dos cabelos brancos, e o bater mais duro das arterias faz pensar muito mais no endereço de especialistas do que no nome dalgum escritor que tenhamos descurado, em vez de novas aventuras dessa ordem tem muito mais tranqüilo sabor, sem duvida, a evocação daqueles que nos abriram as portas de ouro da emoção literaria e tanta vez deram origem ao fervor de um culto que nem os anos, nem as fadigas, nem as desilusões da caminhada conseguiram sequer amorteecer.

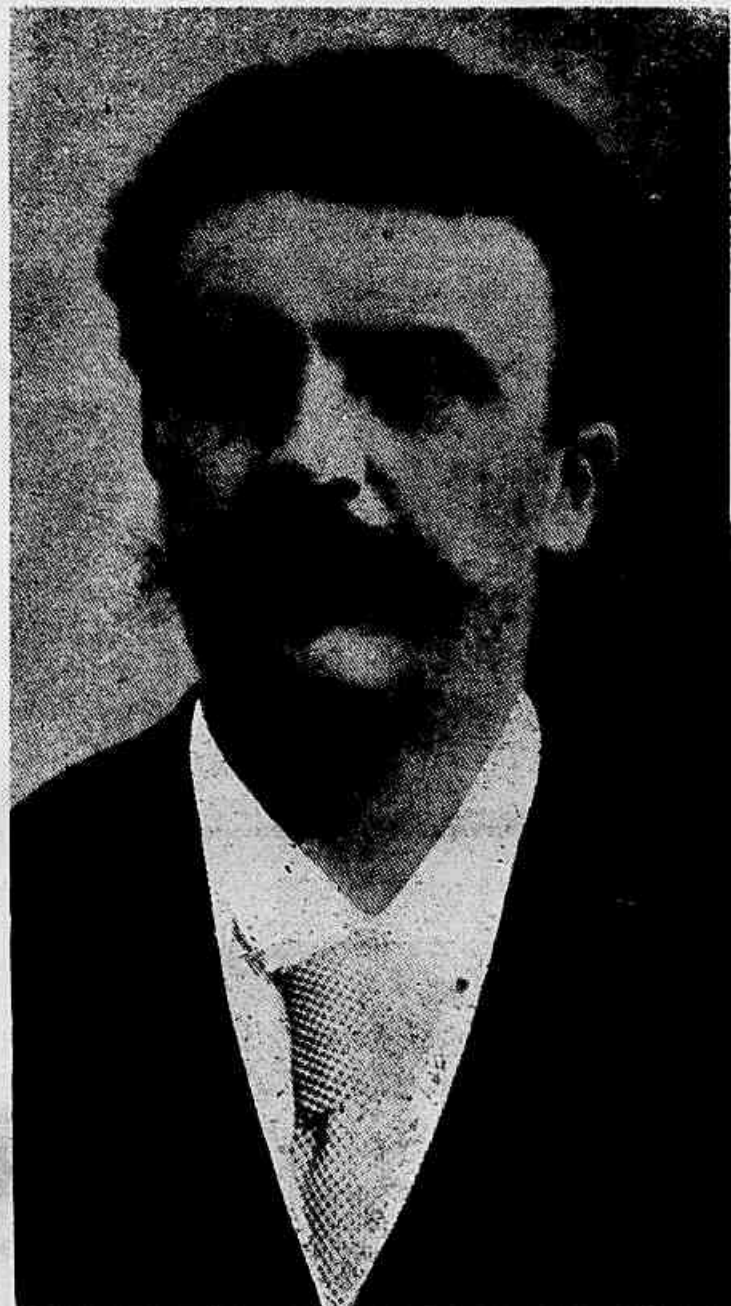
Eu sei de mim que, se não me furtaria, é claro, a um tardio encontro que me desse a deliciosa intimidade duma Katherine Mansfield, com a sua arte toda feita

demiurgo de trinta mundos que são todos esses volumes de contos, novelas, viagens e romances, tão nutridos sempre daquela mesma "*substantifique moelle*" rabelaisiana muito de sua admiração, e por dentro dos quais rcla e estronda o mar da Bretanha, passam, como um vento bíblico, de mãos trançadas e olhar vago, o amor e a morte, fremente a gama de todos os instintos e se escancaram, como a um feroz pontapé na porta, a vasta alcova dos amores ilícitos de Paris.

Tão vizinho dele, mas tão diverso no sentido da sua obra, outro, que me levava também para diante, aos tropogapólios, para usar uma expressão bem sua — o meu querido Fialho d'Almeida, o Fialho do *País das Uvas* e da *Cidade do Vício*, o Fialho da prosa feiticeira, de cantigas dagua e picatos de rouxinol, assobios de moleque e uives de rebelado em tortura, prosa que tem muito daquela *Valsa dos Silfos*, a que ele proprio alude no *Violoncelista Sergio*, dos *Gatos*, paisagem onírica a "desenrolar-se à margem duma ribeira tragica e parada, onde os canaviais se sublinham apenas na noite, em tons de azul e fosforo, muito vagos, e o diabo passa, de pescoço estendido, as asas lassas, de cocoras quasi, aos pulos sobre a roça, como um grifo caduco, à procura de almas para escorchar". Querido Fialho, que eu não troquei nunca mais por ninguém, num amor de todas as horas, e a cujo inelutável scrtilegio me abandonava então, na mais feliz e radical de todas as entregas.

Ao grupo seguia-se ainda, como era natural, o Eça de todas as seduçções, com o punhado dos seus *Contos*, dentre eles a eternidade daquele momento d'O defunto, "cosa d'arte", lucida e bela, que a lingua portuguesa ha de guardar pelo correr dos tempos, no seu padrão sem jáça — o Eça da *Cidade e as serras* e das *Últimas Páginas*, de prosa crepitante como champanha, da mesma irresistibilidade do opio de Thomas de Quencey "por ser em muitos graus o mais poderoso de todos os cortra- agentes conhecidos para a irritação nervosa e para o tremendo mal-do *taedium-vitae*".

Volto mais longe e vou encontrar ainda mestre Flaubert, com as suas paginas in-xidáveis, como lavradas na platina dos joalheiros, o homem que me deu, com *Salambô*, a mesma sensação de contacto com a beleza



GUY DE MAUPASSANT (1850-1893)

RECEPÇÕES...

Cronica de S. R.

O QUE O CRONISTA ESCREVEU...

A baroneza X. reabriu seus salões para receber a alta sociedade, numa festa elegantíssima onde o mundo intelectual e artístico foi representado por seus mais destacados elementos.

A um canto, notamos a famosa cantora K. que conversava com o pintor grego Papoulos e com o poeta sirio Said Ali. Num maravilhoso vestido em 'faillé' azul, a graciosa senhorita L. sorria para o conde Wodevowsky que discorria animadamente, com o historiador egípcio Paphnucio, sobre o teatro de Molière e a queda da Bastilha. As senhoras, com trajes suntuosos, cumprimentavam-se mutuamente na alegria contagiante do ambiente e até mesmo — perdôe-nos a indiscreção Mr. Smith & Smith — ouvimos o rei dos palitos fosfóricos exclamar, positivamente encantado: "Mas que reunião, meus senhores!"

Compareceram todos os cronistas sociais e, pelos cumprimentos recebidos pela anfitriã, podemos consignar sua recepção como uma das mais brilhantes dos últimos tempos.

...E O QUE DESEJARIA ESCREVER:

As recepções em casa da baroneza X. são as cousas mais estafantes que conheço. Aquele senhora empertigada, que usa "lorgnon", tem dinheiro como grama e trata os jornalistas com uma deferencia especial para figurar como a primeira dama elegante da cidade, é positivamente insuportável. Esta ultima reunião ainda foi pior que as outras: muita gente velha e antipática, e metida a intelectual. As pequenas bonitas ou são casadas e não vão ou, se vão, saem cedo ou "flirtam" apenas milionários e celebridades, cousas que não sou. Tive muita vontade de rir com a indignação do pintor modernista Papoulos. Tudo porque uma debutante ingenua perguntou o significado da agulha de "tricot" que figurava num de seus quadros mais decantados. Ao que ele retrucou, enfurecido: "Mas então a senhorita não compreendeu? Francamente!" E logo depois: "Que idade tem?" — "Dezenove". — "Ah! E'porisso, logo vi." A senhorita tem muito pouca idade para compreender a pintura subjetiva e transcendente. Aquele agulha de "tricot" no meu quadro representava nada mais nada menos que a "alma da mulher que tricotava".

Quanto à tal senhora Kiritchenka com seus 120 quilos (Deus me perdoe! Por que será que os sopranos ligeiros engordam tão depressa? Será que é por serem ligeiros?

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe

& Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos

— Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Cons-

tituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 —

Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

São frequentes na Europa os retiros religiosos destinados exclusivamente aos membros das Forças Armadas Aliadas.

Em um deles foi colhido o flagrante que estampamos nesta pagina. Ali freiras e sacerdotes, orientam os soldados durante o repouso espiritual para que possam dele tirar o maior proveito.

São taes centros instalados em grandes edificios situados dentro de campos relativamente amplos. Toda a vida transcorre disciplinada por um horario regulamentar certo, o que não exclue mo-

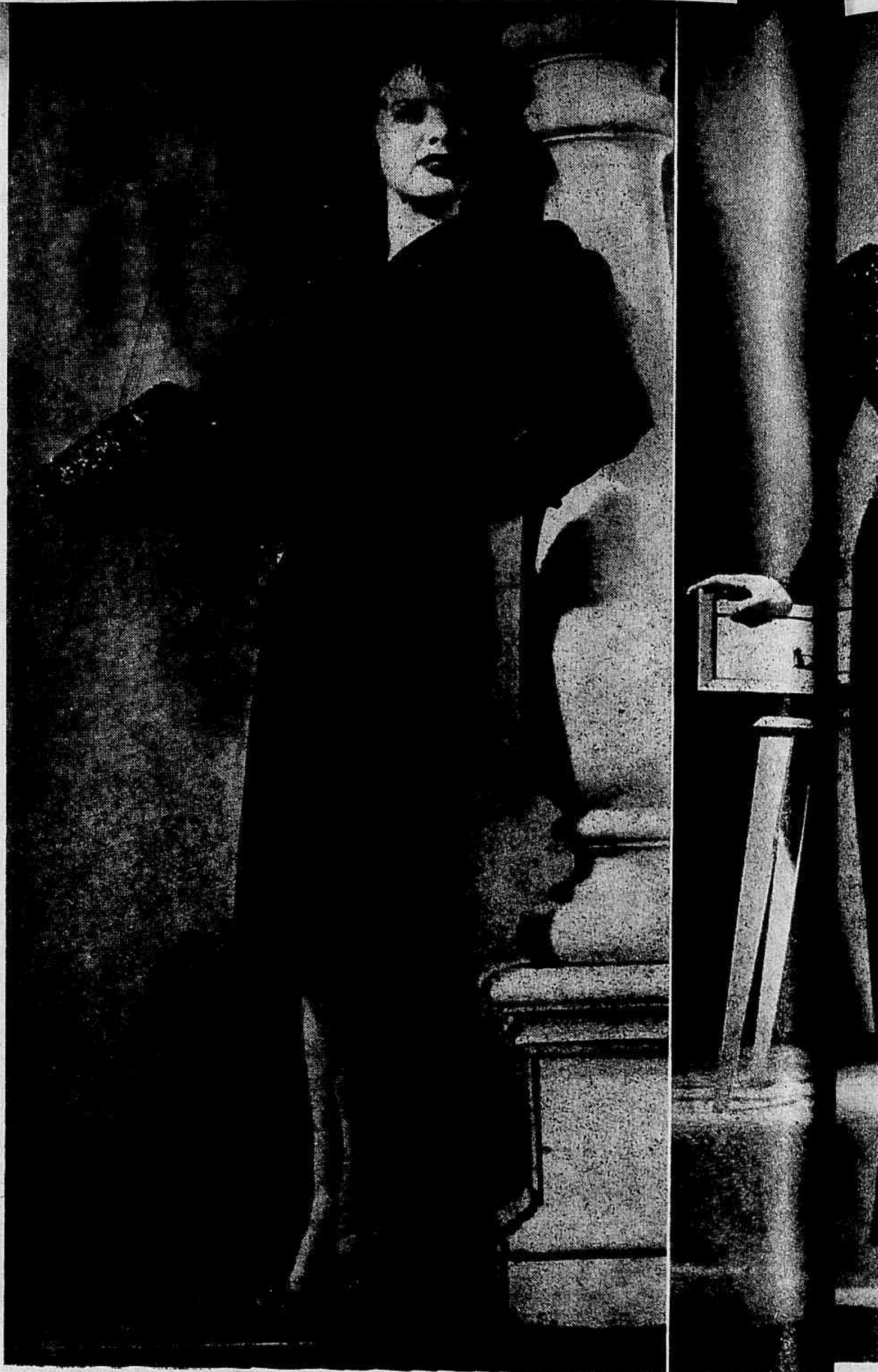
mentos de distração, passeios internos, leitura, dissertações, palestras, etc.

Depois do fragor das batalhas, nada mais util do que fazer mergulhar o espirito em meditações salutaras num recanto onde tanto repousa o corpo como, por assim dizer, descansa a alma.

A foto de nossa capa de hoje representa uma homenagem a estes recolhimentos.

Foi apanhada justamente quando uma irmã colhia no Parque dum retiro, um punhado de flores certamente para armar um altar.

Que se multipliquem esses sanatorios do espirito para que os egressos das trincheiras, que vão povoar o mundo e gerar novos entes, não se apresentem tão estragados pela guerra.





Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

esteve lastimável. Cantou todas as principais árias das operas de Puccini, Wagner e Verdi e eu, que já estava vendo tudo verde de fome, retirei-me prudentemente para o "buffet". Fui obrigado a voltar imediatamente levado pela baroneza para ouvir o poeta sirio declamar, em árabe, que é uma lingua que não entendo e nem quero entender, uns poemas que a baroneza (que sabe ainda menos que eu o idioma de Maomé) afirmou serem a quintessencia da poesia. Mal o pachá acabou com aquela algaravia que ninguém compreendeu, foi muito cumprimentado e elevado à categoria de genio. Quanto a mim, assim que soube que ele não falava uma só palavra de português, sussurrei-lhe ao ouvido para me vingar:

"Assassinaste a poesia, hein idiota?" E ele — olhos ainda humidos de emoção — agradeceu sorrindo. O fotógrafo bateu um grupo formado pelo Papapoulos e Said Ali, no qual a gente pode observar suas expressões completamente estupidas. Estavam, porém, de boca aberta: falaria esperanto?

Quanto à senhorita L. que já passou dos 30 há muito tempo continua com a mania de contar os namorados das amigas. Eclipsei-me discretamente não sem perceber, entretanto, a rede que ela estendia ao ridículo com o Wodevowsky que mistura Molière com La-Fontaine e, provavelmente, Bastilha com pastilhas.

As senhoras guerreavam-se com a mais sutil das armas: o elogio entre si e o comentário desfavorável para com terceiros. Tudo com sorrisos e termos franceses.

— Ah! o marido de Francis! "Terrible!" Velho e pirata como ele só.

— Também a Francis, com aquela carinha de ingenua, não fica atrás, não é?

— Você sabe...

— Eu propriamente, não... mas você compreende... a G. ...

— "Il faut"...

Sincero mesmo só encontrei o rei do palito fosfórico, Mr. Smith & Smith, que me declarou, num bocejo:

— Mas que reunião, sim senhores! Isso é que é chic? Eu a perder meu precioso tempo nesta liga de nações e lá na "Broadway" a Sally, a Irene e a Baby estreando um novo quadro e cantando, em lingua de gente: "I lost my husband..."

Confere.

A constatar ainda:

Os cronistas elegantes preferindo, mil vezes, escrever um necrologio a fazer semelhante registo social. E, por falar em necrologio: fiquei com muita, muita pena da baroneza, pois nunca vi tanta gente se reunir para falar mal de uma só pessoa. CREDO!!!

◆

Nesta página apresentamos lindos modelos para recepções: todos em negro. Maria Montez (da Universal) em "jersey" e "tulle"; Louise Allbritton (Universal) em "crepe" e lantejoulas, Deanna Durbin e Ann Gwynne (tambem da Universal): a primeira num maravilhoso costume com aplicações em malha brilhante e a ultima em setim (combinando lado fosco com o brilhante); finalmente a elegantíssima Fay Emerson, da Warner em "faille" negra e pérolas.

Escragnolle Doria

AUGUSTO GERARD

Desde 1815, a França foi representada no Brasil por agentes seus de varias categoria, um deles o ministro Augusto Gérard. Veio ele em missão junto à recém-proclamada republica brasileira, conservando-se em funções diplomaticas do começo de 1891 a meados de 1894.

Augusto Gérard nascera em Paris a 28 de Março de 1852. Após sérios estudos ginasiais, empreendera outros bem arduos na Escola Normal Superior de Paris, na qual se ensinava a valer para exigir com rigor. Sem estas condições a cultura é nula, sejam quais forem os cursos e programas superlotados de assuntos. O saber tem digestões e indigestões.

Colegial, Gérard teve condiscipulos amigos deste futuro quilate, Paul Bourget e Brunetiere, sendo-lhes mestres Gaston Boissier e Fustel de Coulanges e outros do mesmo pulso.

De infancia e adolescencia no Segundo Imperio, de mocidade no Ano Terrível — que dirá a França de hoje? — o ano da guerra franco-prussiana, espectador da Comuna, Gérard logrou, um pouco por causa desta, uma amizade que o protegeria poderosamente, sem escravisar protegido. Assim succedeu entre Gambetta e Gérard.

A amizade entre estes nasceu de modo original. Em Paris, a Camara dos Deputados da Republica Francesa funcionava no Palacio Bourbon. Certo dia lembrou-se Gérard de ouvir sessão da Camara, mal sabendo quanto esse dia propiciar-lhe-ia o destino.

No Palacio Bourbon um continuo exigiu de Gérard bilhete de entrada — Não tenho declarado o interpellado. — Conhece algum deputado? Dirija-se a ele. Gérard não hesitou: tomou uma ficha e inscreveu um nome: Gambetta.

O continuo leva o papel a quem Gérard admirava muitissimo. Dentro em pouco o famoso tribuno achou-se em presença de um moço desconhecido. Gambetta sorriu e observou — Mas, meu amiguinho, como é que num tão belo dia (o tempo esplendia em sol forte) teve você a lembrança de vir encafiar-se no Palacio Bourbon?

— Cedi a atractivo irresistível, desculpe ter-me dirigido a quem me não conhece.

Gambetta levou Gérard a uma tribuna e retirou-se pedindo-lhe para aparecer em sua casa no domingo seguinte para lhe comunicar impressões.

Gérard teve o cuidado de não esquecer o convite. Daquela d-mingo de 1870 até a morte de Gambetta em 1882 Gérard, no correr dos anos, sentio que por si mesmo, no Palacio Bourbon, adquirira um precioso amigo vitalicio, a aconselha-lo, a bem querer-lhe, a orientar-lo.

Gambetta destinou Gérard á carreira diplomatica. Para inicial-o nela, pela residencia no estrangeiro, instou para que Gérard aceitasse proposta feita por intermedio do ministro inglês em Darmstadt.

Augusta, imperatriz da Alemanha, acabava de perder um seu leitor francês, Guiard.

Desejou a soberana substituição de leitor, escolhido, este entre antigos alunos da Escola Normal, a escolha feita por Bersot, diretor da casa de instrução.

Segundo Gérard, tendo consultado Gambetta, Bersot julgou o cargo bem grato junto a uma pessoa régia fiel á tradição da lingua francesa, á sua literatura, ao bom gosto francês, a imperatriz conservando em França altas amizades, mantendo simpatias para com a França e não as desmentindo nem sequer na ocasião da Grande Guerra.

Em longa conversa com Gérard, Gambetta declarou-lhe que de ha muito pensara em collocar-o na diplomacia. Acrescentou que era desejavel fosse a missão na corte alemã confiada a um francês instruido, moço, de origens liberais e republicanas, de relações no partido republicano, a lealdade de Gambetta levando tudo isto ao conhecimento de Bismarck, este politicamente então todo poderoso.

Finda a sua missão de tres anos em Berlim, Gérard viu Gambetta cumprir palavra nomeando-o secretario de embaixada de 2.ª classe na Secretaria de Estado, em Abril de 1880, logo em 1881 transferido para Washington. Pouco af se demorou, Gambetta ao presidir ministerio chamando Gérard a serviços perto dele, Gambetta amigo de um só rosto.

Apreciando a colaboração de Gérard, Gambetta nomeou-o secretario de embaixada em Madrid. Nesta capital receberia Gérard, em 1882 a noticia da morte do incomparavel amigo e a recebeu em prostração e dôr imensa.

Conselheiro de embaixada em Roma, na Suíça, ministro no Montenegro, em seguida no Brasil, depois na China, na Belgica e por ultimo no Japão, Augusto Gérard servio á França com inteligencia, critério e êxitos felizes.

Em 1891 fazia-se de viagem para o Brasil, deixando em Paris mãe adorada. A 7 de Abril de 1891 embarcava em Bordéas para travessia de quinzena a bordo do vapor francês *Brésil*.

O Rio de Janeiro produziu em Gérard a admiração sentida por quantos veem á nossa capital. Após não poucas dificuldades, conseguiu o ministro de França instalar legação em Petropolis, no Bingen, parte da

cidade serrana de nome devido a antiga colonia de alemães.

A legação francesa conseguiu moldura formosa na chacara das Camélias, pertencente aos barões de S.

Joaquim, que de viagem para a Europa por exceção a haviam cedido.

A chacara devia nome á profusão de téaceas imortalisadoras do missionario Camelli que á Europa, de presente, as trouxera da Asia Oriental. Perto de mata virgem, a chacara tinha jardim cheio de flôres odoríferas, A legação de França era um sitio boscarejo para calma e meditação.



Augusto Gérard
(1852 — 1922)

Gérard completou-lhe o encanto com um belo mobiliario e objetos de arte, tudo grato ao recebimento de colegas e amigos brasileiros, dous deles, o visconde de Taunay e Joaquim Nabuco, mais chegados ao apreço de Gérard.

De vida na patria ou no estrangeiro, Gérard se relacionara com personalidades verdadeiramente tais. Privara com Gambetta e por ele com o que á França politica tinha por melhor. Entendera-se com Bismarck, nada apreciador da sua influencia francesa junto de imperatriz da Alemanha. Enfim Gérard vira muito e muitos até vir ter emprego no Brasil, que conheceu um pouco, e onde conheceu não poucos.

Apresentou credenciais a Deodoro, presidente da Republica, no palacio Itamaraty. Deodoro recebeu Gérard, ao tempo do governo do Barão de Lucena, presente este á cerimonia, e com ele o ministerio, a casa civil e militar e varios officiais do exercito.

Achava-se Deodoro combalido por violenta crise de asma. O discurso de resposta ao novo representante

da França foi lido pelo ministro do Exterior, Justo Chermont, abreviada a cerimonia pelo melindroso estado de saúde de Deodoro, quasi á desmaio, do que teve Gérard profunda impressão.

A contenda de limites Brasil-Guiana, como a de todos os ministros de França no Brasil, foi a preocupação de Gérard. Estudou-a este nos arquivos da legação e em varias obras, preparando-se para discutir.

Ao julgar-se senhor do assunto, Gérard dirigiu-se á Secretaria do Exterior, então no cais da Gloria, no antigo palacete Bahia, de coreografica memoria pelos estrondosos bailes do visconde de Merity, sobretudo a 15 de Agosto; dia da Assunção da Virgem.

Avistou-se o ministro de França com o ministro Chermont, moço, (Gérard deu-lhe 28 anos, tinha 34) e com o visconde de Cabo Frio, diretor da Secretaria de Estado, idoso, experiente pelo tempo e pelo conviver humano, com ou sem diplomacia.

Na epoca, Cabo Frio, nos seus 73 anos era o Nestor da nossa diplomacia se o ministro Chermont pela juventude lhe era apenas o Benjamin do momento. Na Secretaria de Estado tinha Gérard o maximo cuidado de "não dar muito a um, nem pouco ao outro."

A missão Gérard trazia programa com dous pontos capitais: estabelecer as relações da França com a nova republica do Brasil, desenvolvendo sobretudo as relações economicas entre os dous paizes, e dirigir á questão da Guiana no sentido de solução equitativa, a questão ulteriormente sujeita á arbitragem da Suíça.

Começando missão na presidencia Deodoro, devia Gérard terminal-a na presidencia Floriano. De Abril de 1891 a Julho de 1893, o ministro da França, no Rio ou na petropolitana chacara das Camélias, teve ensejo de tratar com a mór parte das figuras politicas do cenario brasileiro.

No apreciar Cabo Frio, declarando-o "a alma, a tradição, o arquivo vivo do Ministerio do Exterior", Gérard entendeu-se com seis ministros do Exterior, a título efetivo ou interino.

Bastantes foram os aspectos da vida nacional, de centro carioca, observados pelo ministro Gérard.

Um de tais aspectos, em febre de dezeto mezes, achou-se ser o periodo de especulação financeira no Rio de Janeiro periodo pela terrível e risonha veia popular alcunhada de *O Encilhamento*, posto o hipismo em companhia do jogo de bolsa desenfreado. Os jornais do tempo darão elucidativa conta do periodo no qual a inflação mo etaria, os preços absurdos, o cogumelar das miragens de riqueza no quarteirão da rua da Alfandega.

Feram substituidas por uma trocaca de desilusões acabando em saraiva de disturbios na rua do Ouvidor, então ainda não bipartido "corredor racional".

A vida de Gérard no Brasil tambem se bipartio entre o Rio de Janeiro e Petropolis. O Rio era a capital rumorosa, dos sucessos e do soar boatos, os eternos boatos de todo grande centro, Petropolis dava refugio fluminense fluvial e montanhês.

Nele devia conviver, e conviveu, o ministro Gérard com os colegas do corpo diplomatico; este em toda sociedade em que vive forma por sua vez sociedade especial cujos membros se observam, fiscalizam e criticam mutuamente, obedecendo aliás no parecer exceção á regra geral da Sociedade Humana.

Fugindo do rubro sol do Rio de Janeiro e do sobresalto da febre amarela, o corpo diplomatico em 1891, 1892 e 1893 gostava sobremaneira de Petropolis.

O decano do corpo diplomatico, no qual se encarnava o espirito diverso de tantas nações, tinha por decano Monsenhor Gotti, futuro cardinal, que magistralmente soube aproveitar a dis sociação da Igreja e do Estado.

Entre todos os diplomatas foi Monsenhor Jeronimo Maria Gotti aquelle que no animo de Gérard produziu maior impressão.

Do posto no Brasil, Gérard seguira para a legação de Pequim. Madame Tugini, senhora do ministro italiano, ofereceu a quem se ia um jantar de adeus em sala forrada de panos chineses, os cardapios ornados de desenhos chineses, as tres filhas meninas do casal Tugini vestidas á chineza. Dous secretarios da legação britanica, Greville e Harford, fantasiados de mandarins, participavam do jantar de despedida.

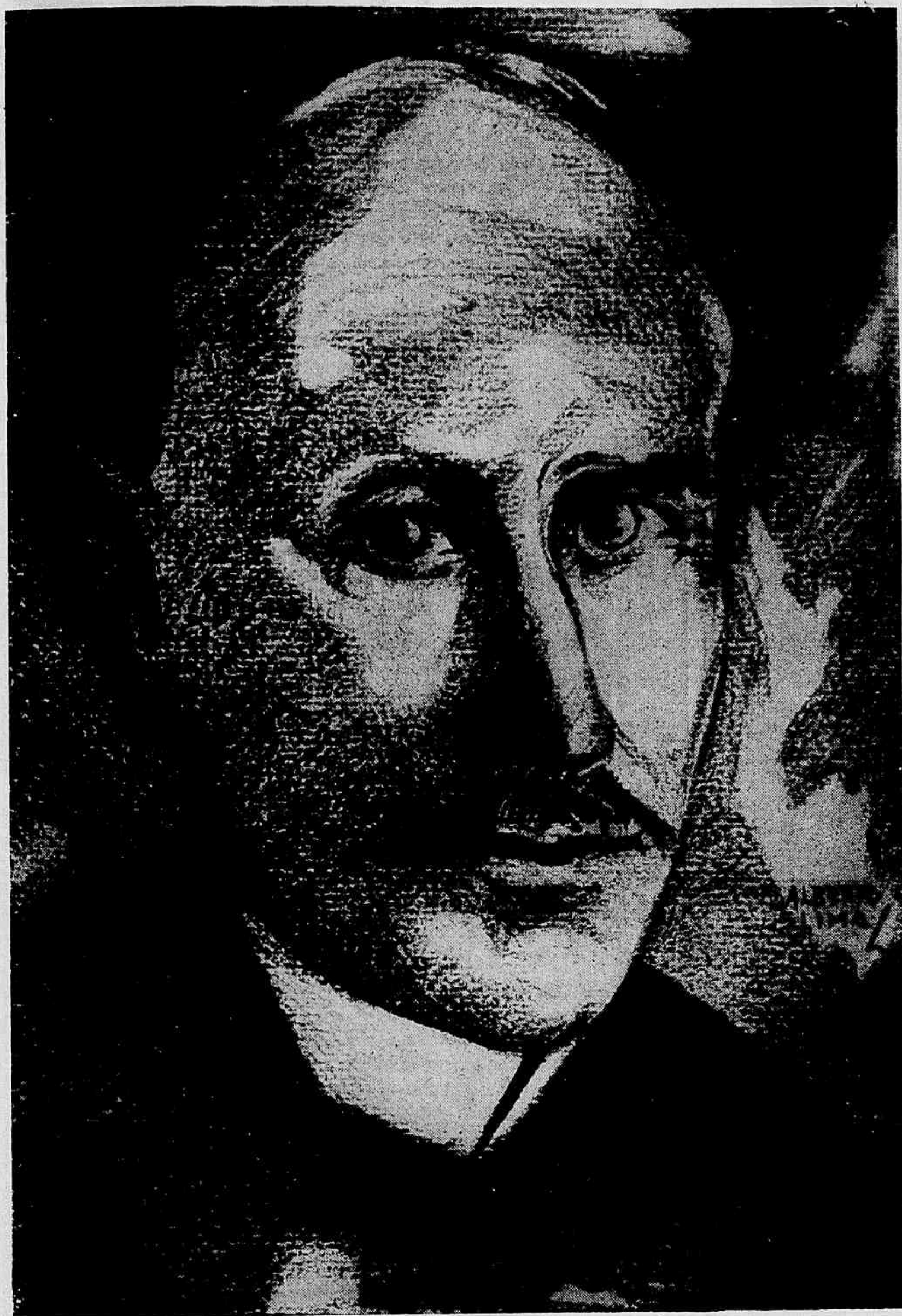
Na estação de Petropolis, no caes Pharoux no Rio de Janeiro, a bordo do *Portugal*, o ministro de França recebeu adeuses amigos. Um navio de guerra inglês ancorado no porto, por ordem do ministro da sua nação, deu salva de quinze tiros em honra do viajante.

Continuando carreira, Gérard servio dedicadamente a França na Asia e na Europa, e as obras do diplomata em favor da patria, expressão de Hanotaux, "chegaram ao mais elevado cimo das grandes cousas historicas".

Pagaram sacrificios de saúde e de zelo, com injustica e ingratidão. Gérard era um digno e os dignos, victimas de iniquidades calam-se. De termino de vida no retiro, no estudo, no relato dos sumos acontecimentos de ordem internacional dos quais fôra partícipe, Augusto Gérard se extinguiu a 17 de Setembro de 1922. Reclame o Brasil um pouco da sua honrada memoria.

MORREU ROMAIN ROLLAND?

VIDA E OBRA DO GRANDE ESCRITOR FRANCES



ROMAIN ROLLAND num desenho de Alberto Lima.

balho se resume em destruir as nações caóticas e transformá-las em agrupamentos harmoniosos".

Veio ao mundo Romain Rolland em Clemency, na Borgonha (França), filho de tradicional família gauleza. Viveu a infância na terra que lhe serviu de berço; depois, foi para a capital do país onde se matriculou na Escola Normal Superior, cursando Filosofia e História, doutorando-se, afinal, em letras com as teses: "Cur ars picturae apud Italos XVI Saeculi deciderit" e "As origens do teatro lírico moderno" (1895), obra esta de sucesso, premiada pela Academia da França. Fez, a seguir, conferências sobre a história da arte, na mesma Escola Normal e na Faculdade de Letras de Paris.

Iniciou-se em, aproximadamente, 1911, como teatrólogo, escrevendo nesse campo trabalhos histórico-filosóficos em torno da Revolução Francesa. Pioneiro do teatro popular na França, veem daí "São Luis", em 1897; "Aert", em 1898; "Os Lobos" (sob o pseudônimo de Saint-Just), em 1898; "O triunfo da Razão", em 1899; "Danton", em 1900; "O 14 de Julho", em 1902; "A Montespain", em 1904; "As três amorosas", em 1905; e várias outras peças. Em 1909 escreveu "Teatro da Revolução" e, em 1913, publicou "O Teatro do Povo".

Escreveu trabalhos importantíssimos sobre Millet, Beethoven, Miguel Angelo, e ainda "Músicos de outrora", "Músicas de hoje", "Vida de Tolstoi".

Em 1915, em plena guerra, já com nome feito, escreveu o notável romance "Jean-Cristophe", a que já aludimos, premiado pela Academia Francesa, recebendo, então, real consagração.

Tentando colocar-se acima da fogueira da luta escreveu, ainda em 1915, o discutido "Au dessus de la mêlée" — um libelo contra a guerra. Recebeu, em 1916, o "Prêmio Nobel da Paz".

A guerra ofereceu ainda motivo para outro livro de Rolland, em 1919: "Les Précurseurs".

Escreveu, a seguir, "Clerambault", "O jogo do Amor e da Morte", "Os Leônidas", "Teatro da Revolução", "Alma Encantada".

Outras obras que o talento fecundo de Romain Rolland produziu, além de peças teatrais e romances, foram: "Os povos assassinados", em 1917; Mahatma Gandhi, em 1926; "O Evangelho Universal", "A vida de Vive Kamand", "Companheiros de estrada", estes últimos por volta de 1930.

As obras de Romain Rolland são conhecidas do público brasileiro através de leituras no original, tendo sido aliás muitas delas traduzidas por editoras nacionais.

Acaba de expirar, dizem, em um campo de prisioneiros, o escritor Romain Rolland, grande figura de nossos tempos. Será verdade?

Homem de espírito, de cultura e de combate, suas convicções extremadas colocaram-n'o dentro de um socialismo avançado, levando-o a atitudes fortes, tanto que, na guerra de 1914, abrigou-se na Suíça. E, depois da guerra, continuou sempre o mesmo — as suas idéias marcando o espírito de suas obras.

Escreveu para o teatro com sucesso até mesmo político, tendo, através da "Revue d'Art Dramatique", defendido seu pensamento.

A principal produção de Romain Rolland é "Jean Cristophe", livro que é menos um romance do que uma biografia. Obra que monta a dez alentados volumes, traz ela o desdobramento da doutrina socialista do escritor, que proclamou em um de seus mais lidos e curiosos livros: "Eu não pertencço a uma raça; pertencço à vida, inteiramente à vida. O meu tra-

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE ESTIMULA O CEREBRO DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO
PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166



Para combater o nervosismo e criar rapidamente novas energias, Quaker Oats é a aveia indicada pela sua triplice riqueza em Thiamina (vitamina B1). É também, 3 vezes mais rica em ferro, elemento indispensável ao enriquecimento do sangue. Pela sua triplice riqueza em fósforo, beneficia ossos e dentes. E com tudo isso, econômica e de fácil preparo, a aveia Quaker Oats é ainda um prato verdadeiramente delicioso, que se come com prazer todos os dias. Compre hoje mesmo uma lata e dê Quaker Oats a todas as pessoas da sua família.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.

**Ele ficou pasmado
Vendo o belo penteado!**



Pasme também, senhorita, todos os rapazes que vejam o seu penteado. Use ÓLEO DE LIMA, produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.



ÓLEO DE LIMA

Livros

POESIAS, de Affonso de Carvalho, ilustrações de Alberto Lima—Rio de Janeiro—1943.

O sr. Affonso de Carvalho começou poeta. Veio ao mundo... das letras, antes da corrente, chamada desta vez futurista, que nos últimos anos tem repetido a tentativa dos inimigos da arte de versejar. Não queremos com isto chamar-lhe velho — nem moço. Os poetas não tem idade como os simples mortais; quando necessário, deixam de a reconhecer ou conseguem alterá-la, o que vem a ser ditosamente a mesma coisa.

No seu advento, o sr. Affonso de Carvalho encontrou em pleno esplendor a poesia de Bilac, Raymundo, Alberto e seus irmãos em Apolo. Ainda se falava deslambadamente em parnasianismo. O jovem rimador deixou-se apaixonar por essa figura de perfeição plástica que se fazia acompanhar, envolver, duma música igualmente impecável. Como o cinzelador peregrino das *Panoplias*, quiz anunciar às gentes e aos espaços a sua profissão de fé. E saíu-lhe da alma este soneto de impeto e de ascensão, a que a pena do sr. Alberto Lima agora consagra, num fundo de página, a alegoria mais sugestiva:



Sou Tântalo! Para o alto estendo a mão!
E ela nervosa, súplice, procura;
Agitada num gesto de loucura,
Aquilo que se chama — Perfeição!

E subirei cantando para a altura!
Ouvindo sempre a voz da inspiração.
Deixo que a Terra, sempre falsa e impura,
Fique a rugir e a praguejar em vão!...

Irei colhendo rosas no caminho!
Será nectar o sangue que os penedos
E as pedras me arrancarem! E, sosinho,

Num rosal, num abismo, como fôr,
Cantarei para os brutos e os rochedos
O hino da Vida e a Perfeição do Amor!...

O seu primeiro livro justamente se intitulou *Poemas parnasianos*. E ainda à primeira parte do presente volume ele chama *Caminho de Apolo*. Nem sempre, porém, o sr. Affonso de Carvalho tem andado por essa estrada sem fim... Tomou outros rumos: para a crônica, para o romance, o ensaio crítico, a campanha política, a historiografia, o teatro. O seu espírito buscava as modalidades de estudo e de realização considerando nelas, de cada vez, um problema a resolver, uma batalha a vencer. E, em verdade, não há motivo, do ponto de vista do êxito, para que ele não continue a procurar e a variar.

Este livro representa, pois, o momento em que os trabalhadores mais esforçados e os mais aventureiros desejam voltar, dalgum modo, ao princípio. Vem-lhes uma ânsia de recomençar. Tendo remontado aos primeiros versos que achara dignos da letra de fôrma, o sr. Affonso de Carvalho faz uma espécie de recapitulação. Recorda, na sua carreira poética, as obras de que sentia mais saudade: panoramas, cantos heroicos, idílicos e uma ou outra trova popular, daquelas que parecem ser de todos os tempos, gratas ao sentimento e ao engenho de todos os poetas. E, companheiro fiel, camarada íntimo, solidário pelo espírito como pelo coração, o desenhista vai deixando em cada página composição inspirada, vinheta ligeira, simples rabisco, o comentário daquela viagem dum poeta pelas regiões reaproximadas e por entre as redivivas imagens do seu sonho.

Os MAIS BELOS CONTOS DE AMOR (2.ª série) traduzidos por Edison Carneiro, F. dos Reis Coutinho, I. da Cunha Borges, Manoel Rodrigues da Silva e Odilon Gallotti — Rio de Janeiro — 1943.

Na primeira série desta publicação foram incluídos trabalhos de Machado de Assis e Humberto de Campos. Considerou-se talvez que dois nomes representavam demasiada concessão às letras brasileiras e assim neste segundo volume só figura um: José de Alencar. Este mesmo é apresentado com *Cinco minutos* que, se não é, confere a declaração do personagem narrador, um romance, também, por não apresentar as duas condições: concisão e movimento, está fóra da classificação habitual do conto. O mesmo se poderia dizer das produções de Dostoievski, Proust, Wells, Huxley. Outras, porém, oferecem o corte desenvolto e a eloquência sucinta que constituem a grande dificuldade mas, quando conseguidas, o grande atrativo do gênero. Assim podemos ler ou recordar como modelares, por estas páginas fóra, os trabalhos de Oscar Wilde, Colette Yver, Sudermann, Benavente, Henri Duvernois, Turgenev; e há ainda um delicioso conto humorístico de Tristan Bernard, um conto-dialogo de Edouard Zamacois e um conto em tres episódios rapidíssimos, do autor de *Pour lire sous la douche*, o doido varrido do humorismo parisiense: Cami.



AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, romance de Julio Diniz — Rio de Janeiro—1943.

Vem-nos ter inesperadamente sobre a mesa um livro adorável. E', a bem dizer uma aparição. No meio dos livros de História, dos livros de viagens, de critica, de guerra

Novos

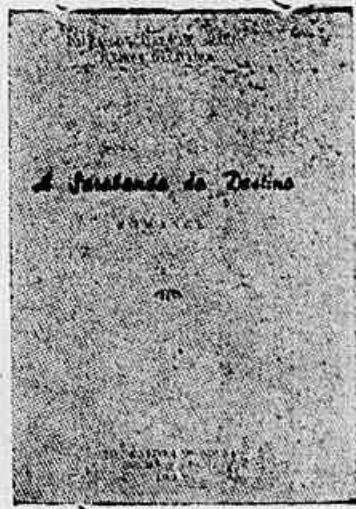
estávamos tão longe da paisagem amável do Douro e das ingênuas figuras de Julio Diniz...

"Crônica da aldeia" chamou ele a estas páginas colhidas em flagrante, respiradas no ambiente autêntico, vividas em pessoa pelo autor mas, através de toda observação, todo naturalismo, ditadas pelo seu coração. Aquela qualificação de frontispício, que sem dúvida obedeceu à modéstia, nem por isso, se bem atentarmos na essência e na forma da obra, deixa de se tornar a mais adequada. Significa a ausência ou o des-caso da inventiva. Não se surpreende, com efeito, na suc-são destas cenas campestres, o fio que as deve relacionar e manter em mais ou menos metódico seguimento. Do ponto de vista novelesco e para o efeito sensacional, não há aqui imaginação. São coisas que, de certo modo, sucederam e de que um poeta foi tomando nota para as transmitir às sensibilidades da natureza da sua. Biógrafos e comenta-ristas se tem dedicado a identificar os personagens de Julio Diniz, entre os quais ele próprio. Sucede, porém, que nos documentos, nas certidões rigorosamente obtidos, nenhuma figura se iguala à que, no livro, lhe corresponde e tão familiar se tornou aos nossos olhos e à nossa emotividade. De transposição todas elas saíram parecidas e no entanto são agora outras. Julio Diniz as chamou a si, as amou, as recriou à sua imagem e semelhança. Fez isso aos indivíduos, aos cenários, aos costumes, a todos os episódios e aspectos da vida campestre. O que de tudo isso tirou não representará rigorosamente a verdade; é, porém a "sua" verdade, e, como tal, absoluta. Assim ele com perfeita sinceridade a concebeu e nós, sincera-mente e para felicidade dalgumas horas da nossa vida, a aceitamos.

A SARABANDA DO DESTINO, romance de Daura Gonçalves de Araujo e Julieta d'Oliveira — Rio de Janeiro, 1943.

E' um romance epistolar. Principia quando a senherinha Renata Diniz de Ma-cedo comunica à sua amiga Heloisa de Castro que está noiva. O caso, de grande importância, está visto, para a primeira, não deixa de interessar grande-mente à segunda. Assim Renata responde quasi tão exultante como se o caso fosse com ela própria. Ambas as moças cultivam com delícias o gênero que tanto ilus-traram Cícero, Mme. de Sévigné, o Padre Antônio Vieira. E, através da correspon-dência que entre as duas se estabelece e a cada pretexto vai crescendo até formar sessenta e uma cartas, se desenrola a história das duas criaturinhas, dos seus respec-tivos amores e das pessoas que mais ou menos se lhes relacionam.

Há um romance admira-vel de Paul Hervieu: *Peints par eux mêmes*, em que os personagens se definem e explicam a si próprios, cada qual à sua maneira, com a sua sinceridade ou o seu arti-fício, mas acabando, todos eles, "parecidíssimos" nas



missivas que, espontânea ou obrigadamente, se dirigiram uns aos outros. E' uma série extraordinariamente anima-da, viva, de retratos psi-cológicos. Uma galeria de almas. Na *Sarabanda do Des-tino* as personagens, em ver-dade duas apenas, imedia-tamente se dão a conhecer por fóra e por dentro. Nas novidades ou confidências que trocam nem sempre reina



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



a alegria expansiva das primeiras vizes. Lá veem, também, os transe de duvida, de-cepção, desastre, luto, dolorosa, trágica aventura... Como na vida de toda a gente.

As cartas de Renata foram escritas por Daura de Araujo, e as de Heloisa por Julieta d'Oliveira. Mas os dois estilos se equiparam ou, mais propriamente, formam um só que nos torna a leitura agradável, simpática. E tudo leva a crer que as duas escritoras, evidentemente ambas jovens, não tardem a corquistar brilhantes situações ou, se conti-nuarem assim, um só lugar de honroso des-taque nas letras brasileiras.

J. L.

EDUCAR UMA CRIANÇA

Mais de vinte anos são precisos para educar um filho, despendendo-se dinheiro todos os meses.

Se antes desses vinte anos o pai não estiver presente, quem o substituirá?

— Por meio do seguro de vida supre-se um pecúlio que vai garantir o custeio dos estudos ao mesmo tempo que provê recursos para manutenção da família.

S U L A M E R I C A
Companhia Nacional de Seguros de Vida
CAIXA POSTAL, 971 RIO DE JANEIRO

NUMEROS ATRAZADOS DESTA RE-VISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48

ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO
Nº 1210 C/CX.
Nº 1217 C/CX.

SABONETE
Nº 1280

PO Nº 1250

EXTRACTO
Nº 1200-F
Nº 1201-F
Nº 1202-F

EXTRACTO
Nº 1211 C/CX.
Nº 1211 S/CX.
Nº 1211-M

BRILHANTINA
Nº 1212

T. T. T. QUINO

Oliver Wendell Holmes

Comemoração do 134.º aniversário de seu nascimento. Uma impressionante figura literária da nova Inglaterra do século 19

BOSTON, MASSACHUSETTS — Agosto (INTER-AMERICANA) — Na época em que florescia a arte da conversação na região dos Estados Unidos conhecida como Nova Inglaterra, quando os Liceus estavam no seu apogeu e se cultivava o hábito das conferências, quando os jantares do Saturday Club, composto pelos mais inteligentes conversadores do século XIX, se convertiam numa tradição de Boston, havia uma figura que se destacava sobre todas as demais — era Oliver Wendell Holmes.

Holmes encontrava o maior prazer de sua vida nas conversas brilhantes e espirituosas. A animação de uma boa palestra o despertava. Ele era a delícia de muitos salões de Boston do século XIX.

"Não, James", costumava ele dizer a seu amigo James Russell Lowell, "deixe-me falar sem me interromper". E não havia ninguém que o acusasse de megalomania.

Nascido em Cambridge, Massachusetts, a 29 de Agosto de 1809, Holmes pertencia à casta dos "Brahmanes de New England", um famoso grupo de intelectuais. Formou-se pela Universidade de Harvard, na "famosa classe de 1829", assim chamada porque produziu numerosos homens famosos.

Depois de estudar Direito durante dois anos, Holmes transferiu-se para o curso de Medicina, estudando dois anos em Paris, regressando depois a Boston cheio de ambição profissional. Embora obtivesse apenas um sucesso moderado na clínica geral, tudo que escreveu reflete seu espírito arguto e inteligente. Algumas de suas mais notáveis e inteligentes observações se encontram no seu volume de ensaios médicos. Neles descobriu verdades revolucionárias e fez sugestões que deixou aos médicos mais indulgentes o encargo de levar às últimas consequências.

Como professor de anatomia e fisiologia, primeiro em Dartmouth, depois em Harvard, obteve significativos êxitos. Suas aulas eram vivas e cheias de espírito.

Oliver Holmes foi ao mesmo tempo médico, poeta e ensaísta. Em 1830, escreveu "Old Ironsides", seu mais famoso poema. Foi escrito de um só jacto numa tira de papel, logo depois de ele saber que a fragata "Constitution" (Old Ironsides) tinha sido destruída. Esse poema despertou o sentimento patriótico de salvar o navio que tinha sido lançado em 1797 para a posteridade.

Em 1856, Holmes associou-se a James Russell Lowell para editar um magazine que recebeu o nome de "Atlantic Monthly". No primeiro volume dessa revista apareceu a série de escritos "O autocrata da mesa de jantar".

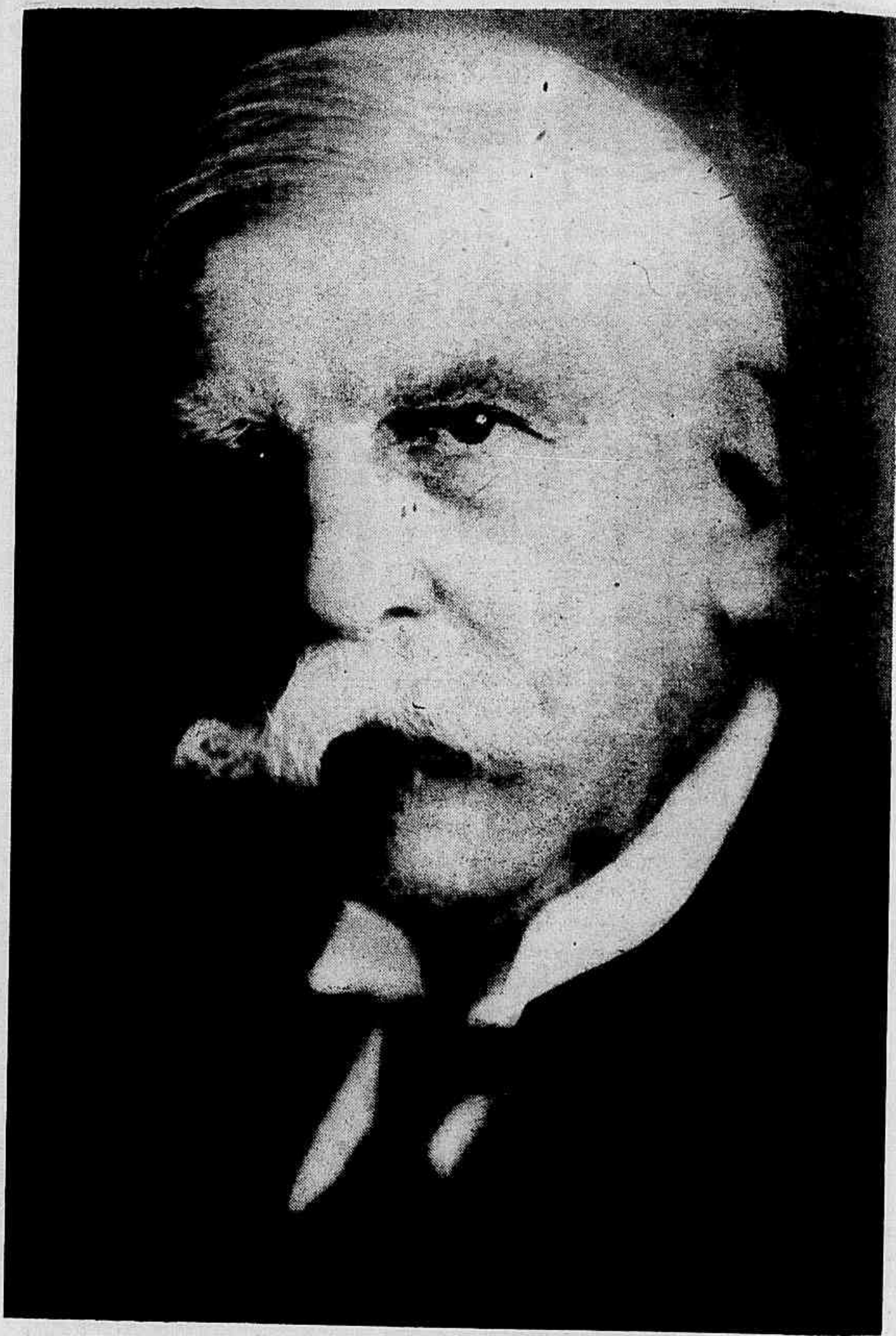
O esplêndido êxito de "O autocrata" inspirou trabalhos similares, como "O poeta" e o "Professor da mesa de jantar". Nesses livros Holmes escreveu tal como costumava falar nos salões em que era recebido, embora talvez nem sempre tão bem. Muitos de seus poemas nos três volumes referidos conquistaram admiradores em todo o mundo.

Holmes escrevia poesias a intervalos mais ou menos regulares. Além disso, escreveu também três novelas. Seu estilo em prosa é admirável, caracterizando-se por um perfeito senso do valor das palavras e sua propriedade para a expressão de um sentimento desejado.

Oliver Wendell Holmes casou-se em 1840 e teve dessa união três filhos. Esteve posteriormente na Inglaterra, onde recebeu o título de doutor "honoris causa" pelas universidades de Cambridge, Edinburgh e Oxford. Uma observação tipicamente humorística de sua viagem foi a que ele fez a respeito do rei William IV: "O rei assoou o nariz duas vezes, e limpou o suor real repetidamente de uma face que é provavelmente a maior região incivilizada da Inglaterra".

A 7 de Outubro de 1874 morria o "autocrata da mesa de jantar". Holmes foi sepultado na King's Chapel, de Boston, onde hoje se lê o seguinte epitáfio:

"Em suas palestras e em seus escritos revelou aguda visão, espírito, devoção à verdade, amor ao lar, aos amigos, à pátria e uma sã filosofia. Um verdadeiro filho da Nova Inglaterra, seus trabalhos declaram o lugar de seu nascimento e a época em que viveu mas sua influência transcende de muito esses limites."



OLIVER WENDEL HOLMES

Apareceu no norte um poeta

De DEMOCRITO ROCHA

O meu conhecimento com Soares Bulcão data de 1910, quando eu ainda nem ao menos pensava em vir bater no Ceará.

Passara alguns dias com Ulisses Sampaio no interior de Sergipe e, ao voltar a Aracaju, à mesma noite da chegada recebi, na famosa "república" da rua Itabaianinha, a visita de três poetas amigos: Gamaliel de Mendonça, Garcia Rosa e Jackson de Figueiredo, um parnasiano, um lírico e um simbolista.

Jackson trazia dois números da revista "Careta", e foi quem nos deu a notícia:

— Apareceu no Norte um poeta originalíssimo chamado Soares Bulcão.

Mostrou as revistas onde, em cada edição, se publicava uma página inteira com os versos das "Parêmias".

O autor dos "Zingaros" estava cheio de entusiasmo pela obra do cearense e já lhe sabia toda a história privada e literária. Garcia Rosa gostou do poeta, e Gamaliel de Mendonça, um crítico insaciável, pôs em destaque o talento de Soares Bulcão em dar poesia de forma ao tema vulgar da sabedoria do povo, "no seu legítimo falar". E sentenciou:

— O homem é sóbrio.

Jackson, com o seu natural arrebatamento, retrucou:

— Sóbrio, não! Esse homem é um monstro!

E começou a recitar as parêmias que mais o sensibilizaram, desdobrando-lhes o sentido filosófico.

Garcia Rosa, um gigante delicadamente macio e doce como o lirismo de seus versos, obtemperou que precisava ler o trabalho de Bulcão. Não podia julgá-lo através da ênfase sugestiva de Jackson, cuja voz, cujos olhos, cuja mímica exerciam uma espécie de fascinação sobre os ouvintes, quando lia uma página qualquer. Quem depois fosse ler o verso ou a prosa muitas vezes não encontrava mais a beleza anterior. Toda a magia fora obra de Jackson, do calor da sua expressão.

Mas a verdade é que nós todos, em seguida, vivíamos ansiosos pela chegada dos vapores do Rio, com a "Careta" e as "Parêmias".

Dois anos depois acolhia-me o Ceará e, no atordoamento da mudança de terra, Soares Bulcão não me veio à lembrança.

Certo dia, na rua Guilherme Rocha, avistei uma aglomeração popular. Apressei os passos. Havia um homem contundido, derribado no calçamento e outro que dele se afastava tão sereno como se apenas tivesse ido reconhecê-lo.

Alto, esbelto, elegante, vestindo linho branco e usando um chapéu de largas abas — esse homem, que derribara um antagonista e se retirava tranqüilo, era Soares Bulcão, o poeta que eu de longe sonhara uma figura débil e melancólica, a escrever quadras nostálgicas e poesias sentimentais.

Fui aos poucos me integrando na vida cearense, ampliando minhas relações e conquistando amizades. Bulcão foi um amigo que eu tive desde 1920 e as nossas afinidades tinham maior valor exatamente porque, no meio das mais extremadas lutas partidárias, o seu campo não era o meu.

Dois temperamentos capazes dos mais rudes embates e dos mais suaves enternecimentos, nunca entre nós uma nuvem turvou a atmosfera de nossa cordialidade (e quantas vezes as refregas políticas e os episódios da vida nos atiraram um contra o outro!).

Aristocrata do pensamento e das atitudes, circunspecto, mesmo entre os mais íntimos do seu convívio, Soares Bulcão tinha uma inquebrantável personalidade e a compostura do seu estilo literário era um retrato fiel do equilíbrio de seu temperamento e de seu caráter.

Quando morreu Antônio Sales encontrei o autor de "Parêmias" em nosso ponto diário de palestra, no "Banco da Opinião Pública", e lhe pedi:

— Você vai escrever um trabalho sobre o Sales.

Bulcão tivera uma desinteligência de menor importância com o glorioso cantor de "Minha Terra". Mas dona Lígia Bulcão de Vasconcelos, sua dileta filha, espírito brilhante e generoso, conseguira atagar aquela ligeira mágua entre os dois poetas e, quando Sales se partiu, com o coração a sangrar pela derrota da França, o autor de "Parêmias" foi um dos que lhe velaram o leito.

O artigo de Bulcão sobre Antônio Sales é uma página de antologia, em que o artista, o crítico e o amigo maravilhosamente se confundem e se misturam.

Depois veio a doença.

Em várias ocasiões encontrei-o no consultório médico e compreendi que o homem não sabia lutar contra a enfermidade. Faltava-lhe o temperamento para combater em retiradas e transigências.

A última vez em que nos avistámos foi no princípio de Maio, um Maio sem flores, de uma terra orfanada, sem as chuvas do inverno.

A fisionomia do poeta guardava a majestade de um rei medieval, com a sua imponente cabeleira grisalha e um ar de quem sentia a morte, mas desejava morrer de pé. Contaram-me depois que ele fora ao sertão ver as águas nos açudes e o sol nos algozoais.

Acreditou na vida e tentou vivê-la, numa espécie de preressurreição.

Mas a doença, inexorável, continuou a sua marcha.

O poeta notou de fato que a morte chegava e reagiu como Cyrano de Bergerac:

— Elle vient. Je déjà botté de marbre
Ganté de plomb!
Oh! mais!... puisqu'elle est en chemin,
Je l'attendrai debout, e l'épée à la main!"

E, como Cyrano, deverá Soares Bulcão ter entrado no reino de Deus, varrendo o batente celeste com o penacho de sua compostura individual: "sans un pli, sans une tache".

VISITANTE DO EGITO

FRANK BELKNAP LONG, JR.

(Novela traduzida especialmente
para a REVISTA DA SEMANA)

Numa tarde cinzenta e chuvosa de Agosto, um cavaleiro alto, muito magro, tamborilou com os dedos, timidamente, na vidraça gelada do escritório do zelador de certo museu da Nova Inglaterra. Usava sobretudo de chinchila azul escuro, chapéu côco verde-oliva com alta copa cônica, luvas amarelas e polainas. Uma écharpe de seda azul com pintinhas brancas rodeava-lhe o pescoço e lhe escondia completamente a parte inferior do rosto e virtualmente metade do nariz. Apenas uma pequena porção de carne rosada e cheia de rugas era visível acima da écharpe e abaixo da testa; e essa porção de sua fisionomia assim descoberta, onde estavam os olhos, era tão estranha quanto descarnada. Era na verdade tão fora do comum que impunha imediato respeito, e os guardas que recebiam generosos salários semanais simplesmente para colocar algumas jardas de tapete vermelho entre a entrada principal e o estreito corredor que levava ao escritório do superintendente renunciaram a todas as suas crelhas indagações habituais e conduziram o cavaleiro embuçado diretamente ao que um romancista vitoriano teria chamado de sagrados recintos.

Tendo tamborilado com os dedos, o cavaleiro esperou. Esperou pacientemente, mas qualquer coisa nas suas maneiras sugeria que ele estava extremamente nervoso e perturbado, e resolutamente disposto a falar ao superintendente. E no entanto, quando a porta do escritório se abriu afinal, e o zelador espiou enfiado por trás dos óculos de aros de ouro, o visitante apenas tossiu e estendeu um cartão de visita.

O cartão era de tamanho antiquado e finamente impresso, e assim que o zelador o leu sua atitude se modificou extraordinariamente. De hábito era um indivíduo supremamente vago, com uma cara comprida e pálida e olhos lígubres e condescendentes, mas de súbito se tornou ostensivamente afável, acolhendo o visitante com uma efusão que era quasi histérica. Tomou-lhe a mão enluvada e um tanto flácida e lhe deu um apertão babitresco. Fez uma série de reverências e cumprimentos, parecendo quasi fora de si de satisfação.

— Se eu tivesse sabido, Sir Richard, que o senhor estava na América! Os jornais foram desusadamente restritos — ofensivamente restritos, o senhor sabe. Não posso imaginar como o senhor conseguiu fugir aos reporters. Habitualmente eles são tão teimosos, tão indecentemente curiosos! Realmente, não posso compreender como o senhor conseguiu isto!

— Eu não pretendo falar com velhas idiotas, fazer conferências diante de matoides, nem ter meu retrato publicado em seus absurdos jornais. — A voz de Sir Richard era singularmente estridente, quasi efeminada, e tremia com a intensidade da emoção. — **Detesto** a publicidade, e lamento que não seja absolutamente desconhecido nesta... hum... região.

— Compreendo perfeitamente, Sir Richard — murmurou o superintendente, conciliador. — O senhor não tem interesse pelo que o público possa dizer ou pensar a seu respeito. Uma atitude recomendável e eminentemente sábia a adotar, Sir Richard! Uma esplêndida atitude! Compreendo perfeitamente e estou de acordo. Nós, americanos, temos que ser eventualmente delicados com a imprensa, mas o senhor não tem idéia como ela nos amola, se me permite usar um termo de gíria expressivo mas excessivamente grosseiro. De fato a imprensa é amolante, Sir Richard. O senhor não tem idéia... mas entre. Entre, por favor. Nós nos sentimos imensamente honrados com a visita de tão eminente sábio.

Sir Richard cumprimentou rigidamente e entrou com o zelador no escritório. Escolheu a mais confortável das cinco poltronas de espaldar de couro que rodeavam a secretária do superintendente e afundou nela com um suspiro levemente audível. Não tirou o chapéu nem removeu a écharpe do rosto rosado.

O superintendente escolheu uma cadeira do lado oposto da mesa e delicadamente ofereceu uma caixa de charutos

Havana. — São extremamente fracos — murmurou ele. — Não quer experimentar um, Sir Richard?

Sir Richard abanou a cabeça. — Nunca fumei, disse ele e tossiu.

Seguiu-se um silêncio. Então Sir Richard desculpou-se por conservar a écharpe. — Sofri um acidente desagradável a bordo, explicou. — Tropecei num dos jogos do tombadilho e dei um golpe sério no rosto. Estou em condições de absolutamente não me poder apresentar. Sei que me perdoará se não tiro esta écharpe.

O superintendente boquiabriu-se. — Que horror, Sir Richard! Sinto profundamente, pode crer. Espero que não deixe uma cicatriz. E' bom ouvir a opinião dum perito em tais assuntos. Creio... Sir Richard, o senhor consultou um especialista, permite que lhe pergunte?

Sir Richard balançou a cabeça. — O ferimento não é profundo, não é nada sério, posso assegurar-lhe. E agora, Mr. Buzzby, eu gostaria de discutir com o senhor sobre o assunto que me trouxe a Boston. As relíquias predinásticas de Luxor acham-se em exposição?

O zelador ficou um tanto desconcertada. Havia posto as relíquias de Luxor em exposição, nesta manhã mesmo, porém não as havia ainda arranjado completamente a seu

gosto e preferia que seu distinto hóspede as visse mais tarde. Mas claramente percebeu que Sir Richard estava tão intensamente interessado que nada que pudesse dizer o induziria a esperar, e se sentia orgulhoso com as relíquias e lisonjeado porque o mais erudito egiptologista da Inglaterra tivesse vindo à cidade expressamente para vê-las. Assim, abanou amavelmente a cabeça e confessou que os ossos estavam em exposição, acrescentando que se sentiria satisfeitiíssimo e honrado se Sir Richard quizesse vê-los.

— São verdadeiramente maravilhosos — explicou. — Trata-se do puro tipo egípcio... dolicocefálico, com feições relativamente primitivas. E datam... Sir Richard, datam pelos menos de 8.000 anos antes de Cristo.

— Os ossos são tintos?

— Pois não, Sir Richard! Maravilhosamente tintos e as cores originais quasi não se acham desmaiadas. Azul e vermelho, Sir Richard, com o vermelho predominando.

— Hum. Um costume completamente absurdo, murmurou Sir Richard.

Mr. Buzzby sorriu. — Sempre achei isto comovente, Sir Richard. Infinitamente divertido, mas comovente. Os egípcios pensavam que pintando os ossos pudessem preservar a vitalidade do corpo corruptível. Como se fosse possível a corrupção impôr a incorrupção.



Nas cores

BRANCO
ROSA NATURAL
ROSA RUBRA
ROSA CORAL
ROSA ANTIGO
CARDINAL
RUBY
CYCLAMEN
GRENAT

ESMALTE
Lalaque

Com o novo esmalte Lalaque
suas unhas brilham como joias!
Dura mais e custa menos!
A' venda em todo o Brasil

— Era um costume blasfêmico! — Sir Richard levantara-se da cadeira. Seu rosto, acima da écharpe, estava curiosamente lívido, e havia um brilho duro e metálico nos pequenos olhos negros. — Pensavam enganar Osiris! Não concebiam realidades hiperfísicas!

O zelador arregalou os olhos curioso. — Realmente, que é que o senhor quer dizer, Sir Richard?

Sir Richard estremeceu um pouco à pergunta, como se estivesse despertando de algum estranho pesadelo, e sua emoção se aplacou tão rapidamente como se alteara. O brilho morreu-lhe nos olhos e afundou silenciosamente na cadeira. — Eu... eu simplesmente me diverti com o seu comentário. Como se, pintando as múmias, se pudesse restabelecer a circulação do sangue!

— Mas isso, como o senhor sabe, Sir Richard, ocorreria no outro mundo. Era uma das mais distintas prerrogativas de Osiris. Só ele poderia ressuscitar os mortos.

— Sim, eu sei, murmurou Sir Richard. — Contavam muito com Osiris. E' curioso que nunca lhes ocorresse pen-

sar que o deus podia ficar ofendido com as suas idéias.

— O senhor está esquecendo o Livro dos Mortos, Sir Richard. As promessas que ele encerra eram muito claras. E é um livro inconceivelmente antigo. Tenho forte convicção de que ele já existia no ano 10.000 A. C. O senhor leu minha brochura a respeito?

Sir Richard acenou com a cabeça. — Um trabalho muito erudito. Mas eu creio que o Livro dos Mortos era uma falsificação.

— Sir Richard!

— Alguns trechos são indubitavelmente predinásticos, mas eu creio que o Julgamento dos Mortos, que define as prerrogativas judiciárias de Osiris, foi enxertado por algum sacerdote confucionista, mais ou menos no período histórico. E' uma tentativa deliberada para modificar o caráter implacável da divindade suprema. Osiris não julga, toma.

— Toma, Sir Richard?

— Perfeitamente! O senhor imagina que alguém possa iludir a morte? Acredita nisto, Mr. Buzzby? O senhor ima-

gina por um momento que Osiris restituísse à vida os loucos que recorriam a ele?

Mr. Buzzby corou. Era difícil acreditar que Sir Richard estivesse falando sério.

— Então o senhor acredita sinceramente que o caráter de Osiris, como nós o conhecemos, seja...

— Um mito, sim. Uma evasão deliberada e infantil. Não há homem que possa compreender o caráter de Osiris. Ele é o Deus Obscuro. **Mas arrebanha o que é seu.**

— Como? — Mr. Buzzby estava verdadeiramente assustado com o tom de ferocidade com que a última observação foi proferida. — Que foi que o senhor disse, Sir Richard?

— Nada. — Sir Richard tinha-se levantado e estava de pé em frente a uma pequena estante circulatória, no centro do aposento. — Nada, Mr. Buzzby. Mas seu gosto pela ficção me interessa extremamente. Não podia imaginar que o senhor lesse o jovem Finchley!

Mr. Buzzby corou e ficou com um ar genuinamente aflito. — Não leio sempre — disse ele. — Ordinariamente desprezo a ficção. Não é uma coisa mesmo passavelmente ilustrativa. Mas este livro... bem, há nele algumas coisas boas. Estive lendo esta manhã no trem e o coloquei com os outros, temporariamente, porque não tinha outro lugar para colocá-lo. O senhor entende, não é, Sir Richard? Todos nós temos nossas pequenas fraquezas, hein? Uma obra de ficção, uma vez por outra, é algumas vezes... eh... bem sugestiva. E H. E. Finchley é às vezes muito sugestivo.

— De fato, é. Suas narrativas egípcias são obras primas de imaginação.

— O senhor me surpreende, Sir Richard. A imaginação num erudito é coisa deplorável. Mas, naturalmente, como eu disse, H. E. Finchley não é um erudito e seu trabalho é algumas vezes esclarecedor se não o levarmos muito a sério.

— Ele conhece bem as coisas do Egito.

— Sir Richard, não posso acreditar que o senhor realmente o admire. Um simples ficcionista...

Sir Richard havia apanhado o livro e o tinha aberto ao acaso. — Permite que lhe pergunte, Mr. Buzzby, se o senhor está familiarizado com o capítulo 13, **A transfiguração de Osiris?**

— Deus me livre, Sir Richard. Não estou. Pulei esse trecho. E' uma tolice tão grotesca que me repeliu.

— De fato, Mr. Buzzby? Mas o que nos repele é usualmente digno de atenção. Escute só isto:

"E' fora de discussão que Osiris fez seus adoradores imaginarem estranhas coisas a seu respeito e que ele conservasse seus corpos e suas almas para sempre. Havia uma fúria infernal contra a humanidade, com a qual Osiris se inspirou, contando com a Morte. Na frescura da noite andava entre os homens, e sobre sua cabeça estava a Corôa do Alto Egito, e suas faces se dilatavam com um vento que matava. Seu rosto era velado, de modo que nenhum homem pudesse vê-lo, mas seguramente era um rosto encanecido, muito velho, morto e ressecado, pois o mundo era jovem, quando Osiris morreu."

Sir Richard fechou o livro abruptamente e o colocou de novo na estante. — Que é que o senhor pensa disto, Mr. Buzzby? — indagou.

— Tolice, murmurou o superintendente do museu. — Tolice, pura e simplesmente.

— Naturalmente, naturalmente, Mr. Buzzby, já lhe ocorreu alguma vez que um deus possa viver, figuradamente, uma vida de cão?

— Como?

— Os deuses se transfiguram, o senhor sabe. Dissipam-se em fumaça, por assim dizer. Em fumaça e em chama. Tornam-se pura chama, puro espírito, criaturas sem corpo visível.

— Vamos, vamos, Sir Richard, isto não me ocorreu nunca. — O zelador começou a rir e beliscou o braço de Sir Richard. — Que humorismo idiota, murmurou para si mesmo. — O homem é completamente bobo.

— Seria terrível, por exemplo, continuou Sir Richard.

(Continúa na pagina 42).

Sabina

Conto de ARTHUR AZEVEDO
Ilustração de GOULART

Havia tres anos que o bacharel Figueiredo era o amante da viuva Fontes. O marido seria se ela quizesse; mas Sabina — Sabina era o seu nome — dera-se mal com o casamento, e não queria experimentá-lo de novo.

Um mez depois do seu primeiro encontro com o bacharel Figueiredo, este dizia-lhe: — Eu amo-te, tu amas-me, eu sou livre, tu livre és: casemo-nos!
— Não! respondia ela, não! não! não!...
— Porque, meu amor?
— Porque esse fogo, esse impeto, esse entusiasmo que te lançou nos meus braços, tudo isso desapareceria desde que eu fosse tua mulher!
— Mas a sociedade...
— Ora a sociedade! Sou bastante independente para me não importar com ela.
— Tua filhinha...
— Tem apenas quatro anos; está na idade em que se olhas em ver. Demais, não quero dar-lhe um padrasto. Amemo-nos, e deixemos em paz o padre e o pretr.

II

Ficaram efetivamente em paz o ministro de Deus e o representante da lei, mas por isso o bacharel deixou de enfiar-se ao cabo de dois anos, agradecendo aos céus o haver a viuva recusado o casamento que ele lhe propuzera num momento de verdadeira alucinação.

Havia muitos mezes já que o moço ruminava um plano de separação definitiva mas não sabia de que pretexto lançar mão para chegar a esse resultado. Sabina guardava-lhe, ou, pelo menos, parecia guardar-lhe absoluta fidelidade, e nunca lhe dera motivo de queixa. Nestas condições lembrou-se o bacharel de consultar o velho Mattos, que o honrava com a sua amizade.

III

O velho Mattos era um solteirão rico e viajado, que na sua tempestuosa mocidade tivera um numero consideravel de aventuras galantes, e era ainda considerado um oráculo em questões de amor. Muitos mancebos inexperientes recorriam aos seus conselhos e taes e tão discretos eram estes, que eles alcançavam quanto pretendiam.

O bacharel Figueiredo foi ter a uma velha chacara da Gavea, onde o avisado conselheiro vivia das suas recordações e de alguns predios e apolices milagrosamente salvos do naufragio dos seus haveres.

O moço foi recebido com muita amabilidade, e sem preambulos expoz a situação: — Ha tres anos sou o amante de uma senhora viuva, distinta e bem educada; quero acabar com essa ligação; que devo fazer?

— Antes de mais nada, é preciso que eu saiba o motivo que o desgostou. Tem ciúmes dela?

— Ciúmes?... Oh! se a conhecesse!... E' um modelo de meiguice, fidelidade e constancia!

— Existe alguma particularidade que a afaste desse modelo... quer dizer: uma enfermidade... um defeito fisico... o máo halito, por exemplo?

— Pelo amor de Deus!... E' uma mulher sadia, limpa, cheirosa...

— Então é feia?

— Feia?! Uma das caras mais bonitas do Rio de Janeiro!

— Tem máo genio?

— Uma pombinha sem fel!

— Então é tola, vaidosa, pedante, presumida, afetada, asneirona?...

— Nada disso; é uma mulher de espirito, instruida e perfeitamente educada.

— E' devota? Anda metida nas igrejas?... passa horas esquecidas a rezar diante de um oratorio?...

— Apenas vae ouvir missa aos domingos.

— Talvez abuse do piano, ou desafine a cantar...

— Não canta; toca piano, mas não abusa. Digo-lhe mais: interpreta admiravelmente Chopin.

— Você gosta de outra mulher?

— Juro-lhe que não.

— Bom; sei que isso é; você aborreceu-se dela porque nunca lhe descobriu defeitos. E' boa de mais.

— Talvez. O caso é que esta ligação já durou mais tempo do que devia, e urge acabar com ela. A Sabina tem uma filha que está crescendo a olhos vista, e não é conveniente fazer com que essa criança algum dia a obrigue a corar... Depois, eu sou moço... tenho um grande horizonte diante de mim... enceto agora a minha carreira de advogado... esta ligação póde prejudicar seriamente o meu futuro — não acha?

O velho Mattos calou-se, e, passados alguns momentos perguntou:

— Quer então você separar-se dessa mulher ideal?

— Quero.

— A sua resolução é inabalavel?

— Inabalavel.

— Só ha um meio de o conseguir.

— Qual?

— Desapareça.

— Ela irá procurar-me onde quer que eu esteja.

— Boa duvida, mas faça-se invisivel, vá para a roça, e volte ao cabo de oito dias. Naturalmente ela aparece, e pergunta em termos asperos, ou sentidos, o motivo do seu procedimento. Muna-se então de um pouco de coragem, e responda-lhe o seguinte: "A vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de comum entre nós. Não me peça explicações: meta a mão na consciencia, e meça a extensão do meu resentimento!"

— Mas que facto? Pois eu já não lhe disse que a Sabina é um modelo de...

— Meu joven amigo, interrompeu o velho Mattos, não ha mulher, por mais amante, por mais dedicada, por mais virtuosa que seja, que não tenha alguma coisa de que a acuse a consciencia. A sua Sabina, em que peze ás apparencias, não deve, não póde escapar á lei comum; desde que você se refira positivamente a um facto, embora não declare que facto é, ela ficará persuadida de que o seu amante veio ao conhecimento de alguma coisa que se passou, e que a pobresinha supunha coberta pelo véo de impenetravel misterio.

— Mas a Sabina, quando mesmo tenha algum peccadilho na consciencia (eu juro-lhe que o não tem!) com certeza ha de protestar energicamente e exigir que eu ponha os pontos nos ii; ha de querer que eu diga francamente a que facto aludo, e... e vamos lá! como acusa-la sem consentir que ela se defenda?

— Ah! meu amigo! se você pretende aplicar razões juridicas ao caso, não arranja nada. A jurisprudencia do amor é extravagante e absurda. Acuse, retire-se, e não entre em explicações. Afianço-lhe que o exito é seguro.

(Continua na pág. 39).



LUIZ SÁ CONTA SUA

Acreditamos que não existe ninguém que desconheça o Luiz Sá. Os seus bonecos não têm fronteiras. Onde quer que apareçam ficam mesmo. Tomam conta da gente. Seu traço revela a espontaneidade de quem nasceu artista de verdade. Não copia ninguém e não quer saber de escolas. É ele mesmo. E o Brasil, as cenas pitorescas do nordeste, a nossa gente e os nossos costumes encontram no lápis irrequieto e irônico uma interpretação inteiramente original.

Deixemos falar o artista.

Os meus primeiros desenhos, diz Luiz Sá, foram feitos todos eles na calçada lá de casa...

— E os vizinhos?

— Bem, Havia uma D. Adelaide e a calçada da casa de D. Adelaide. Muitos banhos e muita descompostura. Mas a vida foi andando. Ao contrário de meu avô e de minha mãe que eram pintores, senti desde cedo atração pela "charge". Nada de modelos ou professores, eu gostava era de desenhar a meu modo.

Não faltaram a Luiz Sá os bons conselhos que costumamos ouvir na infância.

— "Este menino está se perdendo. Devia ir para a Escola de Belas Artes".

Mas não foi. Preferiu a calçada de D. Adelaide onde deixava para a garotada o último muro de Tom Mix, esborrachando a cara do bandido.

Luiz Sá, apesar dos seus próprios protestos, não pôde fugir do fatalismo de uma tentativa para alcançar o venerável canudo de Doutor.



A esquerda, aparece o artista falando ao reporter e á direita nosso herói é meio fechado, embora amavel e simples. R

— Cheguei a concluir o curso ginásial. Mas com o falecimento de minha mãe, vi uva, que vinha atendendo á minha educação através dos maiores sacrifícios, resolvei desistir do bacharelado. Fiz do lápis o meu ganha-pão. Foi no "Jornal do Comércio", no Ceará, que publiquei os meus primeiros "bonecos". Depois, aconselhado pelo meu amigo e conterrâneo o escritor cearense Renato Soldon, resolvi, em Outubro de 1929, conhecer o Rio e ver se abria caminho. Meu irmão mais velho, o Araújo, se encarregou de me auxiliar.

A MANEIRA DE CESAR

— Aqui cheguei. Vi, sofri, lutei e graças a Deus vou vencendo

Luiz Sá expoz, por duas vezes, aqui no Rio. A primeira mostra, em Setembro de 1931, no saguão do Liceu de Artes e Ofícios, constituído de desenhos, em que via, por um prisma todo seu, quadros celebres da Historia do Brasil, cenas bíblicas, "charges" e algumas frases famosas. Num dos quadros, intitulado "A fundação da cidade do Rio de Janeiro", aparecia Mem de Sá, auxiliado por diversos índios, erguendo o primeiro prédio da cidade e numa taboleta a legenda... "Aqui ha Otis".

— Foi um tiro. A Companhia comprou o desenho, mandando reproduções fotográficas para todas as agências daqui e do exterior.

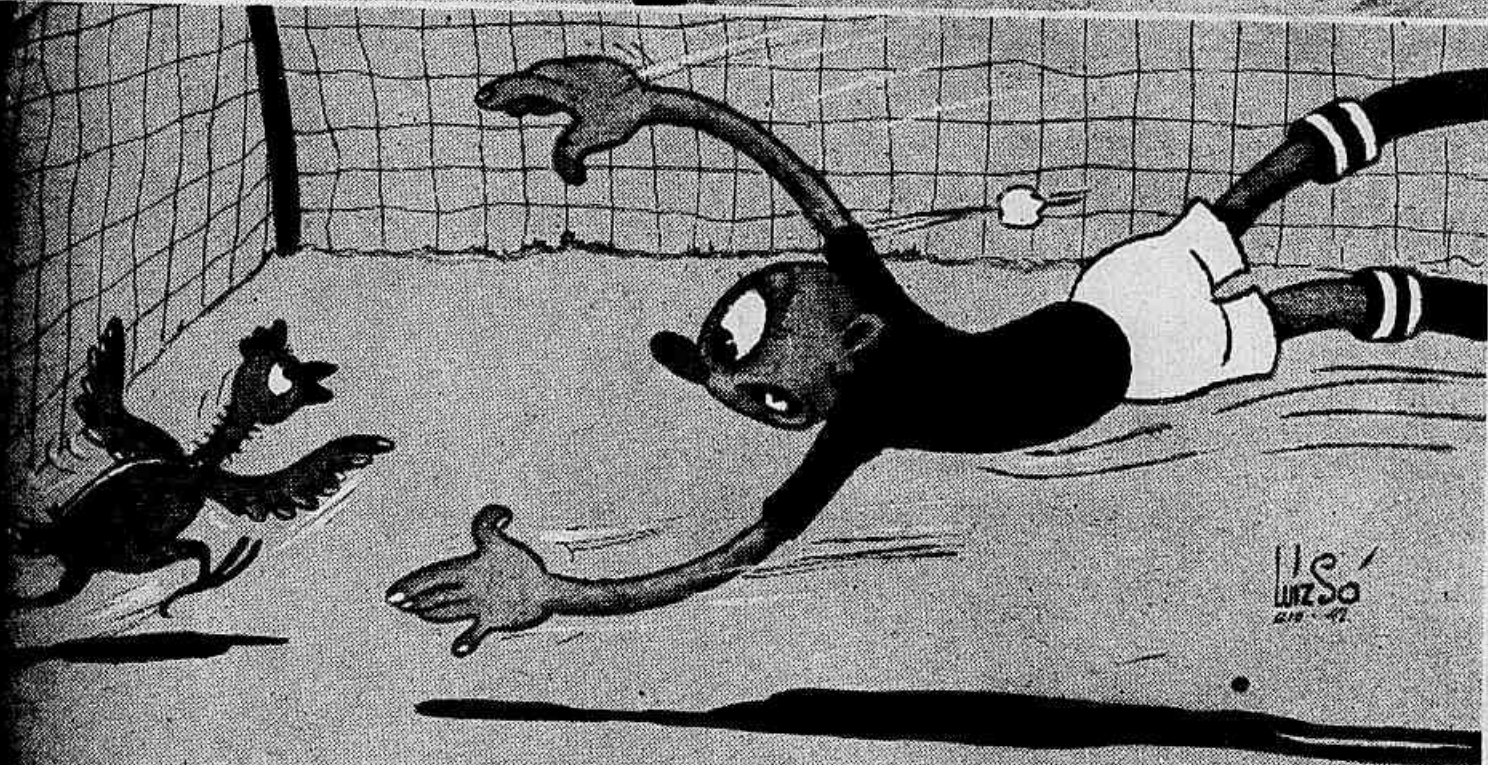
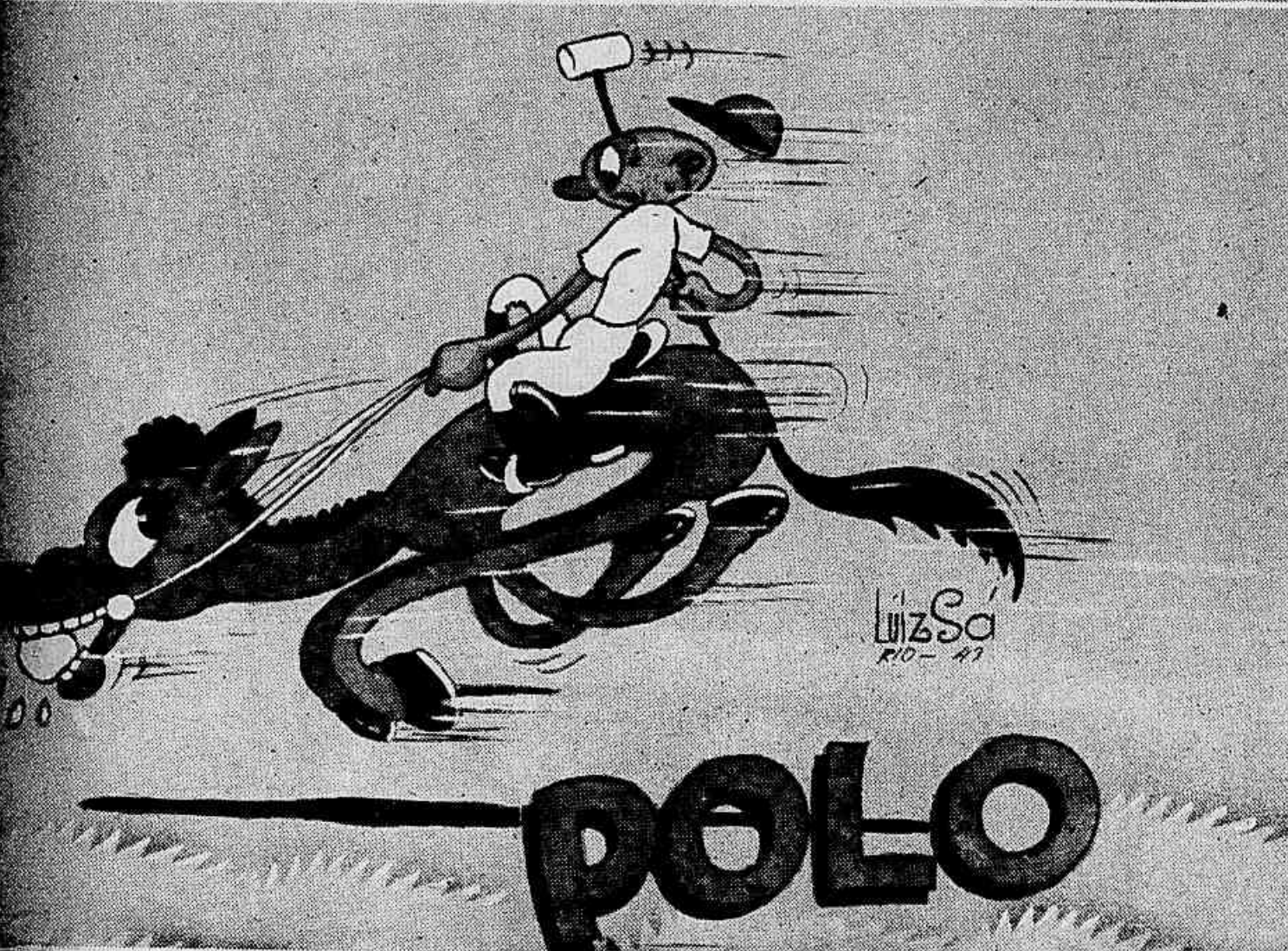
A segunda exposição, ainda no saguão do Liceu, estava constituída por desenhos coloridos a "gouache", apresentando tipos e costumes do nordeste, tratados na mesma feição caricatural, exposição que foi muito bem recebida pela critica.

Perguntamos se havia voltado ao Ceará.

— Sim. Em 1938, depois de nove anos de ausencia. Fiz uma exposição de alguns trabalhos com a finalidade de mostrar aos meus conterrâneos o progresso que havia conseguido na capital da Republica e como procurei contribuir para elevar o nível artistico da terra dos "verdes mares".

JORNAIS - REVISTAS - CINEMA

A atividade de Luiz Sá é verdadeiramente espantosa. Tem colaborado para quase todos os jornais e revistas do Rio. Nas paginas d' O Tico Tico os seus desenhos fazem rir a gurizada do Brasil. É uma colaboração que já se tornou tradicional sem contudo, apresentar sinal de velhice e enfado. Luiz Sá aparece, com o seu rolinho de



VIDA À "REVISTA"

Reportagem de *Moacir Simardi*

desenhos debaixo do braço, ao tempo de Nestor, Euclides Santos, Cortez, Alceu, Martiniano, e outros.

— Bom tempo aquele?

— Não ha duvida. Hoje o artista nacional tem que enfrentar a concorrência industrializada das historietas americanas, com as quais não pode competir, não que lhe falte talento artistico, pois inegavelmente possuímos gente de "bom calibre"... E' que as historietas americanas custam menos.

Perguntamos ao Luiz se o desenho era uma necessidade de expressão, como os versos para o poeta, ou apenas um meio de ganhar dinheiro.

— No mundo moderno não ha lugar para es que vivem somente de sonhos, nem para os que se aferram exclusivamente ao dinheiro. Misturo tudo isso e vou empurrando a vida.

— E os seus desenhos? Ha sempre neles a intenção de fazer rir, numa guerra declarada aos médicos e aos fabricantes de remédios para o fígado?

— Certo. Até mesmo nos assuntos sérios procuro injetar um pouco de humorismo. Sou alegre e gosto de comunicar algo da minha alegria aos muito tristes que existem por este mundo a fora.

Falamos de cinema

— Fui convidado pela Empresa Cineac, em Maio de 1942, para ilustrar o jornal "Imprensa Animada Cineac". Considero este fato um dos pontos culminantes da mi



Luiz trabalhando em seu gabinete. O leitor verá que o pouco. E' que o seu sorriso se manifesta através do pincel

nha carreira artistica, pois á boa aceitação deste jornal, em todos os cinemas do Brasil, devo a consagração definitiva dos meus bonecos. Luiz Sá faz uma pausa e depois prossegue:

— Lembro-me ainda da estréia. Lá estava eu entre os expectadores. Quando apareceu a primeira "charge" foi uma gargalhada só. Até eu mesmo achei engraçado.

— E no desenho sonoro?

— Tenho sempre a preocupação de produzir, de trabalhar. Consegui terminar, muito embora as dificuldades de ordem material e financeira, um desenho animado que mereceu os melhores elogios de quantos o viram, inclusive do Sr. Israel Souto. Agora espero que as coisas melhorem para tentar de novo.

Quando falavamos de desenhos animados, a conversa foi parar em Walt Disney e no papagaio.

Tambem criei um papagaio, muito antes do "Zé Carioca", "made in Hollywood". Era o "Faisca", que não chegou a ser divulgado devido à concorrência das historietas americanas, pelas quais cobra-se apenas o direito de reprodução, não havendo "nem" sequer a despesa de "clichés". Hoje o "Faisca" está na gaveta. Se o publicasse daria impressão de plagio... Deus me livre!

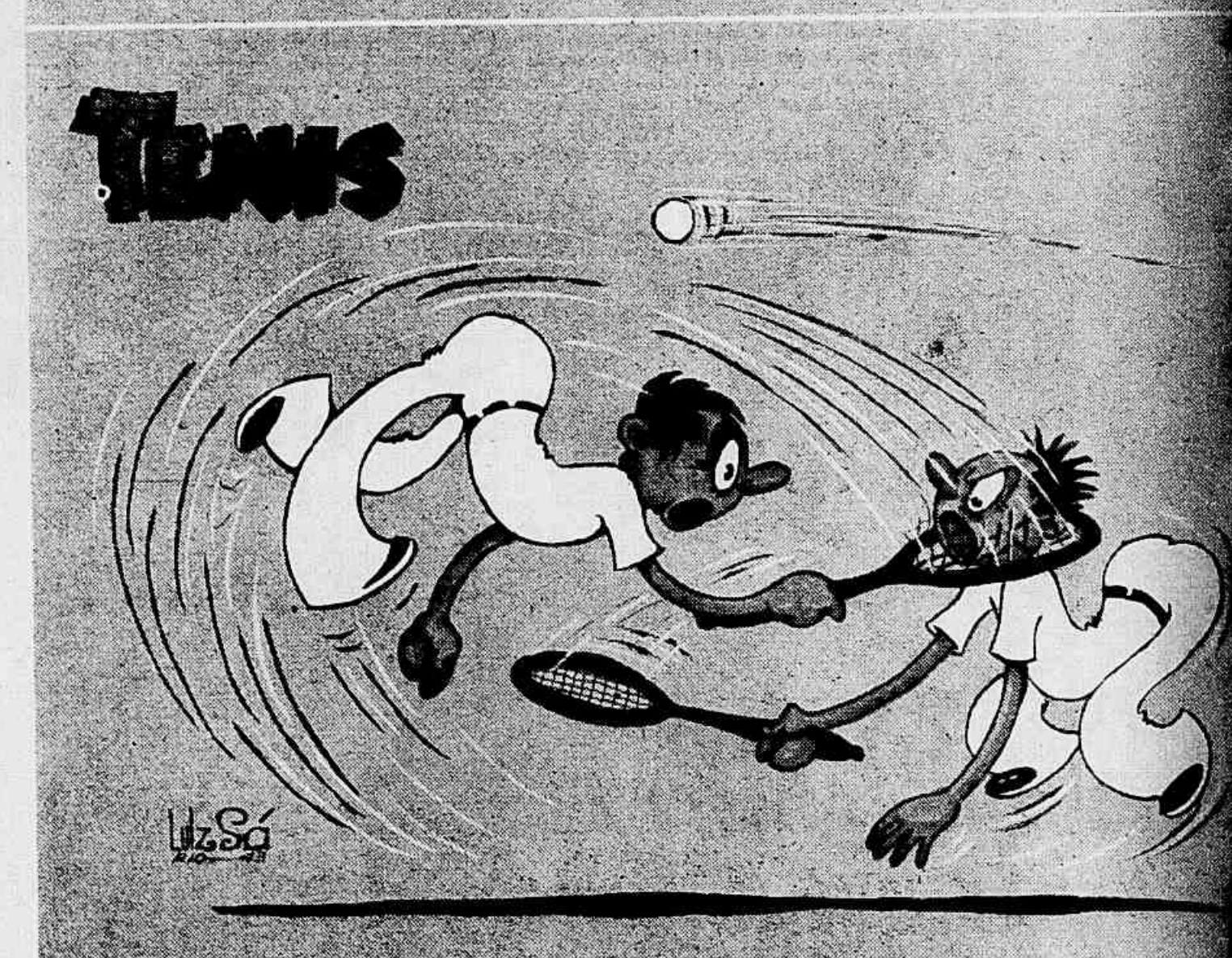
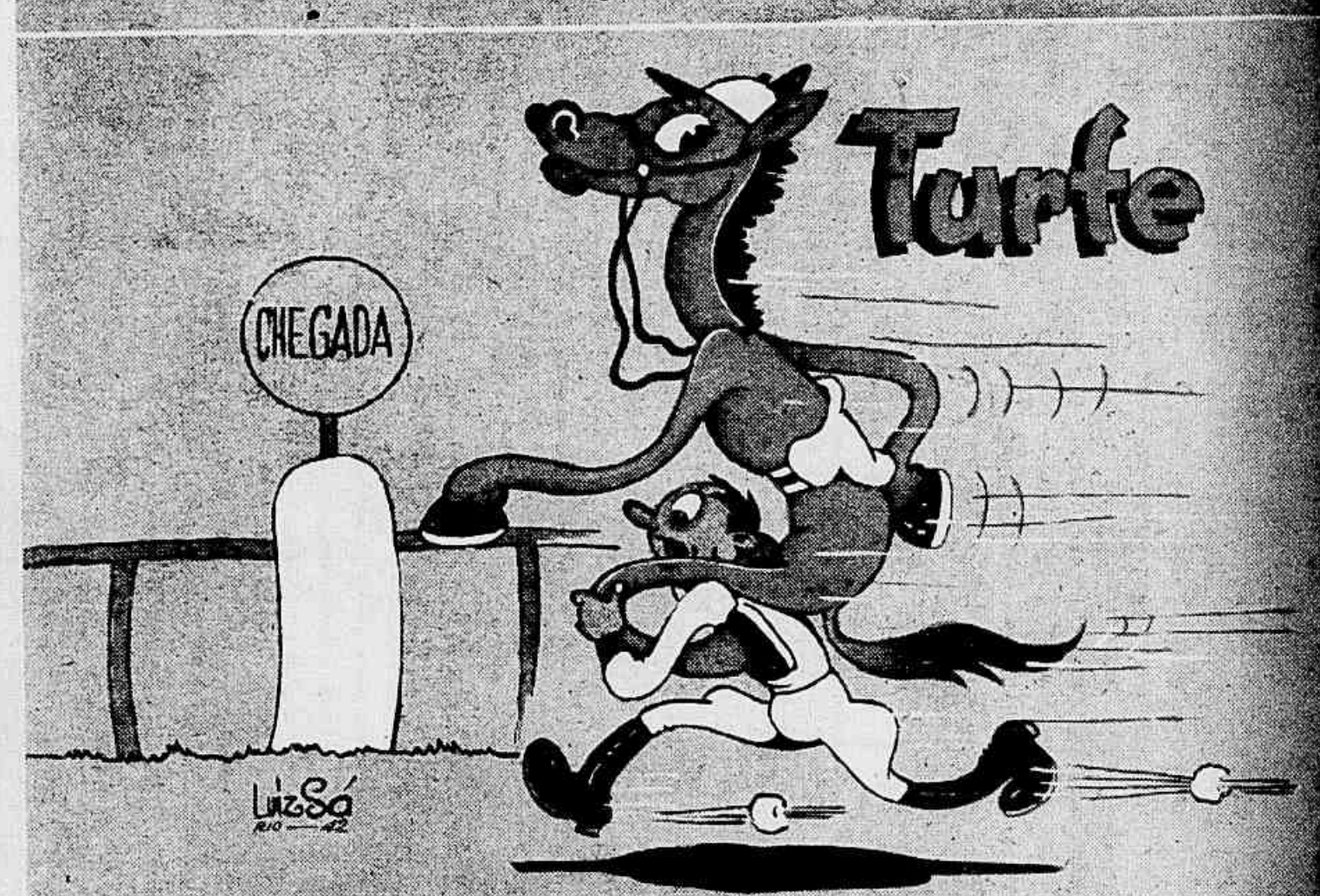
Luiz Sá nos fala a seguir dos muitos livros infantis que tem ilustrado: "Precisa-se de um Rei", de Narbal Fontes; "Historias do Pai João", de Oswaldo Orico; "No mundo dos bichos", de Carlos Manhães, e outros. Para o professor Edgar Liger-Belair ilustrou "Fables", escrito em francês, e ainda desenhou "Gigi-Gogô", história de uma girafa e de um pretinho. livro este que tem a particularidade de ser escrito em quatro linguas: português, francês, inglês e espanhol, livro que está sendo editado nos Estados Unidos. Na mesma série, vem de ser publicado "Zezê-Gogô" e no prelo está rodando o Pic & Gogô.

Pedimos ao Luiz Sá que nos falasse dos bonecos que criou.

— Entre os muitos, os mais populares, sem duvida, são o "Réco-Réco", o "Bolão" e o "Azeitona". Essa trinca vem aparecendo desde o ano de 1931, despertando sempre o entusiasmo da garotada. Em tempo. Quase que me esqueço de falar em duas criações animadas e que são as minhas obras primas...

— ?

— O Luiz Sá Filho e a Jacira



PARA AS CRIANÇAS RUSSAS



Do alto: Mme. Almeida Salgueiro; Mme. Roberto Silva Ramos; Mme. Nogueira de Almeida; Mme. Alvaro Cunha. Em baixo: Mmes. Mario Marix e Micheline Levy.

Do alto: Família Adamo Minoga; Mmes. Lidia Rose e Holeman. Em baixo: Mmes. Espinola, Robert Almeleh, Caminha, Ponte, Bahiense e Graccho Teixeira.

No Club Paisandú, em Copacabana, realizou-se uma interessante festa com o objetivo de angariar donativos para as crianças russas vítimas da guerra.

A reunião, de que participaram figuras da sociedade carioca, foi promovida pelo Comitê Russo de Socorro às Vítimas da Guerra, devidamente autorizado pela Cruz Vermelha Brasileira, sob os auspícios do Comitê Britânico. Além de um programa artístico, para o qual concorreram elementos da colônia russa, organizou-se uma tombola a cargo de senhoras inglesas.

Após o chá, servido por graciosas senhorinhas, que usavam nos aventais as cores da França Combatente, teve início a votação da mais elegante, despertando este original concurso o mais vivo interesse. A festa prolongou-se até às 19 horas, encerrando-se com a entrega de um lindo presente à vencedora do concurso de elegância.

Patrocinaram a humanitária tarde as seguintes senhoras do corpo diplomático: Sra. Noel Charles, Mme. Désy, Mme. Cvjetisha, Mme. Daniels, Mme. Nosek e Mme. Blondel.



Do alto: Mme. Colares Moreira e Mme. Guimarães. Em baixo: Senhoritas: Marita Vinelli Batista; Inara Barcellos; Maria José Farnes d'Amoedo; Flora Paiva Meira e Lucy Mackay Dubugras.

Do alto: Senhoritas: Maria Urbana e Maria Luiza Guimarães; Mme. Pena Botto e senhorita Ilvaita Franco. Em baixo: Senhorita Lucia Arincheim e Mme. Esther Svanholm.

FIGURAS E FATOS



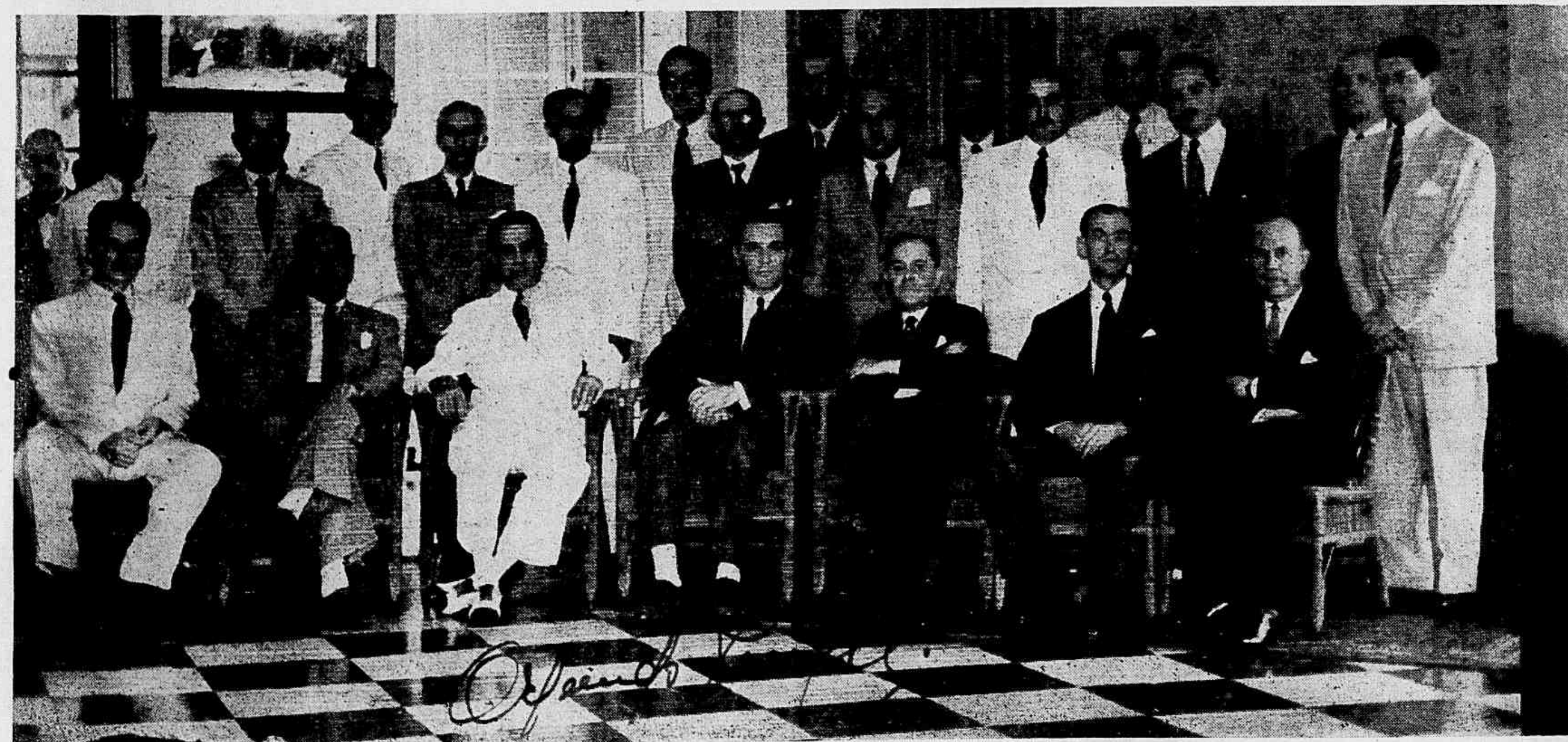
A BAILARINA IRA' ARI — Ira Ari, nascida em Kieff, na Ucrânia, educou-se em Varsóvia, para onde seus pais se transferiram. De artista, transformou-se em enfermeira, no dia em que Hitler desferiu seus golpes contra a população civil da Polónia. Cumprida a sua missão de caridade, veio para o Brasil, onde está há dois anos. Os palcos se abriram e a bailarina enche os tabladros com os ritmos da arte brasileira. Dezessete meses após a sua vinda era uma artista quase brasileira pela inspiração de seus bailados. Brevemente vê-la-emos no Rio de Janeiro, estreando num dos nossos principais palcos num típico "show" russo.



PROFESSOR RAUL PEDERNEIRAS. Flagrante apanhado no dia 4 do corrente na Escola de Belas Artes nesta Capital por ocasião da homenagem que, então, foi prestada ao Prof. Raul Pederneiras. Na foto aparece o homenageado entre as pessoas que compuseram a mesa. Foi a homenagem promovida pelo Centro Acadêmico Candido de Oliveira da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.



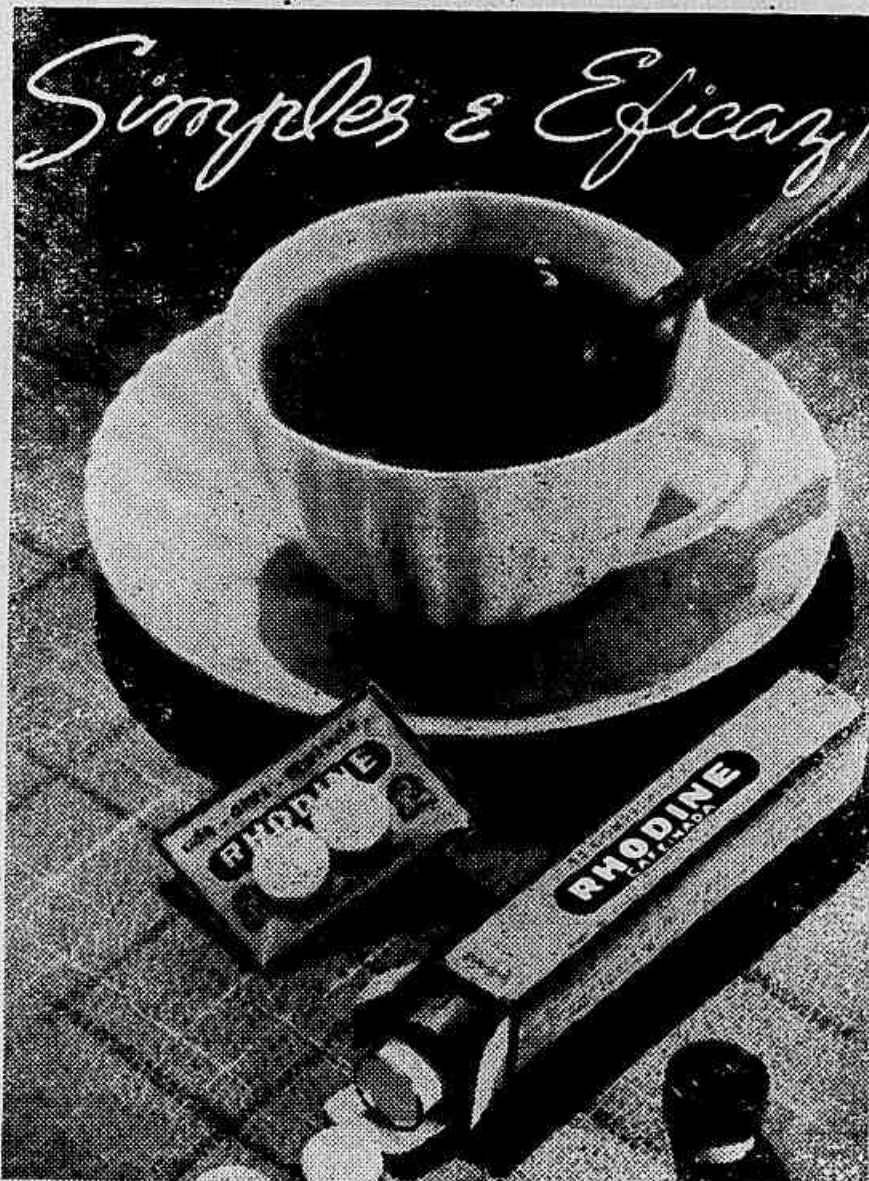
A DIRETORIA DA CENTRAL DO BRASIL — O sr. João Janides, proprietário do Café Restaurante "Pedro II", homenageou a Diretoria da Central do Brasil, com um almoço que se realizou no Salão Cerejeira daquele magnífico estabelecimento. Compareceram ao ágape o major Alencastro Guimarães, todos os chefes de serviço daquela ferrovia, jornalistas e outros convidados. As gravuras acima apresentam dois aspectos da reunião que transcorreu num ambiente de perfeita cordialidade, deixando a quantos lhe assistiram agradável impressão.



MINISTRO ORLANDO LEITE RIBEIRO. O dr. Gastão Vidigal, ilustre diretor da Carteira de Importação e Exportação do Banco do Brasil, e seus auxiliares imediatos prestaram, recentemente, uma homenagem ao sr. ministro Orlando Leite Ribeiro quando este deixou o cargo de representante do Ministério das Relações Exteriores junto á mencionada carteira para exercer outra função, igualmente elevada, no Itamaraty. Esta fotografia é um flagrante da homenagem a que nos referimos.

DE SÃO PAULO

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



O "R" da Rhodia
é a MARCA-
SÍMBOLO dos
PRODUTOS
de VALOR



RHODINE

CAFEINADA

PANAM

O resfriado comum, que nada mais é do que o primeiro sintoma da gripe, pode ser facilmente combatido com um ou dois comprimidos de RHODINE, tomados a qualquer hora do dia. Se, porém, a gripe já se manifestou, o meio mais simples e eficaz de combater radicalmente o mal é tomar, ao deitar-se, um ou dois comprimidos de RHODINE com um chá-de-canela bem quente. Transpirando, a gripe desaparece. RHODINE é a boa enfermeira que não deixa o resfriado progredir, nem a gripe vencer!

**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succadora da
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



Realizou-se com brilhantismo no quartel do IV-2.º R. C. D., no Jardim America, a recepção oferecida pelo general Horta Barbosa, comandante da 2.ª Região Militar, à sociedade e forças armadas de São Paulo, por motivo da passagem do "Dia da Bandeira".

No quartel reuniram-se as figuras mais representativas da sociedade numa confraternização com as patentes militares e demais oficiais do Exército, da Força Policial, tornando-se uma prova do civismo com que o povo de São Paulo comemora as datas nacionais.

Viam-se personalidades de alta representação em companhia de suas exmas. famílias, podendo a reportagem registrar a presença dos srs. general Horta Barbosa, comandante da 2.ª região Militar; cel. Appel Neto, comandante da 4.ª Zona Aérea; general João Pereira e Oliveira, comandante da I. D. 2; cel. Gaudie Ley, comandante da Força Policial do Estado; Cecil M. P. Cross, consul dos Estados Unidos; Robert T. Smallbones, consul da Inglaterra; Francisco D'Auria, secretário da Fazenda; desembargador Percival de Oliveira, Roberto Simonsen, presidente da Federação das Indústrias; Antonio Carlos Cardoso, diretor do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea; Luiz P. de

Campos Vergueiro, diretor do Departamento Estadual do Trabalho; Djalma Forjaz, diretor do Departamento de Estatística; cel. Valério Braga, chefe do Serviço de Racionamento de Combustíveis; Guilherme Vidal Leite Ribeiro, diretor do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, do Ministério do Trabalho; Ariovaldo Viana, diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, da Secretaria da Agricultura; cap. Gerardo Lemos do Amaral, chefe do Serviço de Racionamento do Açúcar; srs. Fabio Prado, José Alves Rubião Junior, diretores do Jockey Clube; cel. Tasso Oliveira Tinoco e Waldemar Pio dos Santos, respectivamente, chefe e sub-chefe do Estado Maior da 2.ª Região Militar; cel. Otávio Monteiro Aché, comandante do C. P. O. R.; cap. Padre Cavalheiro Freire; cel. Aquiles Gallotti, diretor do H. M. e representante da Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo, acompanhado por elementos da diretoria dessa instituição; cel. Maciel Monteiro, da Liga de Defesa Nacional; major Kinval da Cunha, chefe do Serviço de Intendência da 2.ª R. M.; major Nelson de Aquino, cap. Cesar Seixas, prof. Mota Filho, diretor do Deip, representado por um de seus oficiais de gabinete; prof. Ataliba Nogueira, além de outros oficiais. A festa terminou com um baile.

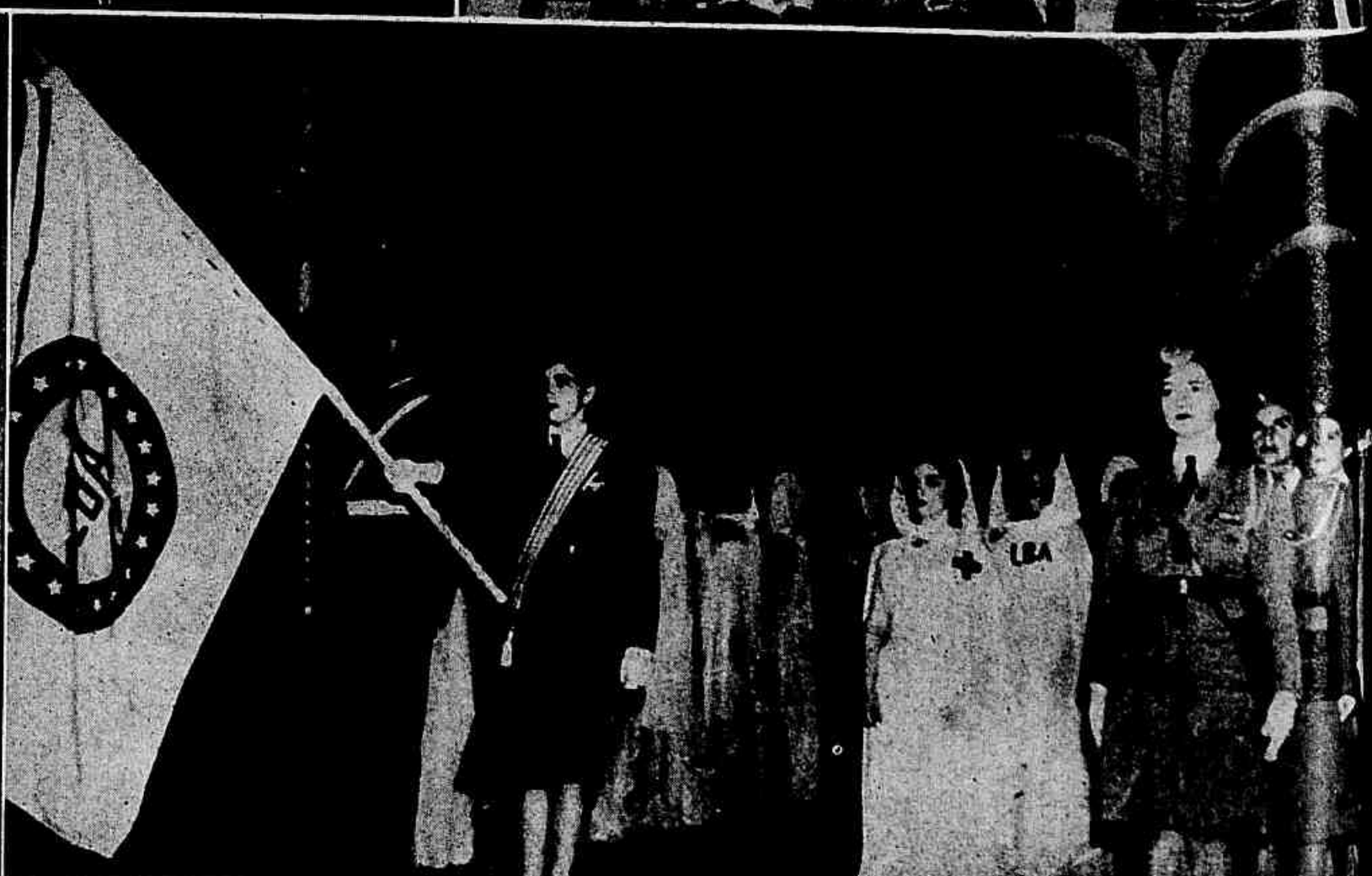
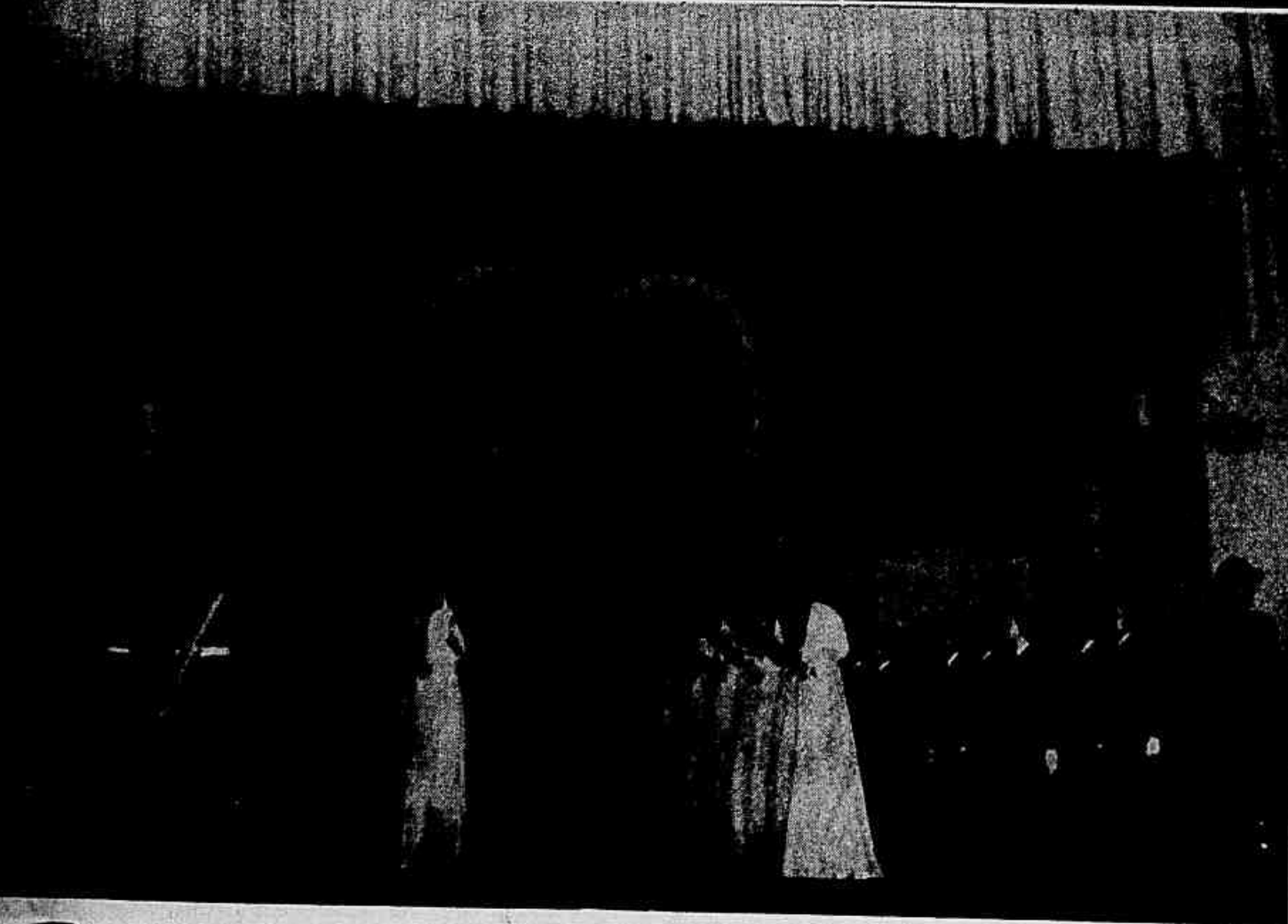
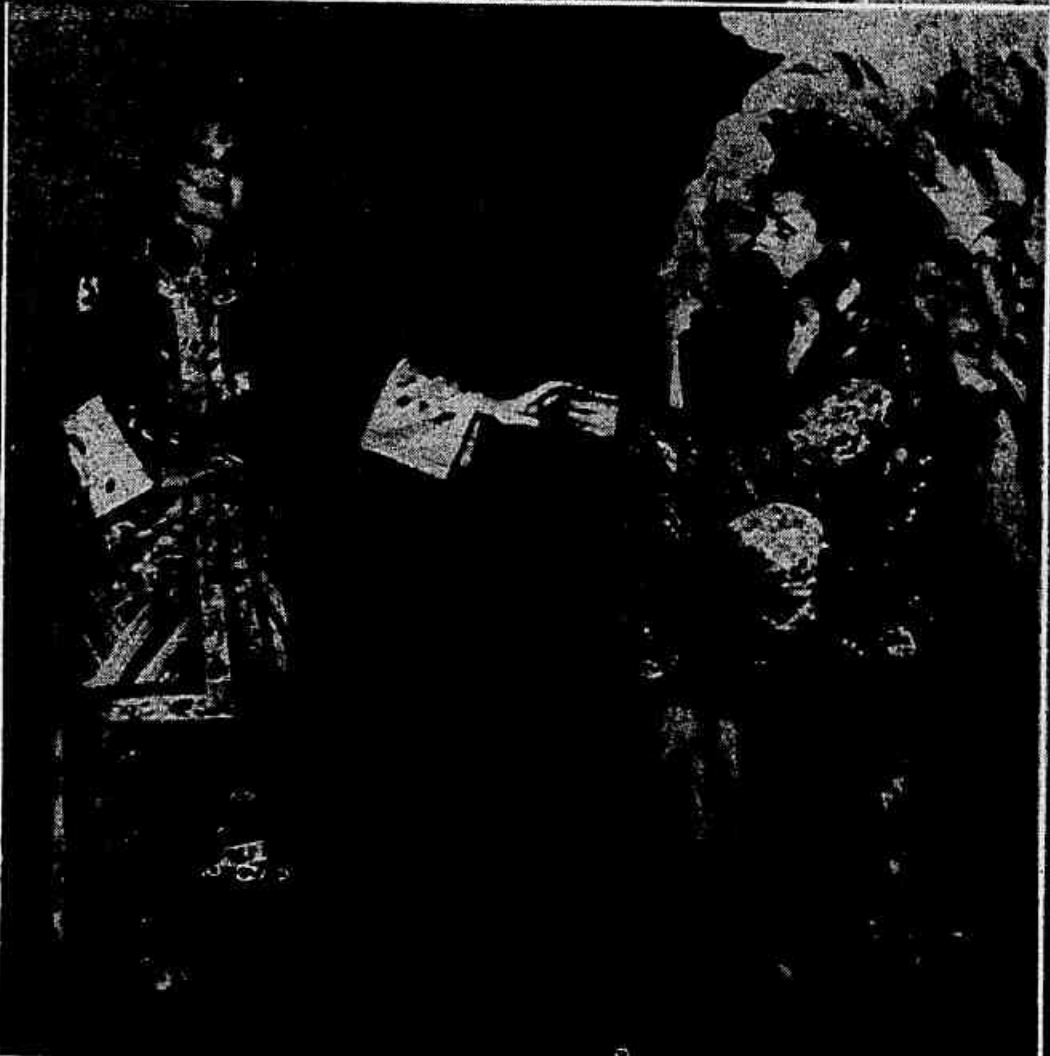


GUIZOS & CLARINS

Constituiu não apenas uma "soirée" de arte mas também uma parada de muita elegância a apresentação do espetáculo "Guizos e Clarins" no Teatro Municipal na noite de 18 do corrente.

Flagrantes apanhados antes do espetáculo: ao alto, da esquerda para a direita — a senhora Mendonça Lima e figurantes; sras. Adelaide Machado Brito, Maria de Lourdes e Malvina Marmora; senhora Pedro Camargo e sta. Bastos Melo; sr. e sra. Punaro Bley; senhoras Salvador Pinto, Alexandre Alves de Souza, e sta. Mariazinha Carvalhaes; sras. M. E. Vannucci e Mariana Chaves; o sr. Embaixador do Perú, senhora Jorge Prado e baroneza Reinhaus.







O patrocínio de "Guizos e Clarins" esteve a cargo das senhoras general Eurico Gaspar Dutra, ministro Oswaldo Aranha e Henrique Dodsworth. E a comissão promotora, sob a direção da senhora Mendonça Lima, reunia ainda as senhoras João Daudt de Oliveira, comandante Braz Veloso, Fernando Falcão, comandante Otávio Carneiro, embaixatriz Regis de Oliveira, Américo Lopes, Valentim Bouças, Herbert Moses, J. R. de Macedo Soares e Rodrigo Otávio Filho.

A "féerie" levou ao Municipal os elementos mais representativos do "grand monde" carioca, personalidades do nosso mundo oficial e figuras da diplomacia. Muito antes da hora marcada para o início do espetáculo o "foyer" do Municipal apresentava o aspecto de uma verdadeira parada de elegância. As últimas "toilettes", os mais delicados requintes da moda, coloridos pelo sorriso e pelo donaire de senhoras e senhoritas, criavam para os olhos um encantamento definitivo. Disfarçava-se a expectativa com pequenos diálogos pontilhados de um nervosismo bastante natural e graciosamente "rafiné". Os relógios eram consultados a todo instante. Aguardava-se a apresentação de "Guizos e Clarins" e algum tempo depois Stela Leonardos da Silva Lima, "commère", fazia a apresentação:

"Aqui vim vos falar de momentos felizes, aqui vim vos falar de inesquecíveis horas que esta guerra apaga na vida dos países mas que haverão de vir como novas auroras, no raiar dos charões de novas diretrizes."

E sob o império mágico da voz e dos versos de Stela Leonardos, revimos, num deslumbramento,

"...grandes pátrias heroicas nessas horas de paz do risonho passado."

Eis a nossa reportagem: Ao alto, da esquerda para a direita: Stela Leonardos, "commère"; um detalhe de "Amor e sonho na terra das valsas", com as stas. Florita Tolipan, Tereza Myrian Dolabella Portela, Rosita Gonzalez Videla e o sr. Roberto Cramer; a Polônia e a graça de um bailado regional: stas. Lucia Oliveira, Marise Taddei, Maria Marcondes, Sonia Carneiro, Vera Novais e srs. Fanor Cumplido e Hélio Tolipan; Chopin ao piano, com Jorge Sivecio; a "Polonaise": stas. Elisabeth Wilson, Gipsy Santerre Ferreira, Neusa Correia, Noemia Nabuco de Castro, Laurita Santos Jacinto, Magaly Santerre Ferreira e Helena Galvão; no quadro de Winterhaller, as stas. Anita Quartim, Sonia e Norma Leonardos da Silva Lima, Jacqueline Watel, Waly Zivy, Florita Tolipan, Roberta de Macedo Soares e Stela Leonardos; Russia de Pedro o Grande: meninas Antonieta de Mendonça Lima, Alice Xavier, Bila Manganeli, Gisela Humitzch, Fernanda Maria Medeiros, Alice Knoblich, Maria Wilma Braga, Rosy Mendonça Lima, Arlete Saraiva, Yvone Mayer, Tereza Zetel, Mariza Jambiro, Taylor Martins Braga, Rosana e Vitoria B. Loureiro; Inglaterra: stas. Maria B. Mee, Sylvio B. Mee, Fernando de Lacerda Abreu e sta. Regis de Oliveira; stas. Lucia Santos Jacinto, Yara Maria da Silva Tavares, Gipsy e Magaly Santerre Ferreira, Carmem Carvalho da Silva, Norma Leonardos e Maria Lucia Oliveira; China: stas. Vera Mota, Marina Barata e Helena Leitão Pires de Barros; a noiva é a sta. Florita Tolipan e o noivo o sr. Sylvio B. Mee; stas. Elza Werneck, Elisabeth Wilson, Laurita Santos Jacinto; Lucia Santos Jacinto, Maria Lucia Oliveira, Marise Taddei, Noemia Nabuco de Castro, Norma Leonardos, Tereza Dolabella Portela; sta. Maria Marcondes, Hélio Tolipan e Fanor Cumplido Junior; stas. Maria Carvalhais, Helena Leitão Pires de Barros, Beatriz Miranda Jordão e sr. Pedro Pessoa; dois flagrantos da apoteose final, e Marília Franca e Yuco Lindberg.



**AS COMPOSITORAS
E CANÇONETIS-
TAS ROMANTICAS
IRMÃS IRIS, QUE
EM BREVE EDITA-
RÃO O LIVRO DE
POESIAS DE SUA
AUTORIA "DIVINAS
ESTRELLAS"**

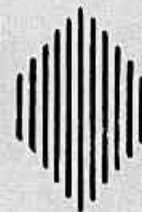
DIVINAS ESTRELLAS

Estrellas esparcidas fulgurantes
Que el universo llenáis de esplendor.
De las noches serenas y radiantes.
Sois la emblema del poeta sonador.

Al contemplar en el cielo
Tu divino resplandor.
Son las estrellas cual velo
Como un templo del amor.

Cuajó las minas sus brillantes
Donde se encuentra la pedreria.
Y al pulir, los preciosos diamantes.
Codiciamos aquella maravilla.

Mas al mirar del firmamento las estrellas
Criadas por el Redentor.
Dejamos en la tierra las querellas
Y elevamos nuestras almas al Señor.

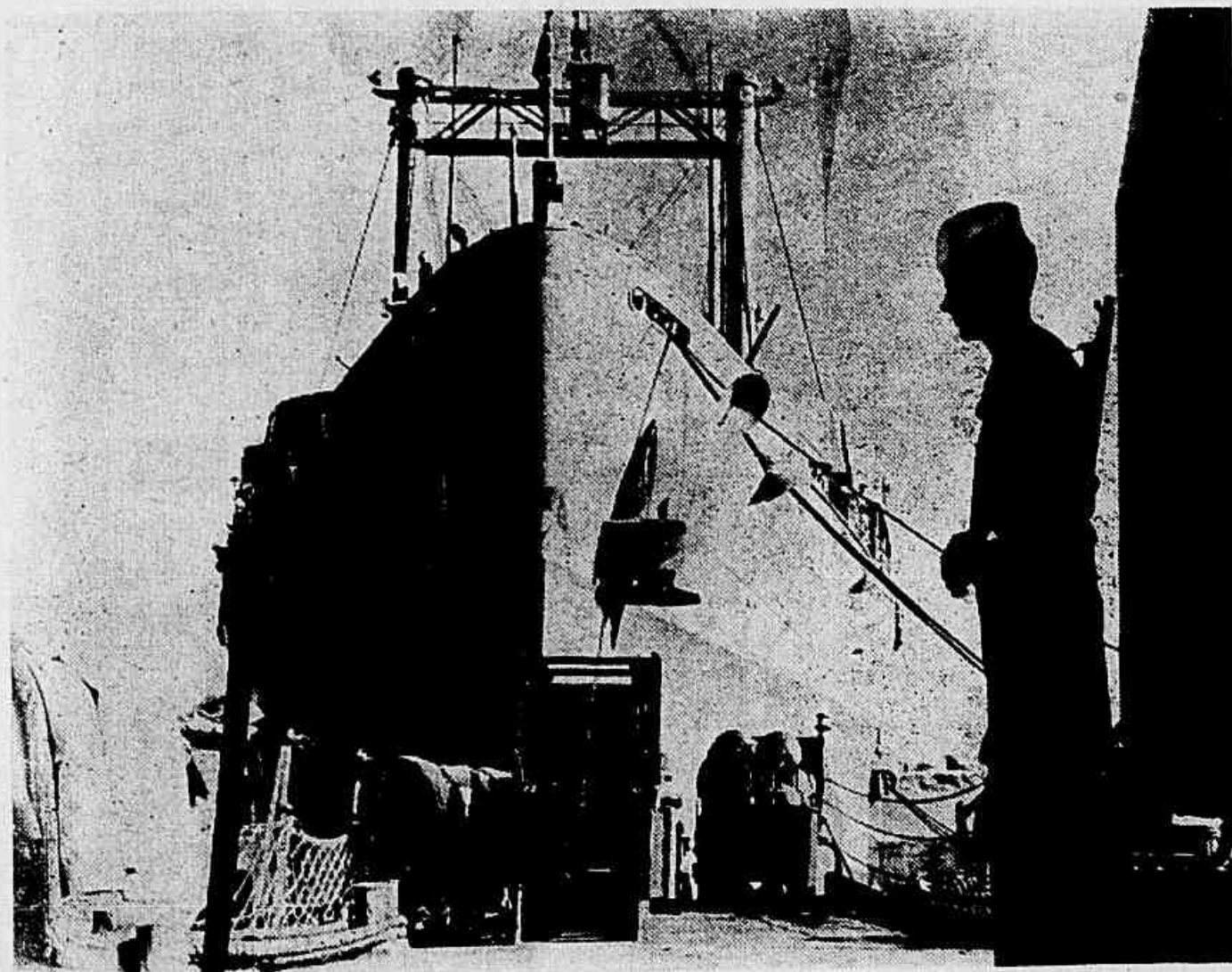


FLAGRANTES DA GUERRA



A CONFERENCIA DE MOSCOU. O comissário da Russia, Molotov, aparece na gravura ao lado de Cordell Hull, quando da chegada deste para tomar parte na conferencia das três nações aliadas. Anthony Eden, que não aparece na gravura, foi o representante da Inglaterra. Ao lado direito vê-se o ato da assinatura do acordo das quatro potencias reali-

zado recentemente na capital da Russia. Da esquerda para a direita — O embaixador chinês em Moscou, Fu Ping Sheung, secretário de Estado Cordell Hull, Molotov, da Russia, e Anthony Eden, da Grã-Bretanha. Noticia-se que, decorrente deste encontro, terá lugar, oportunamente, outra conferencia em que tomarão parte Stalin, Roosevelt, o Chefe do Governo da Inglaterra e, possivelmente, outros elementos das Nações Unidas.



PARA OS SOLDADOS QUE LUTAM NA ITALIA — Fuzil ao ombro, pronto para qualquer emergencia, vemos um marujo americano montando guarda ao cais de Palermo, onde se vê um navio da Frota da Liberdade descarregando enorme quantidade de material de guerra e outros abastecimentos destinados aos bravos soldados anglo-americanos que estão expulsando os invasores alemães da península italiana.



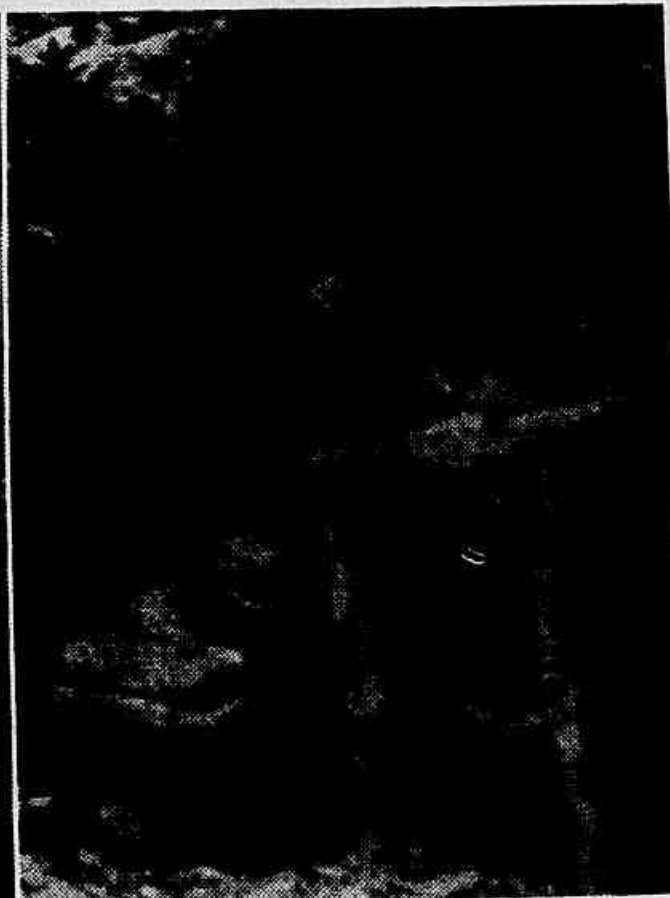
EVACUANDO OS FERIDOS NAS SELVAS — O soldado que vemos na gravura, ferido em combates nas "jungles" contra os japoneses, é transportado numa maca pelos seus camaradas do Serviço de Saúde para um navio-hospital, logo após os desembarques coroados de êxito das forças americanas na ilha de Nova Georgia, que precedeu a campanha final para a conquista da importante base de Munda.



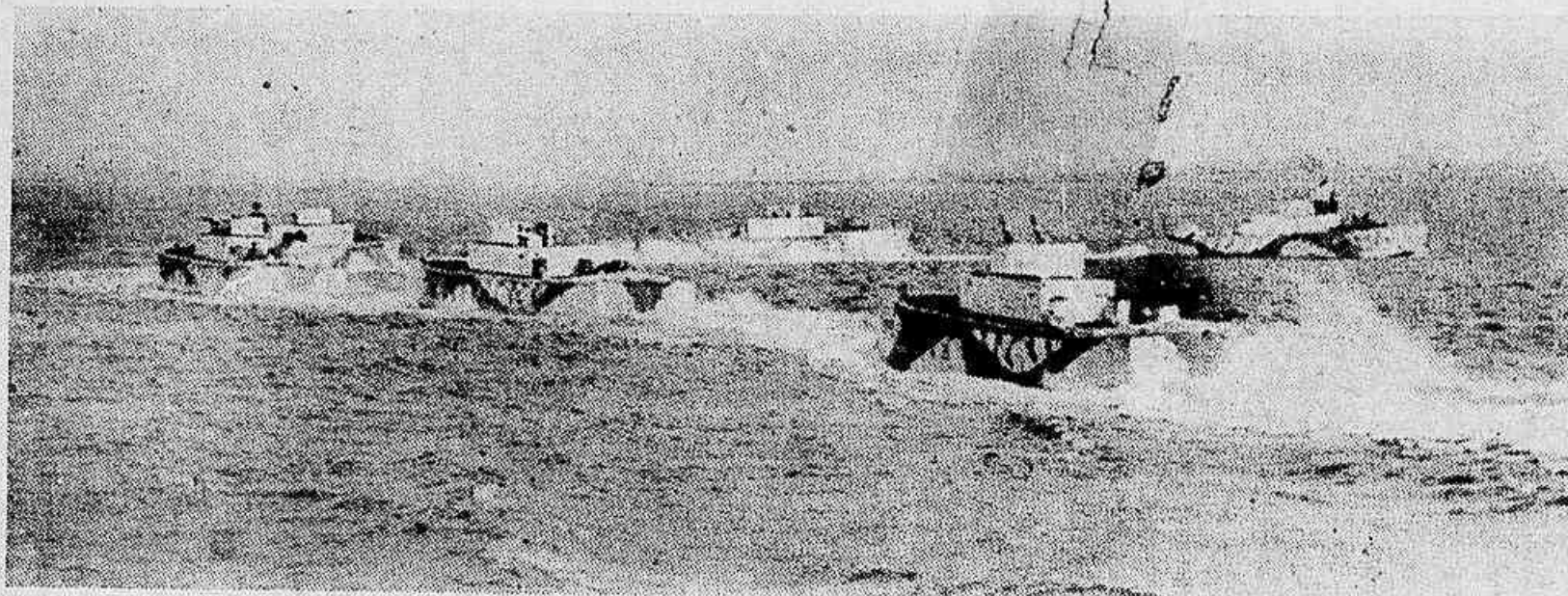
PRISONEIROS DA INVASÃO. Soldados nazistas das forças motorizadas, capturados a enorme distancia do ponto onde se realizou a travessia do rio Voltorno. São os primeiros prisioneiros de uma divisão "Panzer", colhidos nos recentes combates travados naquela região do território italiano, onde a resistência germanica, aproveitando os característicos da topografia, se tem feito sentir terrível.



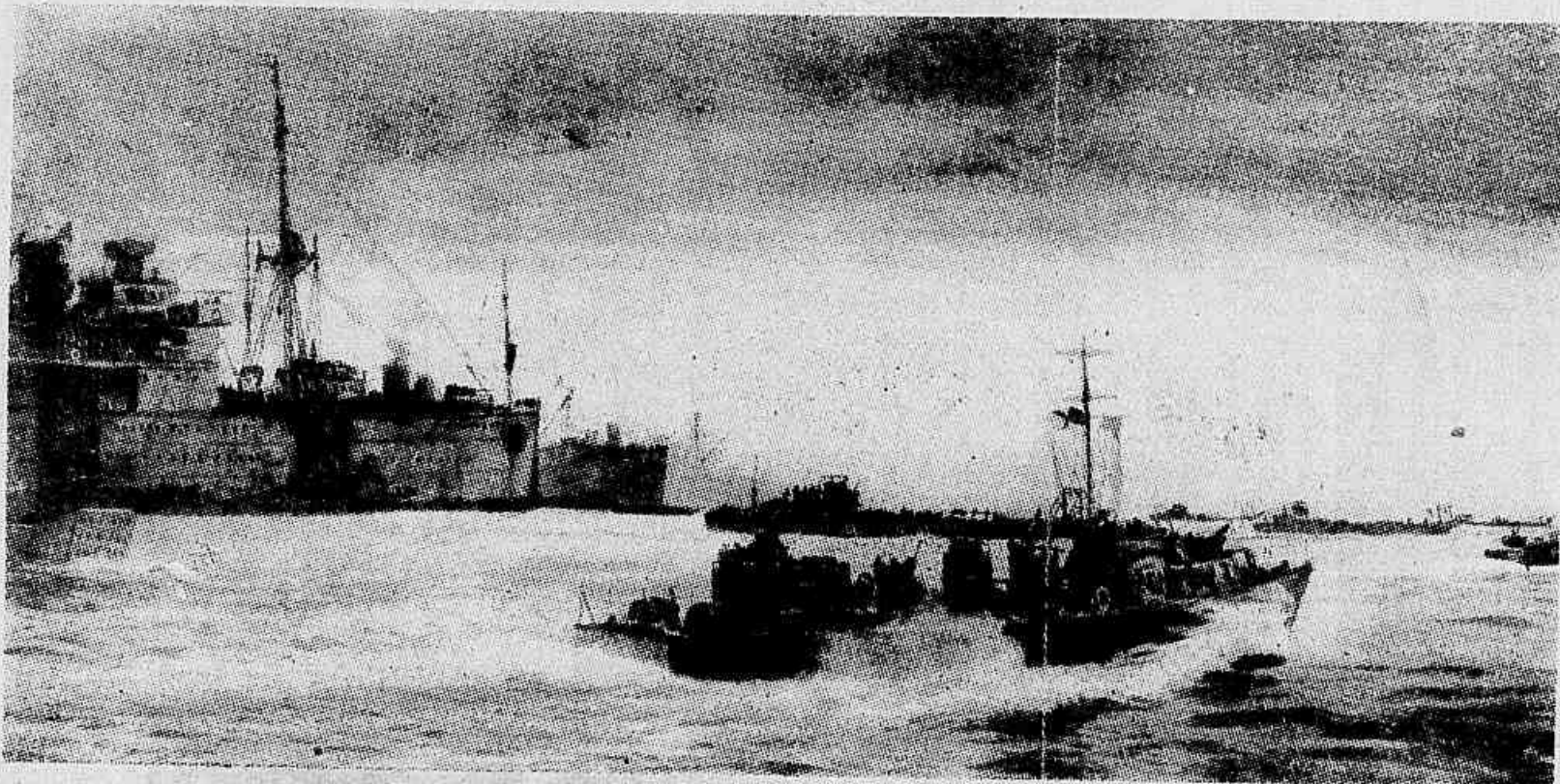
O CHEFE DOS GUERRILHEIROS. Radiofoto mostrando o Gen. Draja Mihailovich, líder dos guerrilheiros sérvios, que lutam contra os nazistas na Iugoslavia, com o seu colaborador, coronel e advogado Dragisha Vasich, diretor do jornal anti-germanico "Srpski Glas". Ao lado: o major Zarija Ostojica, oficial de imediata confiança do general, Mihailovich, traça planos de combate, numa tosca mesa, em plena floresta na Iugoslavia.



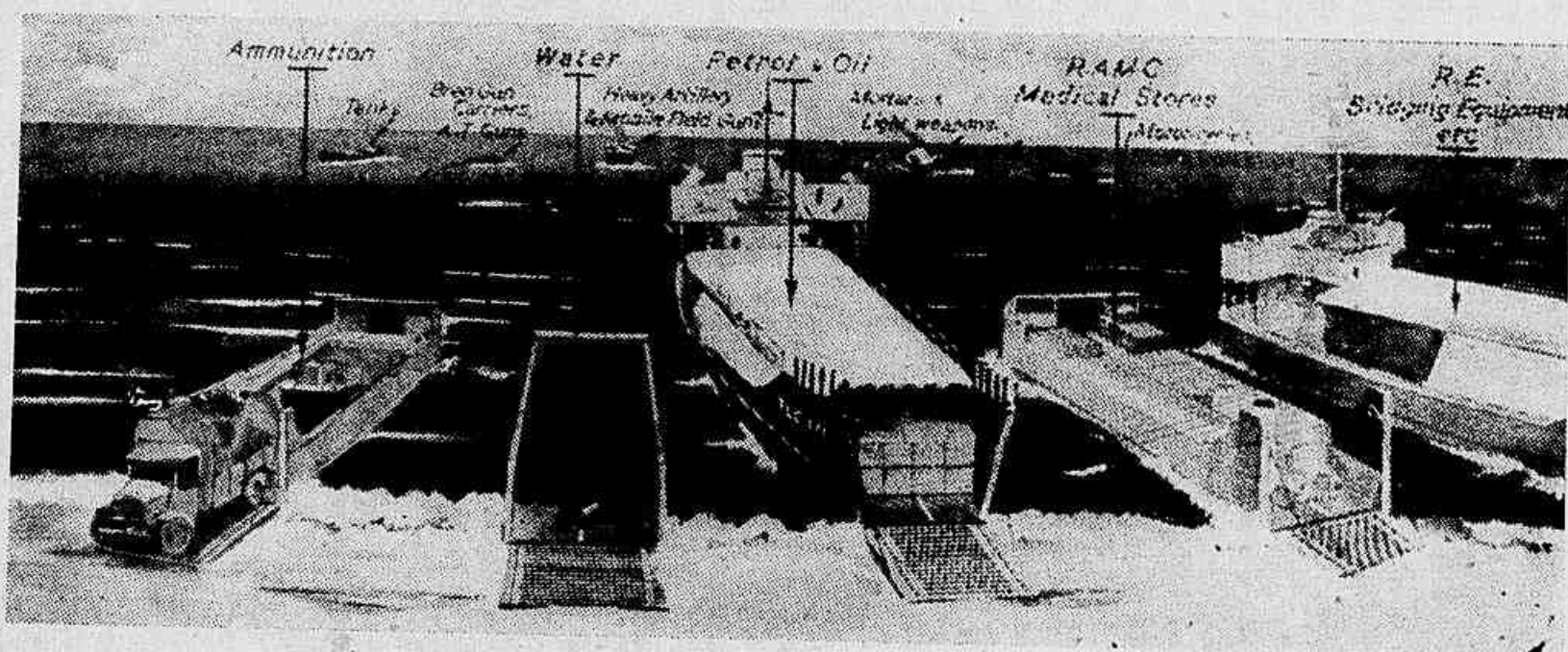
Quanto é complexo um



Parte da frota de invasão. Estes barcos rumam velozmente para as praias, estabelecendo as primeiras cabeças de ponte. As tripulações receberam o mesmo treinamento das tropas de assalto e estão perfeitamente aptas a lutar no próprio local de desembarque, a tarefa destes soldados consiste em aproximar-se, destruir as defesas do inimigo e preparar o terreno para a infantaria.



Impressionante aspecto de um ataque anfíbio contra as posições inimigas. O material que precisa ser transportado é enorme e bastante variado. Há ainda a considerar o elevado número de soldados, de tanques, de outros veículos com a competente munição. A água também é necessária. E numerosos barcos são para este fim especialmente reservados, e bem assim outros ainda para o equipamento médico e cirúrgico. Esta frota de invasão é fortemente escoltada por aviões de caça e de bombardeio.



Depois da tomada de contacto é preciso garantir o sucesso das operações com a maior rapidez possível. Na gravura os principais equipamentos necessários: munição, água, gasolina e óleo, medicamentos etc.



Os invasores sob o fogo do inimigo. Esta fotografia foi tomada durante um treino dos U. S. Rangers, na Inglaterra. Constituem uma tropa de choque e sabem como vencer os mais sérios obstáculos.

Quando Winston Churchill falou de "operações anfíbias de peculiar complexidade" com referência a acontecimentos com os quais já nos familiarizámos, baseava-se suas palavras sobre árdua experiência. Muitos de nós, porém, ainda estamos inclinados ou a subestimar as dificuldades dos desembarques de invasão, ou a engrandecê-los além da proporção dos fatos. Possivelmente alguns detalhes técnicos dos problemas atuais carecem de esclarecimento. Antes de tudo, a própria esquadra de invasão.

E' a invasão encabeçada pelos grandes encouraçados com canhões de 15 polegadas? Não: a gloriosa cabeça de lança consiste nos mais humildes e, no entanto, os mais bravos navios da Marinha — aqueles ousados caça-minas sem cujos difíceis trabalhos nenhum outro navio poderia aproximar-se da costa visada. Depois tudo depende da profundidade das águas litorâneas, se os demais navios são grandes ou pequenos. Provavelmente, contudo, os grandes navios protetores e porta-aviões permanecem à distância enquanto a grande frota dos transportes dirige-se cautelosamente para a praia na treva da ante-manhã. Estão prontos, a um sinal dado, para bombardear as baterias costeiras, para defrontar navios inimigos, para arremessar os cacos e os bombardeiros.

Os transportes, sem dúvida, são cargueiros e transatlânticos, provavelmente transformados num momento, apenas com poucos dias de antecedência pois a navegação é tão preciosa que deve ser empregada na sua obra comercial ordinária até a última hora. Os fantásticos navios cinzentos estão cheios de homens perfeitamente equipados com relógios de precisão, com "tanks", canhões, veículos e equipamentos todos prontos para um desembarque rápido. Quando a esquadra se detém, apenas se ouve o deslizar da cordoalha, o ruído abafado dos maquinismos, talvez uma voz ou um riso imprudente, e, como uma escola de seguras intenções, o material de desembarque é silenciosamente deslizado ao longo do costado por sua própria força. Os grandes navios esvaziam a sua carga de homens e máquinas como um elevador de trigo. Apenas as botas falam e eles em tons surdos. Há sinais luminosos e os primeiros grupos iniciam o desembarque.

Do seu sucesso ao surpreender o inimigo, depende a favorável marcha de toda a operação. Estamos tratando, no entanto, unicamente da Marinha e assim devemos considerar como efetuados os "raids" preliminares dos comandos e das tropas de assalto de várias espécies, e que são eficientemente apoiados por invasores vindos do ar e por desembarques em outros pontos, e que, em breve, chega o sinal dos canhões distantes e dos clarões que anunciam ao grosso da tropa que pode proceder à invasão.

No entanto, a parte mais complicada da frota de invasão, sua organização de suprimento, deve permanecer à distância até que outro sinal chegue e se saiba que uma completa cabeça de ponte foi estabelecida — o que significa que a guarnição defensora do porto inimigo escolhido foi derrotada, que os contra-ataques das divisões blindadas foram repelidos, que os sítios de desembarque foram ocupados e tornados utilizáveis, e fortes entrenchamentos estabelecidos em torno da periferia da área escolhida. A esse momento deve ser obtido completo domínio do ar. Talvez a parte de abastecimentos da frota de invasão ter-se-á retirado durante esse tempo ou dispersou-se para voltar mais tarde.

Aquêles primeiros homens na praia, com todo o seu sucesso, são incapazes de permanecer muito tempo sem reforços substanciais ou abastecimentos. De fato, uma invasão nunca pode ser ao mesmo tempo vitoriosa e inerte. Deve avançar continuamente, e sempre dilatar seu raio de ação. E, para completar isso,

exercito de invasão

a menos que o país seja muito acolhedor, como no Norte da África, todo o material de um acampamento militar deve ser desembarcado tão cedo quanto possível no território ocupado. Por isso, navios transportando materiais de construção, trabalhadores, máquinas, cozinhas, estaleiros e oficinas, escritórios devem estar prontos logo que chegue o sinal para penetrarem no porto ocupado ou para enviar suas cargas á costa em barcaças especialmente construídas para esse fim. Até mesmo, transportes mais complexos e difíceis, uma fila interminável de "tanks" canhões e veículos para as divisões blindadas que agora desembarcam.

Enquanto isso, os navios — tanques transportam toneladas de petróleo, de óleo para aviões, de lubrificantes, de querosene, primeiro em latas, depois por um "pipe-line" e depositam-nas em tanques construídos por engenheiros ativos. O carvão é desembarcado, o cimento, as barricas d'agua, caixas de medicamentos e hospitais inteiros, e, em seguida, com grandes precauções, navio após navio, desembarca sua carga de munições. O trabalho e os instrumentos locais são requisitados, uma força policial é constituída, assim como uma brigada sanitária. E aqui vão, para dar à história algumas cifras.

Supondo que desembarquemos uma força preliminar de 100.000 homens, ou cinco divisões mecanizadas com tropas do Exército, cerca de metade das quais deve ser constituída por combatentes e a outra metade por engenheiros e pessoal administrativo. Haverá talvez quatro regimentos de "tanks", cada um composto de dois batalhões, um grupo de reconhecimento de um batalhão, dois grupos de artilharia, de campo e anti-aérea, de dois batalhões, um grupo motorizado de engenheiros equivalente a um batalhão — e tudo isso para uma divisão. De um modo geral, as cinco divisões assim compostas pediriam 1800 "tanks", 9.600 veículos, 1250 motocicletas e um numero correspondente de canhões, caixas, etc. Pelo menos 2.750.000 galões de petróleo seriam necessários para manter em ação esta força numa campanha preliminar de sete dias.

Agora quanto aos navios. Aproximadamente 100 navios de 2000 toneladas seriam precisos para transportar os homens e seu equipamento. Usamos 2.000.000 toneladas na campanha da África e si o material de desembarque transportando ou seis "tanks" ou doze veículos com seus homens são conjuntamente empregados (pois os tipos pequenos provaram ser os mais satisfatórios para isso), uma frota de pelo menos 1300 ou 1500 navios tem de ser aplicada. Multipliquem-se estes numeros para alcançar as dimensões pedidas para uma invasão da Europa e ter-se-á uma idéia do que Churchill chamava "peculiar complexidade". E' claro que estes números variam conforme o local das operações.

Torna-se aqui perfeitamente claro que o requisito mais importante para o sucesso preliminar num desembarque é a surpresa.

Depois, as tropas de serviço especial devem estar prontas para lidar eficientemente com muralhas, ninhos de metralhadoras, arame farpado, armadilhas contra "tanks" e baterias. Devem ser auxiliados por "raids" de bombardeiros coordenados sobre estes obstáculos e devem possuir uma vasta variedade dos ultimos tipos de morteiros, granadas, e aparelhos de cortar arame. Depois, não deve haver um momento de hesitação entre os sucessos preliminares e o ataque da força principal. E' bem sabido que a política defensiva de von Rundstedt, Comandante-em-Chefe da Europa Ocidental é o arrêssmo instantâneo das forças motorizadas moveis que enfrentem a invasão em qualquer parte.

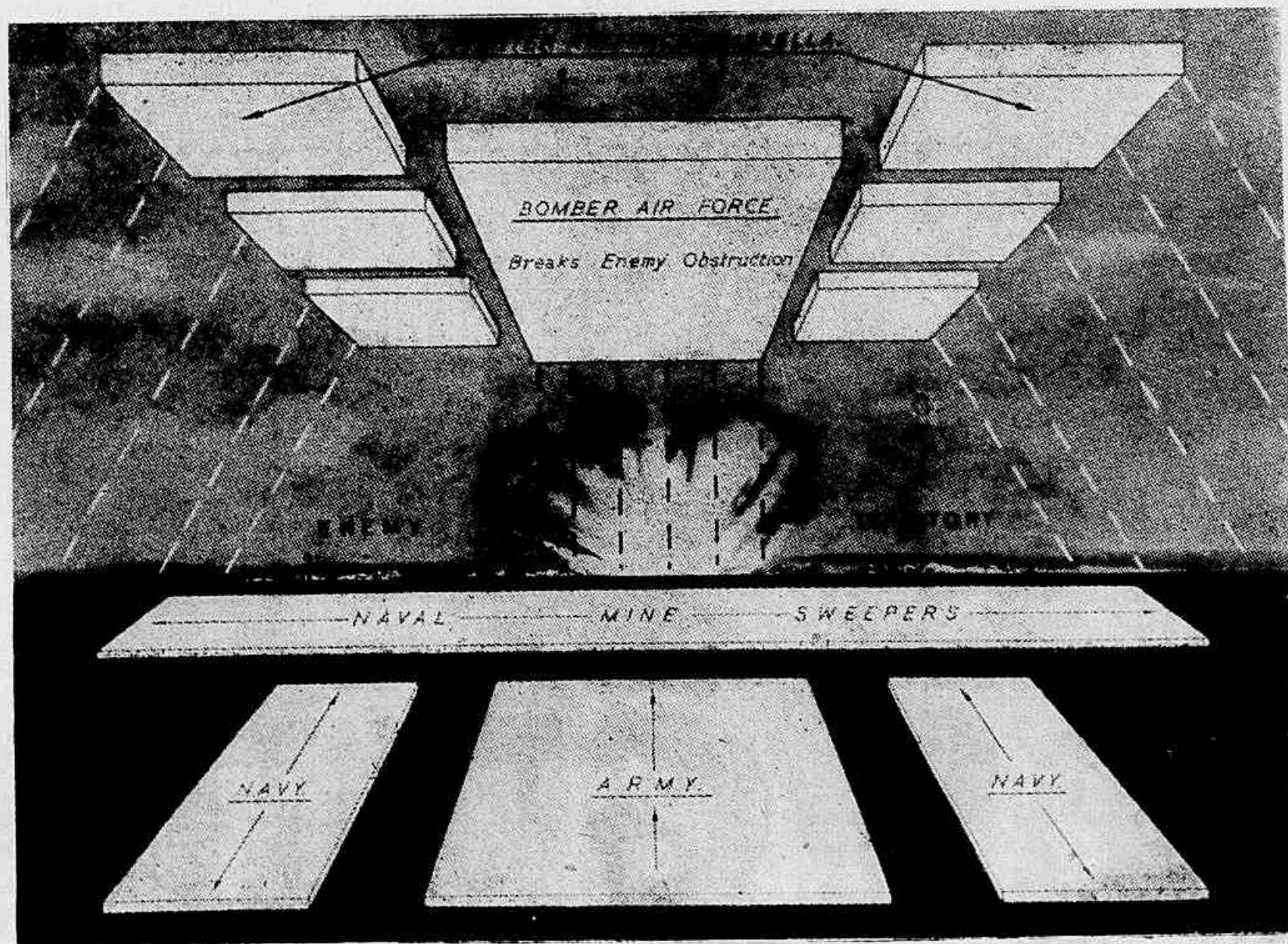
"Peculiar complexidade?" Sim. E não devemos iludir-nos nem com louco otimismo nem com um pessimismo derrotista.



Um aspecto do desembarque. Esta fotografia foi tomada alguns dias depois do convite feito aos representantes da imprensa para acompanhar a técnica empregada nas operações combinadas.



Os paraquedistas desempenham importante papel durante a invasão. Estes paraquedas abrem alguns segundos depois de realizado o salto o que permite a descida mesmo quando os aviões voam baixo.



Uma perfeita combinação entre a aviação, marinha e tropas de infantaria para a invasão.



AS GRANDES CENAS DA GUERRA

A destruição da importantíssima represa de Mohné, levada a efeito por uma formação de aviões Lancasters, resultou em irreparável prejuízo para todas as indústrias de guerra do Vale do Ruhr.

O feito heróico das tripulações dos aviões da Raf. que destruíram duas das maiores represas da Europa, a de Mohné e de Eder, mereceu do Primeiro Ministro Churchill referências altamente elogiosas, em mensagem dirigida ao Congresso. "A destemida operação nos custou a perda de oito dos noventa Lancasters empregados, disse Mr. Churchill, mas custou muito mais aos alemães".

O enorme número de vidas sacrificadas e de material danificado, pontes, viadutos e fabricas inundadas reve considerável influencia no desenvolvimento da guerra. Sabemos agora como este brilhante empreendimento foi realizado pelos rapazes da R. A. F., sob o comando de Guy Penrose Gibson.

No desenho que aqui reproduzimos, aparece a represa de Mohné, com suas 134.000.000 toneladas de água, num reservatório de seis milhas de comprimento e duas de largura.

Os torpedos foram lançados no centro do imenso reservatório e arrastados pela corrente explodiram violentamente de encontro às comportas da represa, destruindo-a e libertando as águas que impetuosamente inundaram e arrazaram tudo o que se lhes antepunha.

O ataque foi cuidadosamente preparado e as bombas lançadas de uma altura bastante reduzida. Gibson foi o primeiro a descarregar as bombas. Ao ser lançada a quarta bomba a represa explodia fragorosamente. Voando alto e baixo, sucessivamente, o chefe da esquadrilha passou a metralhar os soldados da guarnição, enquanto novas bombas eram lançadas para completar a destruição. Da enorme brecha aberta na represa, a água se precipitou em torrente, destruindo a casa de força e inundando vilas e cidades. Da importância do heroico feito da R. A. F. dizem bem as medidas que foram tomadas pelo inimigo, que proclamou imediatamente o estado de alarme em toda a Westphalia.



Num filme, de um

No dia 15 de Setembro de 1940, num posto de aviões de caça, algures na Grã-Bretanha, um grupo de jovens pilotos enquanto aguarda a ordem de alçar vôo para entrar em combate conversa animadamente. Surge a pergunta sobre quem teria sido o inventor do famoso caça *Spitfire*. Surge o comandante de ala Geoffrey Crisp, veterano da primeira Guerra Mundial, o qual observa que o criador do avião chamava-se R. J. Mitchell e que fôra seu amigo.

A' medida que Crisp desenvolve a sua narrativa, a cena da Batalha da Grã-Bretanha cede lugar a acontecimentos do ano de 1922, quando R. J. Mitchell e sua esposa, jovens ainda, faziam um pique-nique à beira do mar. Mitchell é um desenhista de aviões, e mostra-se fascinado com o vôo das gaivotas. Prevê o dia em que há de criar um avião aerodinâmico, construído num só bloco, baseado nas linhas graciosas daqueles pássaros.

Nos primeiros tempos da sua carreira como desenhista, Mitchell encontra-se com Crisp, amigo dos tempos de colégio, e que estava então desempregado. Crisp fôra oficial da RAF e aceita com entusiasmo o lugar de piloto de provas. Mitchell, embora ainda se ache trabalhando na construção de biplanos anfíbios, persiste na sua idéia de criar um monoplano aerodinâmico capaz de alcançar velocidade que os seus colegas acreditam ser impossível.

Após uma série de acontecimentos de sensação, nos quais figuram numerosas cenas das corridas do Trofeu Schneider, vemos finalmente Mitchell triunfar com o seu Supermarine S-6, que ganhou definitivamente para a Grã-Bretanha o famoso trofeu.

Em companhia de sua esposa e de Crisp, Mitchell vai passar alguns dias de férias na Alemanha de antes da guerra. Como profissional acha-se grandemente interessado nos Clubes de Planadores do Partido Nazista e nos aparelhos por eles utilizados; mas, ao ser convidado para um jantar no conhecido Clube Richthofen, é informado por um arrogante jovem nazista que o entusiasmo dos alemães pelos planadores é apenas um pretexto para encobrir a criação da Força Aérea Alemã, em desafio ao Tratado de Versaillies. Mitchell encontra-se com Willy Messerschmidt, o homem que mais tarde dava o nome ao mais perigoso dos caças de Goering.

Interrompendo subitamente as suas férias, Mitchell regressa apressadamente à Inglaterra. Compreende que deve dar à sua pátria o melhor de todos os caças do mundo. Luta contra uma série de dificuldades, tais como falta de compreensão dos técnicos, orçamento limitado decorrente da crise industrial do momento. Mas Lady Houston,

O conhecido "astro" inglês David Niven, que desempenha um dos principais papeis no filme "Spitfire", ora em exibição no Brasil sob o título de "Por um ideal", e no qual se narra a historia de R. J. Mitchell, inventor do famoso avião, figura essa incarnada pelo saudoso Leslie Howard, está atualmente em serviço de guerra no Exército Britânico no posto de Major.

David Niven acabava, precisamente, de atingir o posto de major do Exército Britânico quando lhe foi concedida, pelos seus superiores, a necessária licença para tomar parte na filmagem de "Spitfire", o que demonstra a excepcional importancia que a essa produção foi dada na Inglaterra.

Nas culminancias de uma brilhante carreira cinematografica em Hollywood, David Niven alistou-se no Exército Britânico logo que a guerra foi declarada, tendo sido comissionado na "Special Reconnaissance Unit of the Rifle Brigade".

Já havia tido Niven uma experiencia militar, servindo como segundo tenente, antes da guerra, na Infantaria Ligeira Escocesa estacionada em Malta. Foi precisamente a esse tempo que ele abandonou as fileiras para tentar a sorte na carreira cinematografica. Suas experiencias num "studio" de Londres não foram coroadas de exito e, juntando todo o dinheiro que lhe foi possível obter, decidiu-se a visitar a America. Aí desempenhou um pequeno papel numa produção de Hollywood. Em seguida, ainda perseguido pela má sorte na carreira para a qual se sentia inclinado, fez um pequeno estagio no Mexico onde só pôde obter colocação numa cervejaria. Voltando aos Estados-Unidos, tentou novamente o cinema, tendo mais uma vez fracassado, sem conseguir ao menos um lugar de "extra".

Seguiu-se um periodo desfavoravel em que David Niven, para ganhar alguns dollars, foi obrigado a aceitar os mais humildes empregos, tais como os de lavador de pratos e roupas.

Finalmente, e de uma maneira inesperada, a fortuna começou a sorrir-lhe em Hollywood, com o chamado de um produtor que achou graça na maneira pouco convencional pela qual ele ingressou numa filmagem. Os acontecimentos se passaram deste modo. Em 1935 o "H. M. S. Norfolk" ancorou em S. Francisco. Niven conhecia alguns oficiais, desde os seus dias passados em Malta e foi por eles convidado a visitar o navio britânico. Niven aí passou a noite e quando despertou, na manhã seguinte, teve a surpresa de verificar que o "Norfolk" fundeara ao largo de S. Pedro, junto a uma reconstituição do famoso veleiro "Bounty" que estava servindo á filmagem de "O Grande Motim". Ainda em trajes de cerimonia, Niven teve de passar pelo "Bounty", para chegar á terra.

Depois de exaustivas experiencias na tela, David Niven passou a desempenhar regularmente pequenos papeis. Veiu-lhe então a grande oportunidade com o filme "Without Regret".

No ano seguinte, ele estrelou seis produções, entre as quais se contavam "Rose Marie", "Obrigado, Jeeves", "Dodsworth" e "Carga da Brigada Ligeira".

Contratado por Samuel Goldwin, apareceu em importantes papeis do "Prisioneiro de Zenda", "Patrulha da Madrugada", "Raffles", etc.

Regressando á patria e ingressando no Exército Britânico, David Niven casou-se com Prunella Rollo, filha do tenente da aviação Rollo e de Lady Kathleen Rollo. O casal tem um filho cujo padrinho é Noel Coward e a madrinha Vivien Leigh, a notavel interprete de "Gone with the wind". Niven é filho do general William Niven, morto na campanha dos Dardanellos em 1915.



a historia a vião

uma fidalga excentrica e riquíssima, vem em seu auxílio, permitindo-lhe assim prosseguir nos seus esforços.

Mitchell adoece, vítima do excesso de trabalho, sendo advertido pelos médicos que sofre de um mal incurável. E' informado de que só terá um ano de vida, a não ser que se entregue inteiramente a uma vida de descanso. Contudo, Mitchell não hesita, e resolve sacrificar-se. Em menos de um ano termina o projeto do protótipo do *Spitfire*. E antes de morrer recebe a notícia de que vai ser iniciada a construção em massa dos novos caças.

A narrativa de Crisp termina quando os pilotos são chamados para entrarem em ação, e o filme termina com cenas de combates da Batalha da Grã-Bretanha, no dia 15 de Setembro de 1940, quando 185 aviões da Luftwaffe foram abatidos sobre a Inglaterra.



Somente agora o mundo está sabendo algo a respeito de R. J. Mitchell, cujo retrato está sendo terminado pelo pintor Frank Beresford. Mitchell foi o inventor do mortífero avião "Spitfire".



Quando o avião de passageiros que transportava Leslie Howard de Portugal para a Grã-Bretanha desapareceu misteriosamente, o cinema inglês perdeu um dos seus atores mais destacados. E milhares de pessoas, na Inglaterra e nas Americas, choraram a perda. Leslie Howard em 1914 apresentou-se como voluntario para o exército britânico, logo no primeiro dia em que o seu país se viu em guerra. Uma geração depois servia na segunda conflagração mundial — numa missão diferente, como propagandista. E talvez ainda mais do que dos seus sucessos obtidos na tela ou no palco, se sentisse orgulhoso do exito logrado como propagador de seu país, com as suas irradiações para os Estados Unidos e o Canadá, as conferencias feitas na Espanha e em Portugal, as caracterizações em filmes e a direção de historias de propaganda para filmagens.

A última viagem foi efetuada com grande inconveniencia para ele; mas sujeitou-se porque sabia que podia dar uma contribuição valiosa ao mistér dos atores, cientistas e literatos de cimentar as amizades internacionais e tornar a maneira de viver britânica mais amplamente conhecida no estrangeiro. Graças a ele, 900 cinemas, na Espanha, exibem presentemente filmes documentarios britânicos. Leslie Howard era um embaixador perfeito.

Tambem foi um embaixador no seu trabalho nos filmes. Vestido em "tweed", com um cachimbo nos labios, atravessava casualmente os filmes fazendo observações gentilmente ironicas com voz tranquila e bem modulada. Muitas vezes nem precisava fazer observações. Um repuchar da commissura dos labios, um franzimento nos cantos dos olhos — nada mais, mas era o suficiente. Em "Pimpanel Smith" encarnou um jovem professor universitario, passando as ferias e a contrabandear prisioneiros politicos da Alemanha. O filme "O 49.º Paralelo" foi a historia de um submarino inimigo que se aventurou pelo Golfo de Saint Lawrence, sua destruição pelas bombas canadenses e a fuga dos tripulantes para as Rockies do Canadá. Howard desempenhou o papel de um inglez que, sem armas de fogo, conseguiu matar o inimigo.

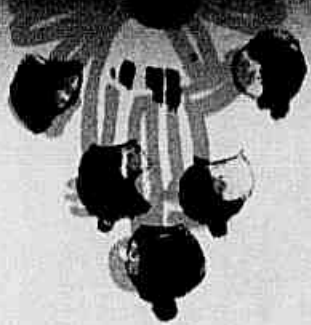
Nos últimos anos dirigiu filmes em que tambem representou. Ao chegar a guerra decidiu fazer filmes sobre os serviços, sobre todos aqueles que executavam tarefas belicas. Em "The First of the Few" fez o papel de R. J. Mitchell, o criador do famoso "Spitfire" britânico. Seguiu-se um filme sobre o Serviço Territorial Auxiliar — as jovens que auxiliam o exército britânico, no qual foi apenas uma figura de sombra com voz encantadora, a voz de um homem comentando o trabalho maravilhoso das mulheres da Grã-Bretanha, neste conflito.

O JOCKEY CLUB MUNDANO



Nesta pagina estampamos alguns aspectos da "pelouse" do Hipodromo da Gavea, durante a tarde turfistica de domingo ultimo, como testemunho da elegancia e distincção de que se revestiu mais aquela bela festa esportiva oferecida pelo Jockey Club

Brasileiro a alta sociedade carioca. Fixamos acima tambem um flagrante do "cock-tail" oferecido na sala de imprensa do prado da Gavea, aos cronistas de "turf" pela Diretoria do Jockey Club.



Los Angeles,

(Primavera 1943)

Lucienne

Conversando com Wilhela Cushman, responsável pela seção de modas de *Journal*, tivemos ensejo de ouvir o seguinte: Nós, mulheres americanas, que temos como única situação o vivermos num país onde a indústria de modas felizmente e apesar da guerra ainda existe, emergimos do inverno tendo as flores como o *leit-motiv* da moda de primavera, que possivelmente estender-se-á por todo o verão. Este ano as roupas não sendo pretenciosas terão entretanto um cunho singularmente elegante, alegre e prático. A silhueta lembrará um pouco os militares devido aos ombros retos e ao uso das boinas à Montgomery. As saias poderão ser lisas e enviesadas assim como largas, franzidas ou drapeadas. As primeiras prevalecerão, não obstante. Os *boleros* dos quais Belle Brummells é incontestavelmente a *leader* terão seu lugar firmado assim como as jaquetas, muito usadas sobre costumes de seda. Quanto às blusas, voltaram e, provavelmente, terão o mesmo apogeu as de estilo "pequena Gibson", amplas, de mangas compridas e com lindo *jabot*, confeccionadas, em geral, em *shantung*, *voile suisse*, *mousseline*, gaze e em tons pálidos, prevalecendo, é claro, o branco. Os chapéus, as luvas e as bolsas combinarão com o estilo da blusa.

No que se relaciona às cores e à estamparia não teremos imitação. Artistas muito conhecidos criaram sedas estampadas, e fino *jersey Rodier* para costumes, vestidos e acessórios. Ouro mostarda, verde esmeralda, *chartrave*, azul carbono, vermelho-tijolo, *beige* queimado ou claro, rosa pálido, beleza americana, turquesa são as cores que têm o privilégio de maior uso, atualmente.

Para as tardes entretanto as cores sobrias tais como o negro, o cinza prevalecerão, assim como o azul marinho.

Os turbantes argelinos, os chapéus à marinheiro francês, assim como o kepi das Waac inspirarão os chapeleiros.

Depois que nos declarou tudo isso, Wilhela Cushman nos mostrou alguns modelos dos quais nos prenderam mais atenção os seguintes: um costume de

seda estampada — fundo negro com borboletas coloridas, apropriado para diversas ocasiões e desenhado por Omar Kiam. Luvas verde-jade, sapatos pretos e toque com flores rosas e folhas verdes; um vestido em duas peças também de Omar Kiam — em seda pesada de fundo verde, com estamparia miúda branca. Luvas brancas e toque verde com véuzinho, uma silhueta — "rapaz holandês" em *faille* marron e *beige* com *jabot* e luvas de *mousseline* estampada de Belle Brummell, assim como o modelo em *jersey* marinho com *bolero*, saia

franzida e blusa de *laisé* branca; mais adiante, um elegante vestido de *jersey Rodier*, *beige* e branco, de saia franzida com dois bolsos, de Omar Kiam. No setor dos chapéus, vimos lindíssimos modelos em *faille*, tafetá estampado, palha - *canotier*, toques, gorros, boinas, etc., de John Frederics, Harryson, Mme. Pauline e Anne Seepo.

Tudo isso aliado a modelos de sapatos belíssimos e bolsas e luvas encantadoras. E depois dessa visita ficamos pensando que é verdadeiramente uma sorte o ter-se nascido num país que — feliz-

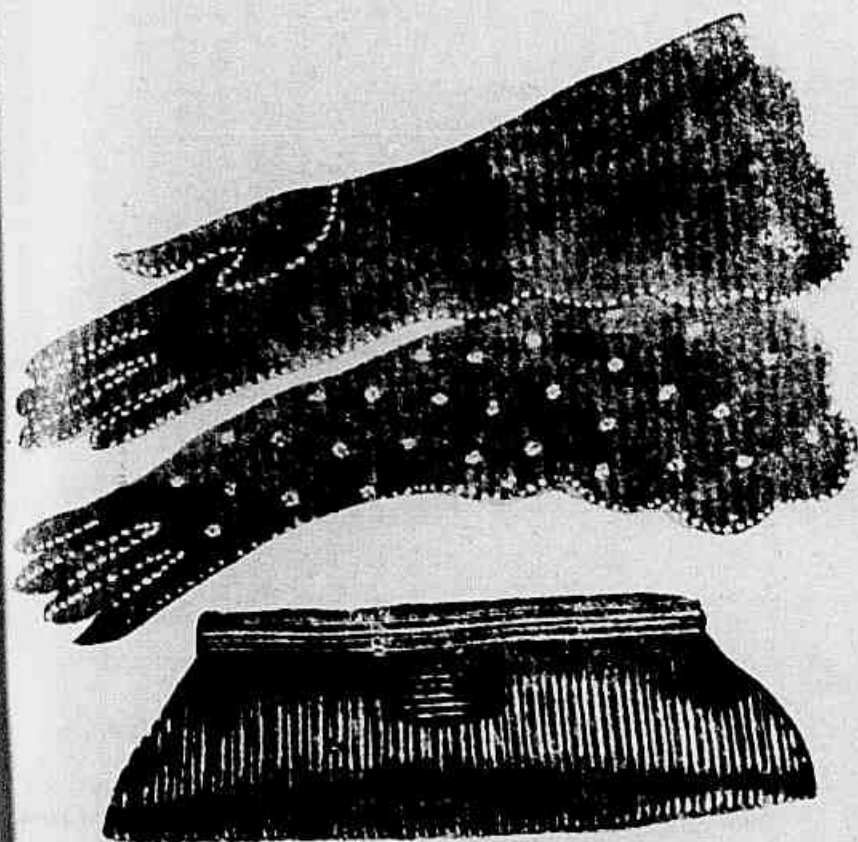
mente e apesar da guerra — ainda possui uma indústria de modas. E que indústria, Lucienne!

Abraça-te a amiga

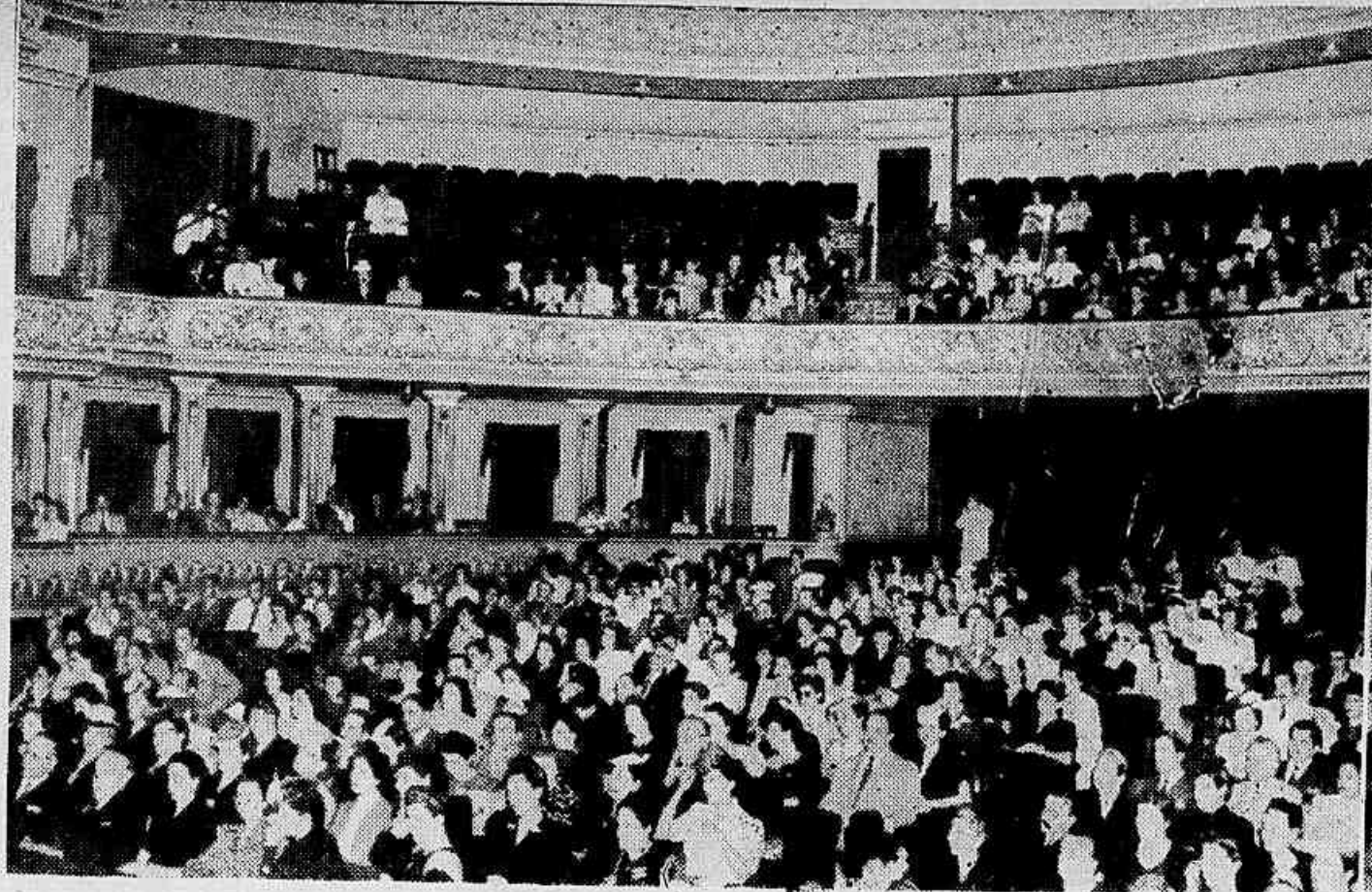
MICHELLE



Deanna Durbin, a graciosa cabrela da Universal, num lindo modelo para verão.



No Teatro da Moda — Lucienne de Paris



Noticiario Elegante

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA recebeu de seu imenso publico, na tarde do dia 6 do corrente, no Teatro Municipal, completamente cheio, mais uma consagração a que jamais deixa de fazer jús por seus grandes n.ºs. Foi um bellissimo recital que arrancou aplausos repetidos de quantos tiveram a fortuna de assistir-lhe. E o palco cobriu-se de flôres, enviadas á declamadora eximia em dezenas de cestas lindissimas.



Enlace Maria Candida de Souza -- Joaquim Guilherme da Silveira

Realizou-se no dia 11 do corrente o enlace matrimonial da senhorinha Maria Candida de Souza, filha do comendador José Antonio de Souza, já falecido, antigo chefe da casa Sotto Maior, e de sua esposa, sra. Lola Ribeiro de Souza, com o engenheiro Joaquim Guilherme da Silveira, diretor da Companhia Progresso Industrial do Brasil, filho do dr. Guilherme da Silveira e de sua esposa, sra. Leopoldina Castro Barbosa da Silveira.

No ato civil, serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sra. e sr. Evaristo Maria de' Novaes, sra. e sr. João Freitas e sra. Maria Luiza San Juan Ouro Preto; por parte do noivo, sra. e sr. Albano de Souza Guise, viuva José Antonio de Souza e o dr. José Pires do Rio.

A cerimonia religiosa, que foi oficiada por d. Aloisi Masela, Nuncio Apostolico, efetuou-se na igreja da Candelaria, tendo como testemunhas, por parte da noiva, a sra. e sr. Guilherme da Silveira e, por parte do noivo, a sra. e sr. Abilio Brenha Fontoura.

A fotografia acima é um flagrante do ato religioso, vendo-se na da esquerda os noivos após a cerimonia, numa pose especial para a REVISTA DA SEMANA.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

27: — Senhoras: Maria Emilia Lopes Cesar e Alice Catarino. Senhores: general João de Siqueira Queiroz Saíão; comandante Artur Alves da Rocha Paranhos Junior; comandante José Espindola; dr. Augusto Tavares de Lira Filho e conego Olimpio de Melo.

28: — Senhora Antonieta Niemeyer: Senhores: dr. Mauricio Leitão da Cunha; dr. Sostenes Andrade Neto e dr. Otavio Carvalho Vale.

29: — Senhoras: Iza Ferreira Chaves e Maria da Glória Maisonete. Senhorita Maria de Jesus de Azevedo Saldanha. Senhores: tenente-coronel Inade de Carvalho Tuper; Manoel de Oliveira Lopes e Rui de Alencar.

30: — Senhoras: Madalena Berquó Moses e Adail Thaumaturgo de Azevedo Carneiro. Senhores: dr. Saul de Gusmão e Jair de Araujo Frazão.

1: — Senhoras: Nair Pereira Pacheco e Julieta Campos Cheston. Senhores: desembargador Artur Colares Moreira e general Firmo Freire.

2: — Senhoras: Djanira de Souza Muniz; Adalgisa Bethlem Ferreira da Cunha e Elvira dos Santos Lima. Senhorita Therezinha Torres de Carvalho. Senhores: coronel Pedro Pinho; coronel Alfredo de Oliveira Viana e dr. Alberto Sá Souza de Brito Pereira.

3: — Senhora Léa Azeredo da Silveira. Sr. Roberto Marinho.

À DIREITA: — A Exma. Sra. D. Lia Evangelina Monteiro Portela, de nossa alla sociedade, voluntaria socorrista da Cruz Vermelha Brasileira desde o primeiro dia do Brasil na Guerra.





*Ultimas
Criações*



Do alto para baixo, da esquerda para a direita. Apresentados por Maria Montez, da Universal, temos: em gorgorão de seda negra e flores vermelhas e brancas para combinar com o costume negro e a gola em quadriculados brancos e vermelhos; em papel de celofane azul marinho com fitas e um apêndice de flores, próprio para acompanhar conjuntos como aquele, em panamá branco e saia de jersey de lã azul marinho; em tule e flocos de seda ou lã, o terceiro modelo caiu bem nas morenas de rosto quadrado, o chapéu que Fay Emerson, da Warner, oferece afinal, em pique tecido ou crespo, é próprio para costumes.



O Lar

O VESTIBULO: sua decoração e importancia

Sabemos que as primeiras impressões são as que mais perduram: eis porque devemos observar, como primeiro passo, a decoração do vestibulo. Encontramo-los pequenos ou grandes e naturalmente sua ornamentação deve estar subordinada, em primeiro lugar, aos seus limites. No caso do vestibulo pequeno nada mais errado que enchê-lo de moveis; assim devemos trata-lo como uma simples transposição até os compartimentos interiores confiando seu embelezamento apenas ao tapizado e às paredes, onde se poderá colocar um belo quadro.

A medida porem que o *hall* vai se ampliando até adquirir as dimensões de um grande compartimento as possibilidades aumentam, por exemplo, se dispomos de muito espaço na recepção bastará collocarmos um grupo estofado, alguma planta ou mesa que leve linda jarra de flores. Mas se o espaço para receber é reduzido será melhor que o aproveitemos como ambiente para viver: seu carater deverá estar tanto mais em concordancia com as habitações contiguas quanto mais vinculado está com elas pelas aberturas.

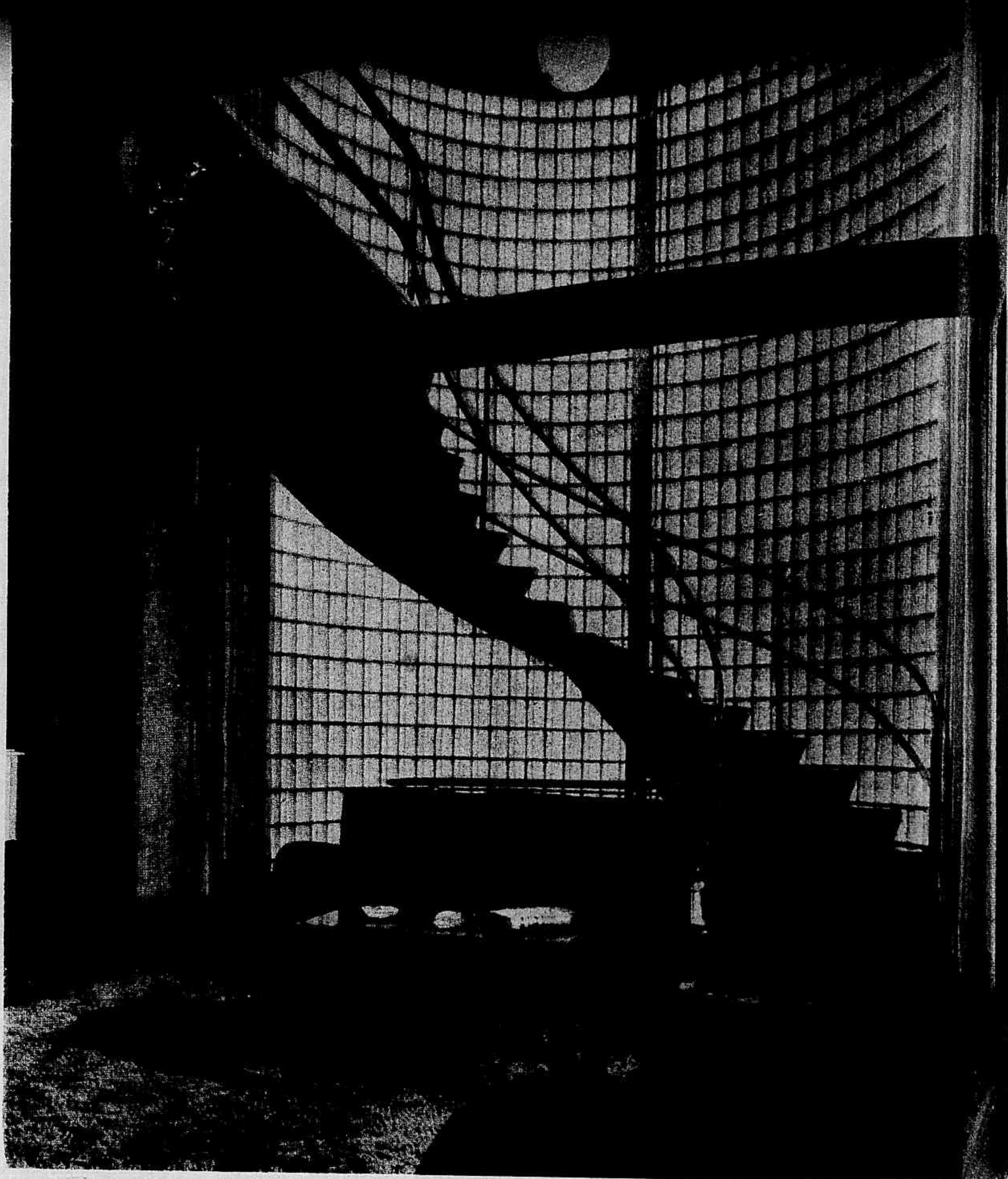
Os moveis devem ser confortaveis e escolhidos com o mesmo cuidado exigente que os de qualquer outra parte da casa. Sempre é cômodo dispor ali de um porta-chapéus.

Si o vestibulo não tem janelas o problema é fazer com que não seja escuro e triste; uma boa iluminação artificial e o uso de alegres coloridos na tapeçaria e no cortinado, com a presença de alguma planta e flores, assegurarão um belíssimo resultado. E acima de tudo evitemos que o novo vestibulo resulte um

ambiente híbrido, semelhante às antigas salas de espera de consultorios médicos, verdadeiras "terras de ninguém"; lugares despersonalizados — negação do bom gosto e do conforto — que só servem para predispor mal o ânimo do visitante.

A gravura apresenta um *hall* contiguo ao *living-*

room numa casa particular em Chicago. Neste, onde o principal atrativo é constituído sem dúvida pelas linhas arquitetônicas e o uso do vidro na parede curva, que alem de iluminar de forma perfeita o ambiente cria uma agradável sensação de espaçoidade, observamos a escada monolítica de *terrazzo* armado, o corrimão de aluminio polido e, ao fundo, a cortina de *setim* amarelo.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

FURTO DOMESTICO

Conto de ANATOLE FRANCE

Haverá dez anos, pouco mais, pouco menos, visitei uma prisão de mulheres.

Era um castelo antigo, do tempo de Henrique IV, e cujos telhados de ardósia dominavam modesta cidade do Sul, à beira dum rio. O diretor da prisão estava chegando à idade da aposentadoria. Sobre a barba branca usava um chinó preto. Era um diretor extraordinário. Tinha idéias próprias e sentimentos humanos. Não nutria ilusões quanto à moralidade das suas trezentas hóspedes; entendia, porém, não ser essa moralidade muito inferior à de trezentas mulheres tomadas ao acaso em qualquer cidade. E o seu olhar suave, fatigado, parecia dizer: "Aqui dentro, como alhures, há de tudo".

Quando atravessámos o pátio, longa fila de condenadas terminava o passeio silencioso e voltava para as oficinas. Havia numerosas velhas de ar embruteado e esconso. O meu amigo dr. Cabane, que nos acompanhava, observou-me que em todas aquelas mulheres havia taras características; que eram frequentes entre elas os casos de estrabismo; que se tratava positivamente de degeneradas e bem poucas deixavam de apresentar estigmas de crime, de delito pelo menos.

O diretor meneou lentamente a cabeça. Vi que o não impressionavam sobremaneira as teorias dos médicos criminalistas; estava persuadido de que, na nossa sociedade, os culpados não diferem muito dos inocentes.

Levou-nos às oficinas. Vimos padeiras, lavadeiras, roupeiras em plena faina. O trabalho e a limpeza davam ao recinto um tanto ou quanto de alegria. O diretor tratava todas as mulheres bondosamente. Nem as mais estúpidas ou maldosas lhe faziam perder a paciência ou a benignidade. Entendia que nos cumpre relevar muita coisa às pessoas com quem vivemos; que não devemos fazer grandes exigências aos delinquentes; e, contrariamente ao critério geral, não fazia questão de que as ladras e outras criminosas se tornassem perfeitas só por terem sido castigadas. Não acreditava na eficácia moral das punições nem esperava fazer da prisão uma escola de virtudes. Não sendo de opinião que podemos tornar melhores as outras pessoas fazendo-as sofrer, poupava o mais possível em tal sentido aquelas infelizes. Não sei se ele tinha sentimentos religiosos; mas não ligava significação moral alguma à idéia de expiação.

— Interpreto o regulamento... disse-me ele — antes de o aplicar. E eu mesmo o explico às detidas. Por exemplo: o regulamento prescreve o silêncio absoluto; mas, se elas se conservassem absolutamente caladas, ficariam idiotas ou dementes. E então penso, devo pensar que não é isso que o regulamento quer. E digo-lhes: "O regulamento impõe-lhes o silêncio. Que significa isso? Significa que as vigilantes não devem ouvir o que vocês dizem. Se elas as ouvirem, vocês serão castigadas; se não as ouvirem, nem admoestadas vocês serão. Ora, eu não tenho que lhes pedir contas dos seus pensamentos. E, se as suas palavras não fizerem mais ruído que os seus pensamentos, não tenho que lhes pedir contas das suas palavras". Assim advertidas, tratam elas de falar, sem por assim dizer, produzir som algum. Não enlouquecem e a regra é observada.

Perguntei-lhe se os seus superiores hierárquicos aprovam aquela interpretação do regulamento.

Respondeu-me que não raro os inspectores lhe faziam observações; ele, porém, conduzia-os até à porta exterior e dizia-lhes: "Estão vendo esta grade? E' de madeira. Se fechassem homens aqui dentro, ao cabo de oito dias não restaria um só. As mulheres não pensam em se evadir. Devemos, porém, evitar que se enfureçam. Já o regime da prisão não é muito favorável à sua saúde física e moral... Se os senhores lhes impuserem deveras a tortura do silêncio não me encarregarei de as guardar.

A enfermaria e os dormitórios, que em seguida visitámos, ocupavam grandes salas caiadas e que do antigo esplendor só conservavam as lajeiras monumentais de granito cinzento e de mármore, encimadas por pomposas Virtudes em alto relevo. Esculpida por volta de 1600, por algum artista flamengo italianizado, uma Justiça, com o colo nu e deixando ver a ilharga através da fenda da túnica, sustentava com braço forte a balança cujos pratos pareciam chocar-se freneticamente como cimbais. Essa deusa assestava a ponta do seu gládio contra uma doentinha deitada em leito de ferro debaixo dum cobertor delgado como uma toalha. Dir-se-ia uma criança.

— Então? Está melhor? perguntou o dr. Cabane.

— Sim, senhor, muito melhor! respondeu a enferma.

E sorria.

— Tenha juízo, esteja bem quietinha e logo ficará boa.

Ergueu para o médico grandes olhos cheios de alegria e de esperança.

— Esteve bem mal, coitada... disse-me o dr. Cabane.

E passámos adiante.

— Por que delito foi ela condenada?

— Delito, não; crime.

— Qual?

— Infanticídio.

Ao cabo de longo corredor, entrámos num compartimento de aspecto agradável, guarnecido de armários e cujas janelas sem grades davam para o campo. Uma mulher ainda moça, bonita deveras, trabalhava a uma escrivaninha. Ao lado, de pé, outra mulher, bem feita de corpo, escolhia uma chave no mólio que trazia pendurado da cintura. Julguei que fossem filhas do diretor. Este, porém, me fez ver que eram condenadas.

— Não reparou que usam o uniforme da casa?

— Não tinha reparado, sem dúvida porque elas o não usavam como as outras.

— Os vestidos são mais bem feitos e os bonés, de tamanho menor, deixam lhes ver os cabelos.

— E' difícil... respondeu o velho diretor — impedir uma mulher de mostrar os cabelos quando são bonitos. Estas duas, sujeitas ao regime, tem cada uma o seu trabalho.

— Que fazem elas?

— Uma é arquivista e a outra bibliotecária.

Não era preciso perguntar: tratava-se de duas "passionais". O diretor não nos escondeu que às delinquentes preferia as criminosas.

— Sei de algumas... explicou ele — que são como estranhas aos crimes respectivos. Foi como um relâmpago que passou na sua vida. São capazes de mostrar rectidão, coragem, generosidade. Outro tanto não direi das ladras. Os seus delitos, sempre medíocres, vulgares, formam a trama da sua existência. São incorrigíveis. E a vileza que as levou a cometer atos repreensíveis a cada momento reaparece na sua conduta. A sentença que as atinge é relativamente ligeira; e, como tem pouca sensibilidade, quer física quer moral, suportam-na, as mais das vezes, com facilidade.

"Não quer isto dizer... acrescentou vivamente — que tais infelizes sejam, todas elas, indignas de piedade e não mereçam o nosso interesse. Quanto mais vivo mais me convenço de que não há culpados e só há desgraçados.

Conduziu-nos a um gabinete e deu ordem a um vigilante de trazer a detida 503.

— Vou lhes proporcionar — declarou ele — um espetáculo que não preparei, acreditem, e que de certo lhes inspirará reflexões novas acerca dos delitos e dos castigos. O que vão ver e ouvir, cem vezes eu o tenho visto e ouvido.

Uma detida, com o vigilante atrás, entrou no gabinete. Era uma campônia bastante bonita, de ar simpático e doce.

— Tenho uma boa notícia a dar-lhe... disse o diretor — O senhor Presidente da República, informado do seu bom comportamento, perdoa-lhe o resto da pena. Sairá daqui no sábado.

A criatura escutava, com a boca entreaberta, as mãos cruzadas contra o ventre. Via-se que as idéias lhe não entravam rapidamente na cabeça.

— No sábado sairá daqui. Está livre.

Desta vez, compreendeu. Tremaram-lhe os lábios; as mãos ergueram-se num movimento de aflição:

— Mas tenho mesmo que me ir embora? Que vai ser de mim? Aqui tenho casa, comida, tudo. Não podia o senhor responder para lá que era melhor eu ficar onde estou?

O diretor fez-lhe ver que, realmente, ela não podia recusar a graça que lhe era concedida; e anunciou-lhe que, à saída, receberia certa quantia: dez ou doze francos.

A criatura retirou-se, chorando.

Perguntei o que ela havia feito. O diretor folheou um registro:

— 503. Servia em casa duns lavradores. Furtou uma saia da patroa. Furto doméstico. A lei castiga severamente o furto doméstico...

DEVERES MAIS URGENTES IMPEDEM A MANUFATURA DE PEARS...



Na atualidade não é possível obter Sabonete PEARS devido as Nações Aliadas Unidas necessitarem de certos ingredientes que eram empregados na manufatura de PEARS. Depois da guerra, porém, o Sabonete PEARS reaparecerá para os cuidados de sua cutis.

UM EXEMPLO DOS ESFORÇOS DE GUERRA DA GRÃ BREITANHA:

Em média, cada homem, mulher ou criança da Grã Bretanha, direta ou indiretamente, contribuiu para os fundos de guerra com Cr. \$ 80,00 por semana. Na Alemanha, a média é de Cr. \$ 54,00 e na Italia de Cr. \$ 16,00.

SABONETE

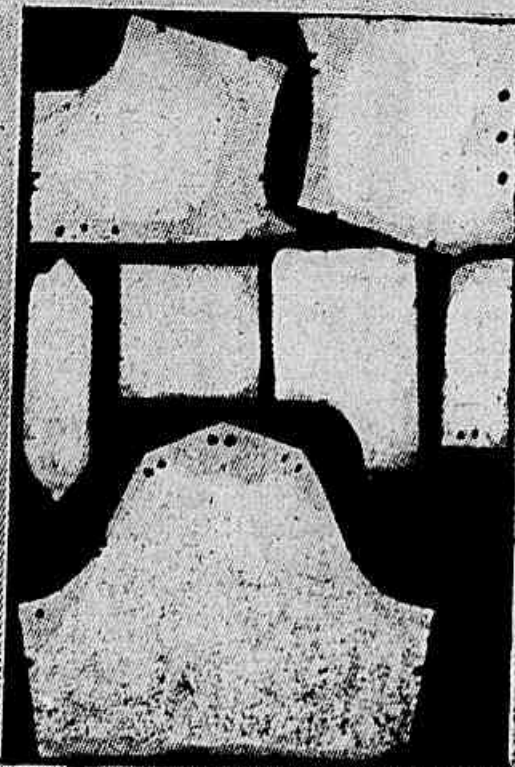
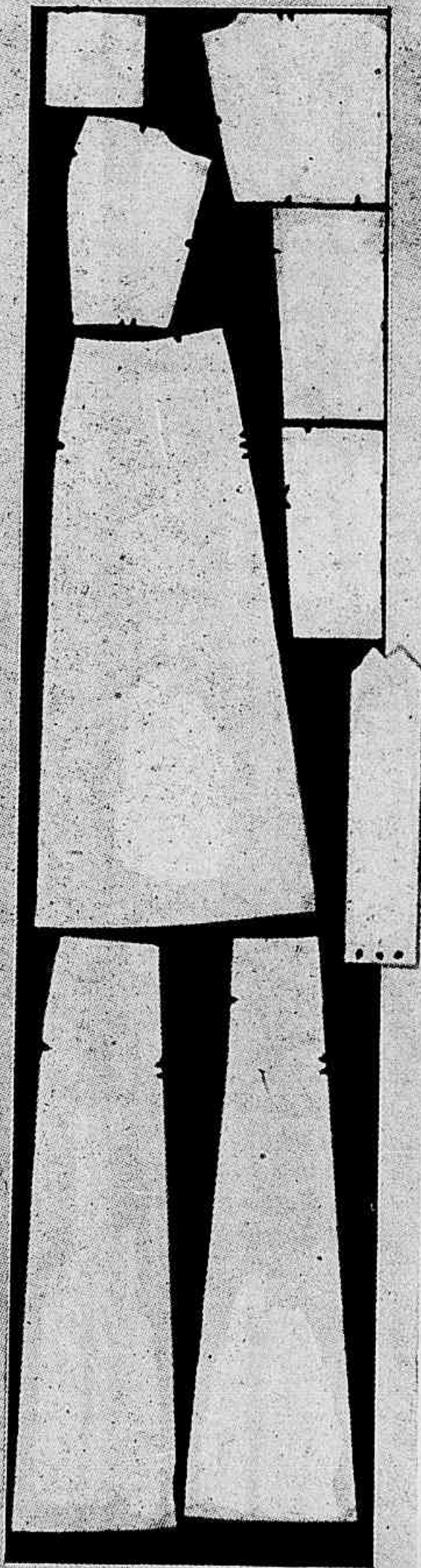
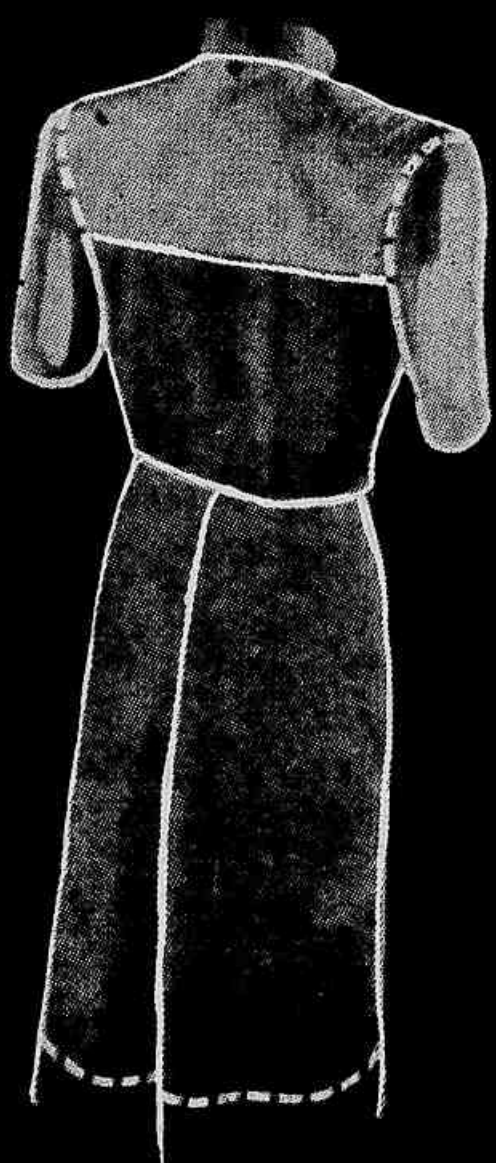
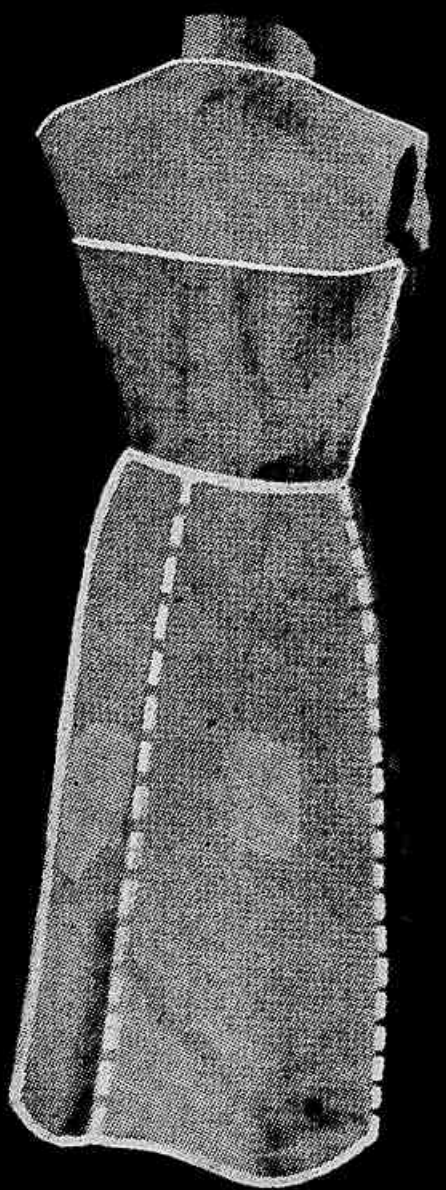
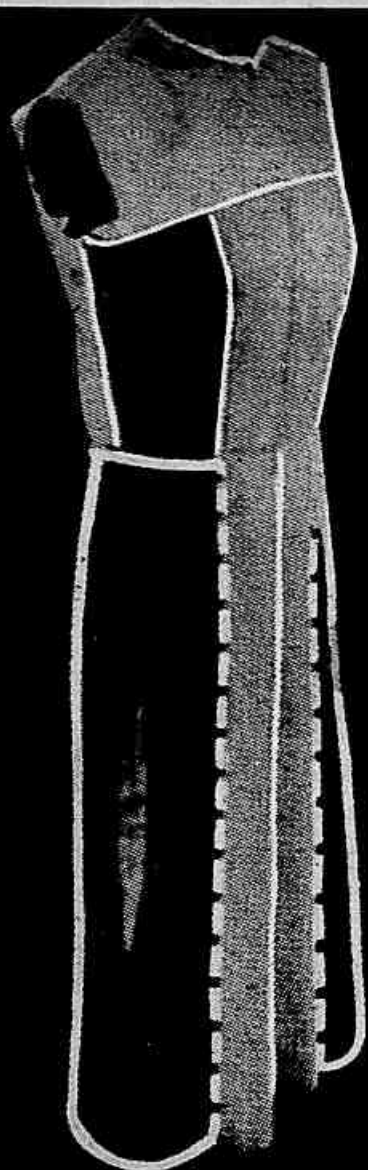
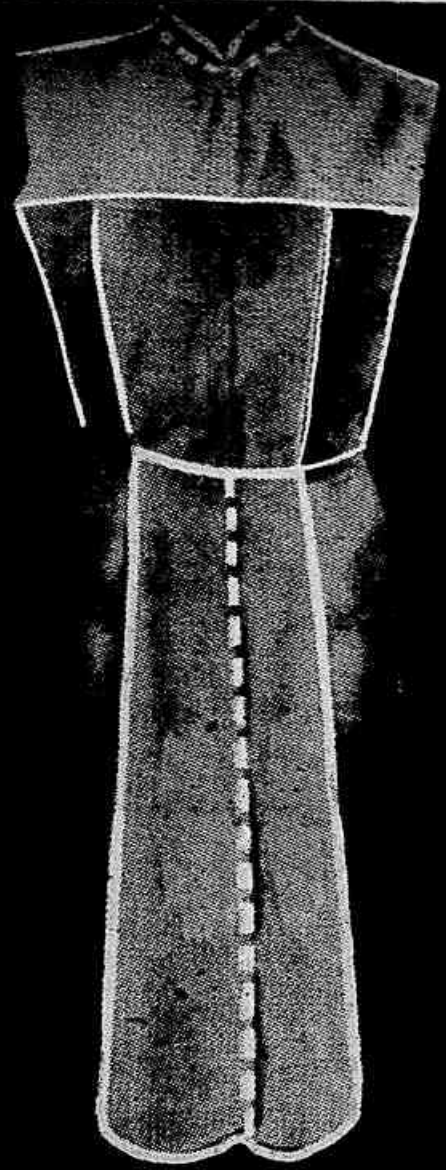


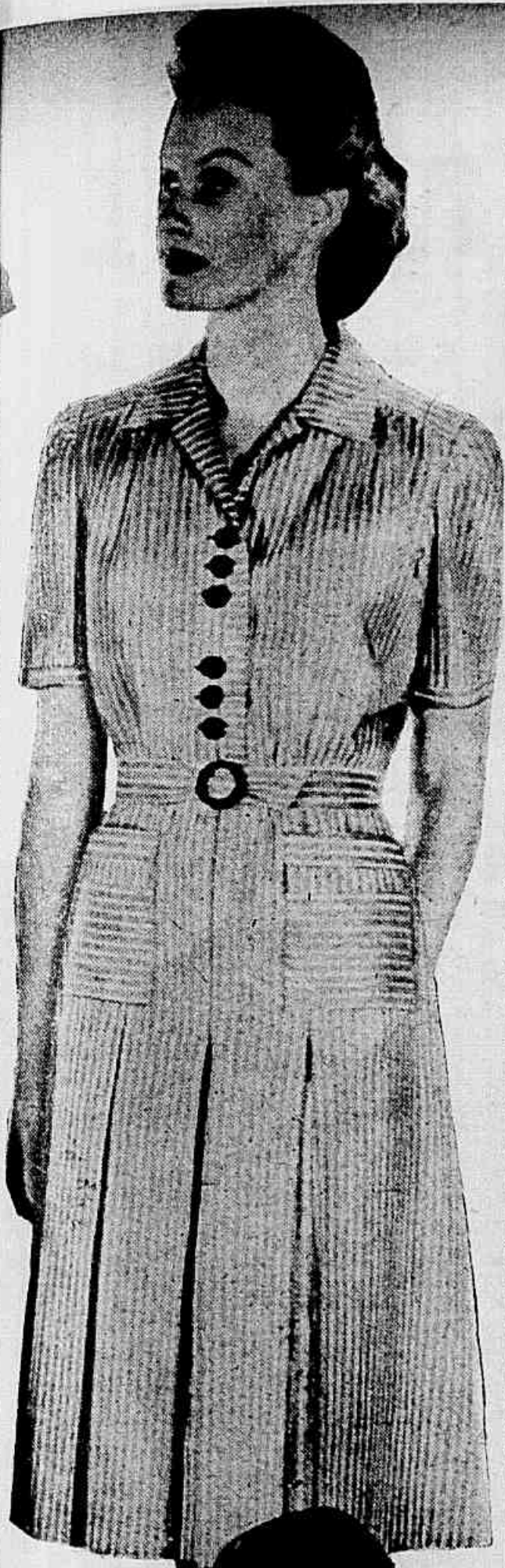
Pears

— Lembre esta marca depois da guerra!

Você pode fazer seu vestido

Observe esse método e
execute esses lindos modelos





O vestido em geral é constituído de duas peças: saia e blusa. A saia pode ser lisa, de duas costuras, de quatro panos, etc. E a blusa? Poderá apresentar gola esportiva ou decote em V, preguinhas e bolsos, enfim uma enorme variedade de feitos e adornos. Entretanto você pode executar os vestidos mais simples por um sistema sumamente prático. Basta partir de um postulado: o conjunto não é formado de partes? E então? Corte essas partes, dentro das suas medidas, reuna-as e depois, mais um vestido figurará no seu guarda-roupa.

Senão vejamos: apresentamos, na 1.ª página, um modelo bonito que não é dos mais simples. E entretanto que facilidade a sua confecção! A costureira cortou cada parte separadamente baseando-se e experimentando-o no seu próprio manequim. Siga essa orientação para fazer seus vestidos ligeiros, compre um manequim com suas medidas e confeccione modelos simples e encantadores como os desta 2.ª página executados em algodão, shantung, e rayon estampado.



SABINA

(Continuação da pág. 15).

IV

Se bem o disse o velho Mattos, melhor o fez o bacharel Figueiredo. Retirou-se durante alguns dias para uma fazenda sem dizer adeus nem dar satisfação à viúva. Imagine-se o desespero dela. Quando soube que o seu amante voltara dessa misteriosa viagem, foi — e era a primeira vez que lá ia — foi à casa de pensão em que ele morava e entrou como uma douda no quarto.

— Então? que quer isto dizer?... exclamou a misera caindo numa cadeira, a soluçar desesperadamente.

Ele até então nunca a tinha visto chorar. A viúva apresentava-se-lhe sob um aspecto estranho; parecia-lhe agora mais bela e mais apetitosa.

Entretanto fazendo um esforço violento sobre si mesmo, o bacharel franziu os sobr'olhos e repetiu as palavras do velho Mattos:

— A' vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais pôde haver de comum entre nós!...

Sabina ergueu-se como tocada por uma mola.

Ele continuou:

— Não me peça explicações; eu não lhas daria! Meta a mão na consciencia, e compreenda o meu eterno ressentimento!

Dizendo isto, saiu do quarto batendo com estrondo a porta, e deixando a pobre Sabina aparvalhada.

V

No dia seguinte o bacharel recebeu uma carta concebida nos seguintes termos:

"Figueiredo — Teus razão, nada mais pôde haver de comum entre nós; aprecio e respeito a delicadeza dos teus sentimentos.

"Eu vivia na ilusão de que tudo ignorarias, de que jámais virias ao conhecimento de uma fraqueza que tão desgraçada me faz neste instante. Vejo que o miserável não guardou segredo, e fez chegar aos teus ouvidos a historia de uma vergonhosa aventura a que fui arrastada num momento de desvario e de que logo me arrependi amargamente.

"Não me perdões, porque o teu perdão seria um atestado de pessimo carater, mas ao menos sabe que foi a tua frieza, o teu desprendimento, o pouco caso com que então começavas a tratar-me que me determinaram a dar o máo passo que dei e que tantas lagrimas me tem custado.

"Adeus, lembra-te sempre da infeliz Sabina, que te ama ainda como sempre te amou, mas não procures tornar a vê-la, porque ela é a primeira a confessar que não é digna de ti. Console-te a certeza de que a minha vida vai ser de agora em diante um inferno de remorsos e de saudades. Adeus para sempre... — SABINA."

VI

Esta carta produziu terrivel efeito no espirito do bacharel Figueiredo.

Era então certo?... ela pertencera a outro homem?!

E o seu amor extinto despertou mais violento, mais impetuosos que nunca. Passavam-lhe rapidamente pela memoria num turbilhão demoniaco, todos os deliciosos momentos que lhe proporcionara a meiga viúva e o ciúme, um ciúme implacavel que o aniquilava e embrutecia, excitava-o tiranicamente.

Ele correu á casa de Sabina, e encontrou fechadas todas as portas e janelas. Informou-o um vizinho de que a viúva se retirára na vespera, com a menina e as criadas, levando malas e embrulhos.

Durante cito dias o bacharel, desesperado, enfurecido, mortificado pela insomia pelos ciúmes, pelas saudades, correu á casa dela: tudo fechado!...

Ninguém lhe dava noticias de Sabina! Aonde iria ela... onde estava?!

Afinal, um dia encontrou a porta aberta e entrou como um doudo, tal qual Sabina entrara na casa de pensão. Encontrou-a no seu quarto, e, sem dizer palavra, sufocado pelo pranto, beijou-lhe sofregamente a boca, os olhos, o nariz, as orelhas...

Mas a viúva, debatendo-se heroicamente, conseguiu repeli-lo, e poz-se de pé, gritando:

— Não! Não, Não, Figueiredo!... Tudo acabou entre nós! Eu não sou digna de ti!

— Não digas isso pelo amor de Deus! Eu perdoo-te! Eu amo-te! Eu adoro-te!...

— Se realmente me amas, se me adoras, então és tu que não és digno de mim!

Dizendo isto, fugiu do quarto e foi para junto da filha, onde se julgou a coberto das perseguições do bacharel. Efetivamente, este deixou-se ficar no quarto, atirado sobre leito e soluçando convulsivamente.

VII

Durante alguns dias a mesma cena se reproduziu, mas afinal restabeleceram-se as pazes.

Sabina cedeu sob duas condições: primeira, — o bacharel só entraria no quarto dela com escala sob a pretoria e pela igreja; segunda, — jámais lhe pediria explicações sobre o facto que determinára a crise.

VIII

Tres mezes depois do casamento, o velho Mattos, que se tornára intimo da casa, achando-se a sós com Sabina, contou-lhe a historia de conselho dado ao bacharel, conselho que foi a causa immediata de tão extraordinarios acontecimentos, e que tão negativo efeito produziu.

Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO

como o

CYMA



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUVEL E LINDA, USANDO

Oleo de Violetas

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

— Mas o que o senhor não sabe, disse ela, é que eu nunca tive outro amante senão o Figueiredo.

— Que me diz, minha senhora?

— Juro-lhe pela vida de minha filha que falo verdade. — Mas valha-me Deus! o pobre rapaz está convencido de...

— Deixa-lo estar. E' um pobre diabo, feito da mesma lama que os outros homens. Confessei-lhe uma culpa que não tinha, porque adivinhei que só assim poderia reconquistá-lo.

— Mas agora estão casados e muito bem casados; é preciso dissuadi-lo.

— Não; ainda é cedo; mais tarde... Esse homem que ele não sabe quem é... essa aventura misteriosa... essa ignobil mentira é a garantia da minha felicidade. Enquanto ele supuzer que não fui dele só, será só meu.

— Parabens, minha senhora; pôde gabar-se de ter embrulhado o velho Mattos.

— Ora, o velho Mattos! Quem é o velho Mattos? Quem é o senhor? Algum psicologo? Saiba que uma mulher inteligente é capaz de embrulhar Paulo Bourget...

— Upa! upa! E' capaz de enfiar pelo fundo de uma agulha o proprio Balzac! Repito: parabens, minha senhora!

Correspondência



CREMILDA — Rio.

"E, sempre que me aborreço, aparecem pequeninas manchas vermelhas no rosto:..."

Resposta :

"A pele responde às emoções tanto como o estomago ou o coração. As emoções afetam a pele ocasionando primeiro perturbações no sistema nervoso simpático, depois, nos vasos sanguíneos, nos músculos e na nutrição da pele. A reação é uma espécie de mau hábito, muito difícil de vencer. O doutor Eugene Bernsteins médico alemão exilado em Manhattan, cita o caso de uma paciente sua que se enchia de urticaria cada vez que se lembrava da ocasião em que um ladrão roubou sua casa. Pintas ou broto de sangue nas mãos, pés e rostos de religiosos extáticos, correspondentes às feridas da Crucificação, são resultado de histeria e "representam uma identificação com Cristo por parte do paciente"

Entre os fenomenos da pele que Bernstein afirma se podem às vezes, atribuir a fatores psíquicos, figuram as verrugas. Ele afirma haver curado quatro, de cada cinco casos, dizendo ao paciente que lhe havia dado alguma droga rara, (em verdade só usava agua salgada esterilizada. Outro fenomeno da pele, as cãs, diz ele, que são causadas pela despigmentação devida a uma prolongada preocupação. (Desmente a lenda de que o cabelo encaneca em uma noite devido a um repentino susto).

Comentário nosso: Se bem que o Dr. Bernstein nos pareça um pouco exagerado nas suas afirmações não deixamos de reconhecer que — em grande parte — está com razão. Dizem os endocrinologistas que as emoções atuam fortemente sobre o sistema endócrino causando distúrbios. Assinalam-se mesmo casos de escurecimentos repentinos da pele por uma hiper-função da supra renal, etc... devido a emoções violentas.

Portanto, Cremilda, o primeiro cuidado com a pele é — antes do massagista e das mascaras de beleza — EVITAR EMOÇÕES VIOLENTAS E PREOCUPAÇÕES QUOTIDIANAS. Isso será meio caminho vencido para a beleza de seu rosto

DORA MARIA — Rio.

"...alguns vestidos para a primeira comunhão..."

RESPOSTA :

1 — Vestido de organza, e tafetá. Cintura justa e mangas amplas. Saia franzida. Adorno de preguinhas, rendas e delicados motivos em ponto de sombra. A grinalda prende um véu de organza.

2 — Lindo vestido que pode ser executado em organza ou gaze guarnecido com preguinhas e entre-meios. O toque do mesmo tecido do vestido sustem um véu do mesmo material.

3 — Modelo de tafetá em corpete comprido e saia franzida. Adornos bordados a ponto de festão. Grinalda de tafetá e véu de crêpe "georgette" ou gaze. Gostou?"

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

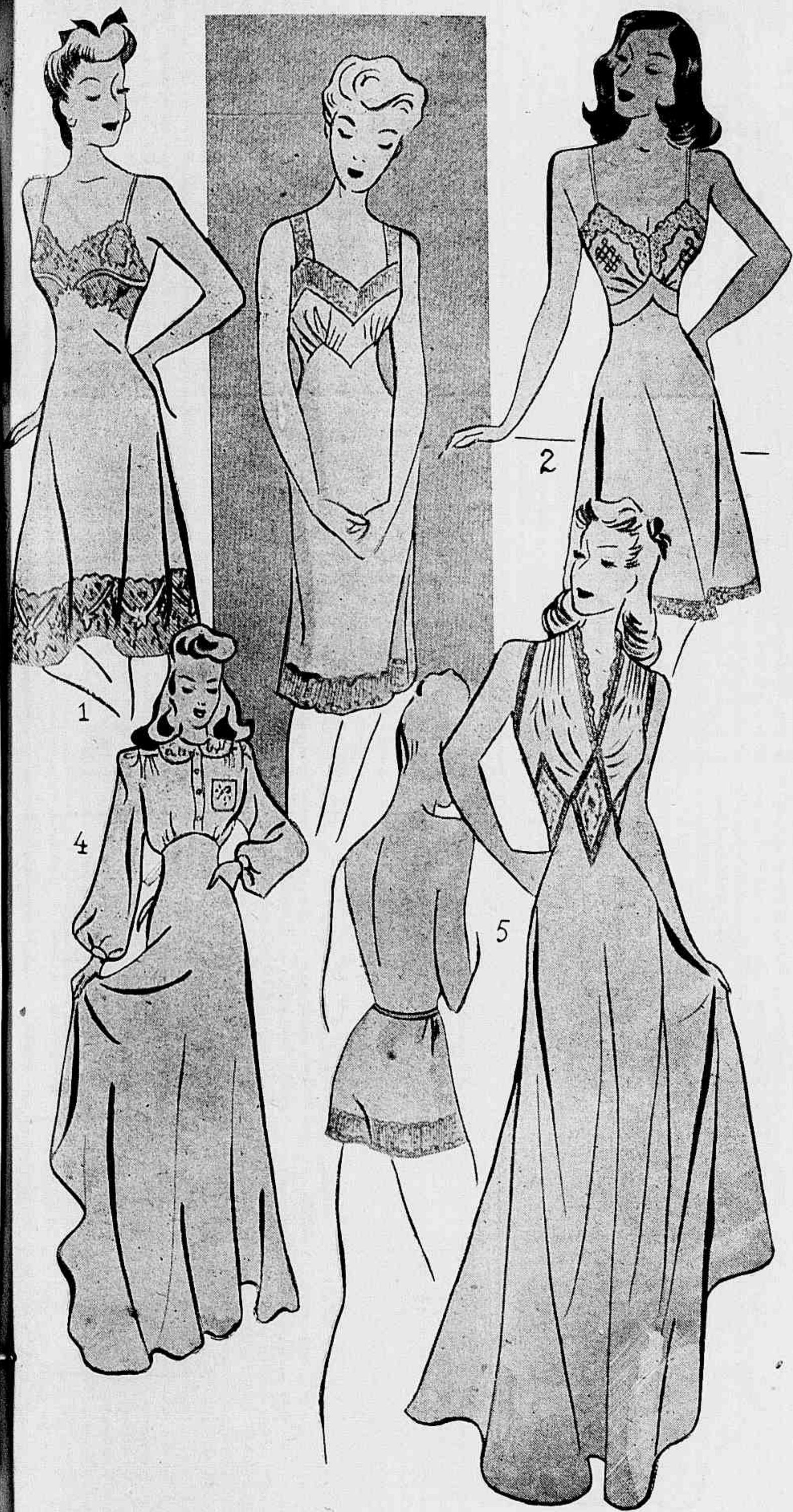
NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 4-7866





SILVIA — Campos — Est. do Rio.

"e...gostaria que me enviasse sugestões de roupas de interior".

"Aí vão algumas:

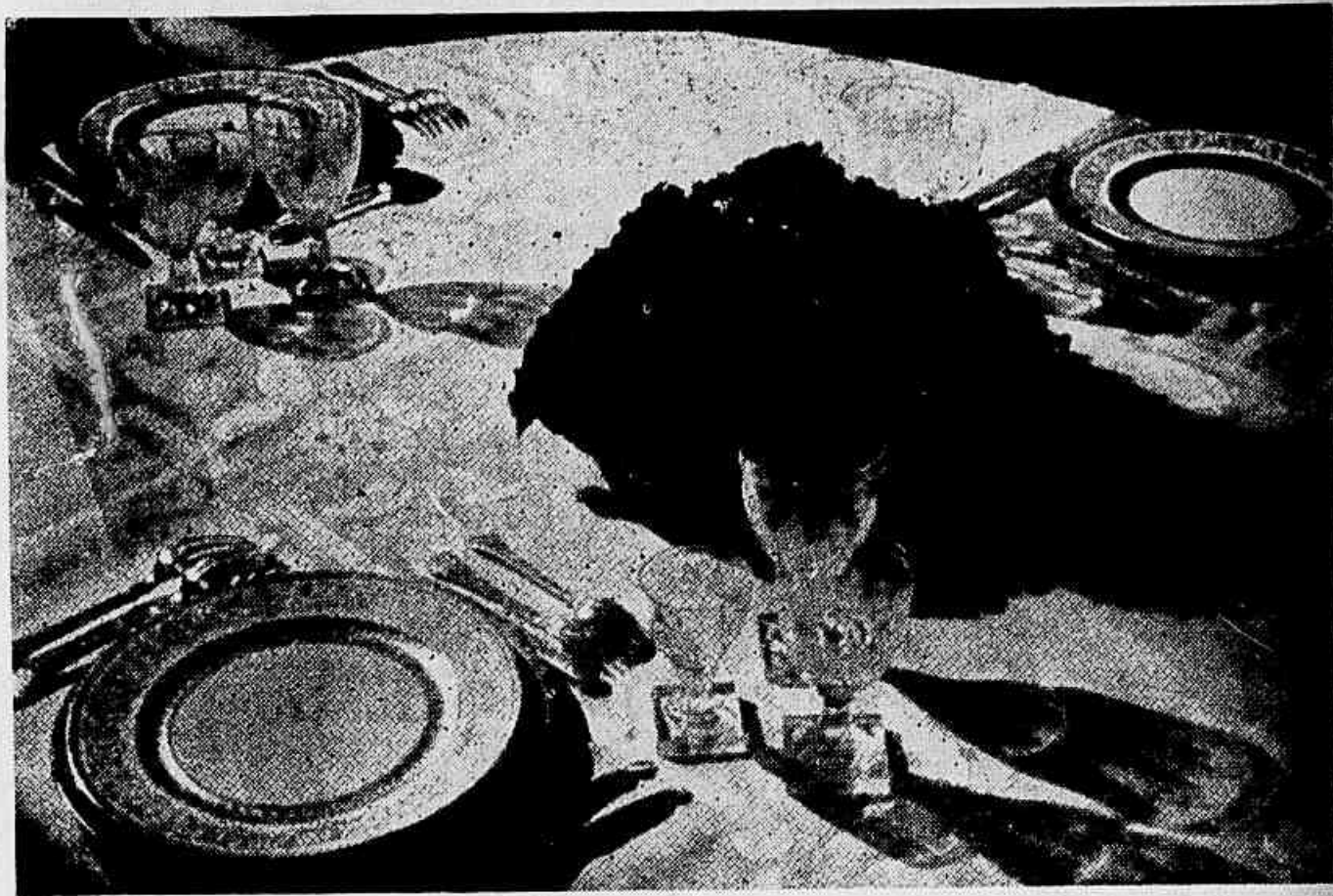
1 — "Broderie" e setim são os materiais empregados para esta suntuosa combinação. Os desenhos da franja e da parte superior são feitos com incrustações de setim.

2 — Em seda — crepe da China — deve ser feita essa linda combinação. Rendas valencianas e gradeado a ouro constituem seus enfeites.

3 — Muito moderna e elegante é esta camisola de dormir executada em setim. A peça da frente é do mesmo material que, depois de bordado, é superposto.

4 — Camisola de dormir confeccionada em setim lavável cor verde pistache; gola e bolsinhos bordados. A saia mesclada sobe pela cintura modelando o busto.

5 — Linda camisola confeccionada em sedas e finas aplicações. Nas peças do talhe pequenos raminhos incrustados em setim.



MME. CARVALHO — Belo Horizonte

"Como arrumar a mesa..."

"Saber receber é um dom e também uma arte que se pode adquirir somente possuindo bom gosto e tato para fazer com que todos fiquem à vontade tendo a impressão de que sua visita não ocasiona nenhum transtorno nem preocupação. O bom gosto evidencia-se ainda no arranjo da mesa. Atualmente impera a sobriedade no que se refere à guarnição.

Esta, que varia segundo o que se oferece e a quem se oferece, pode ser de fino linho bordado, cambráia, em geral branca em estilo clássico ou americano — este último, ser, viço individual. Quando a etiqueta não foi tão grande pode ser usada a guarnição em tons suaves e bordada com motivos à cor. Dentro do possível o aparelho de jantar deve combinar com motivos e com a toalha de mesa para obter-se, desta maneira, um conjunto harmonioso e elegante. A disposição dos talheres não variou em absoluto. Colocamo-los, tradicionalmente, de cada lado do prato na ordem em que servimos a comida: no extremo, à direita ou à frente do prato, a colher de sopa e lateralmente os talheres de fiambre, peixe, carne ou verduras. Os talheres de sobremesa se põem juntamente com esta, acontecendo o mesmo com aqueles que se usam com as frutas. Os copos se distribuem igualmente na ordem em que se servem os vinhos não devendo faltar o copo de água e de "champagne" nos jantares de importância. Para o pão, em alguns casos colocamos um pratinho à esquerda.

Em matéria de enfeites para a mesa deve predominar a maior simplicidade: um centro de prata ou cristal — e uns candelabros — em geral usados nos jantares.

São também adequados os saleiros individuais de prata e de cristal. Deve-se servir a sopa em pratos fundos exceto quando se tratar de "consome" que deve ser servido em taças especiais de duas asas, costume que se generalizou bastante.

Os vinhos devem obedecer à seguinte ordem: para as sopas, vinhos Madeira ou similares; com o peixe, vinhos brancos; com aves carne e verduras vinhos Bordéus; com carne assada, vinhos tipo Borgonha; com as sobremesas, "champagne"; com o café "cognac" e licor a gosto.

As mesas de chá exigem, em linhas gerais, regras idênticas embora se permita maior disposição para fantasia. É costume ter um copo de água diante de cada prato. Os talheres são menores que os de jantar colocando-se sobre os pratos de tinados às massas, "sandwiches", tortas, etc... Fica muito bonito colocar "bombonnières" de prata ou cristal com bombons finos e frutas cristalizadas, etc... Depois do chá, em ocasiões de certa etiqueta, costuma-se oferecer cálices de vinho do Porto ou outro vinho de qualidade.

Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

Circulará em todo o país em princípios de dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

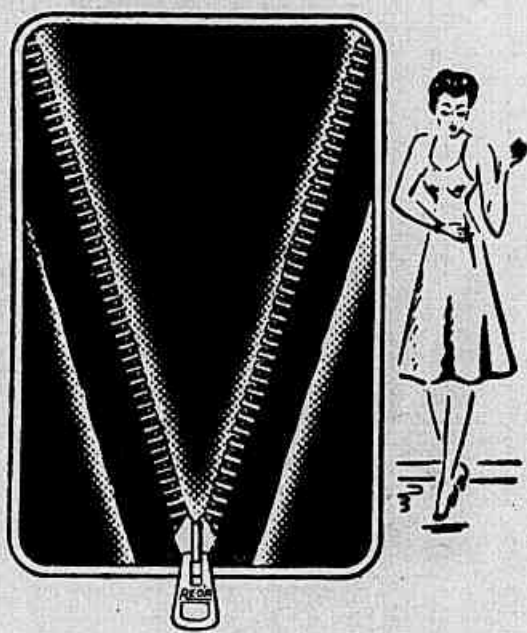
Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quase 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



UM ZIP NACIONAL de absoluta CONFIANÇA!

REOR é o seu nome! E a sua qualidade corresponde em tudo à dos melhores zips estrangeiros. Fabricado com material inoxidável, REOR é resistente, rápido e seguro. E além disto, é apresentado numa característica variedade de tamanhos e modelos de estilos modernos e elegantes, que condizem com as mais finas confecções. Experimente-o no primeiro vestido que fizer. Ficará surpreendida com a segurança e qualidade que REOR oferece. Em tipos niquelados, dourados e esmaltados, inatacáveis pela soda do sabão comum.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS



Um visitante do Egito

(Continuação na página 12)

se o deus não tivesse controle de sua transfiguração; se a metamorfose ocorresse frequentemente e de modo imprevisível; se ele adotasse, vamos dizer, a cara fantástica de um Dr. Jekyll e de Mr. Hyde.

Sir Richard estava avançando para a porta. Movia-se com um passo curioso, arrastando os pés e os sapatos raspavam o soalho, de maneira peculiar. Mr. Buzzby pôs-se imediatamente em guarda. — Que é que há, Sir Richard? Que foi que aconteceu?

— Nada! — A voz de Sir Richard elevou-se em histeria negativa. — Nada. Onde é o lavatório, Mr. Buzzby?

— Descendo um lance da escada à sua esquerda, ao fim do corredor — murmurou Mr. Buzzby. — O senhor está... se sentindo mal?

— Não é nada, não é nada, murmurou Sir Richard. — Preciso beber um gole d'água, simplesmente. O ferimento me afetou — eh — a garganta. Quando ela fica muito seca me doe horivelmente.

— Santo Deus! — murmurou o superintendente. — Eu mando buscar água para o senhor, Sir Richard. Não custa nada. Peço-lhe que não se incomode.

— Não, não, insisto que não mande. Voltarei imediatamente. Por favor não chame ninguém.

Antes do zelador ter tido tempo de renovar seu oferecimento, Sir Richard havia atravessado a porta e desaparecido ao fim do corredor.

Mr. Buzzby encolheu os ombros e voltou à secretaria. — Uma pessoa singularíssima, murmurou. — Erudito e original, mas estranhíssimo. Decididamente é esquisito. No entanto, é agradável pensar que ele leu minha brochura. Um sábio de sua categoria podia muito desculpavelmente passar por alto. Ele a chamou um trabalho erudito. Um trabalho erudito. Hum, hum. Muito agradável para mim, pois não.

Mr. Buzzby remexeu-se e acendeu um charuto.

— Naturalmente ele está errado, acerca do Livro dos Mortos, disse à meia voz. — Osiris era um deus muito benévolo. É verdade que os egípcios o temiam, mas apenas porque achavam que ele julgava os mortos. Não havia nada de essencialmente demoníaco ou cruel a seu respeito. É curioso que um homem tão eminente pudesse escorregar de modo tão sensacional. De fato eu creio que meus argumentos impressionaram. Pude ver que ele ficou impressionado.

As reflexões do zelador foram interrompidas de modo estúpido e inesperado, por um berro no corredor. — "Desçam os extintores! Depressa, idiotas"...

O zelador boquiabriu-se e se pôs de pé rapidamente. A incontinência de linguagem violava todas as regras do museu e ele sempre insistira, firmemente, que o regulamento devia ser obedecido. Marchando rapidamente para a porta, abriu-a e olhou de modo indagador pela galeria.

— Que é isto? — gritou. — Alguém chamou?

Ouvindo passos apressados e a voz de alguém gritando, e depois apareceu um empregado ao fim do corredor. — Venha depressa, "sir"! — exclamou o guarda. — Está saindo fogo e fumaça do sub-solo.

Mr. Buzzby deu um gemido. Que coisa horrorosa para acontecer quando estava com uma visita tão importante! Largou-se correndo pelo corredor e segurou o guarda, furiosamente, pelo braço. — Sir Richard saiu? — perguntou ele. — Responda-me! Sir Richard está lá em baixo?

— Quem? — fez o guarda espantado.

— O cavalheiro que desceu há poucos minutos, idiota. Um cavalheiro alto, vestindo um sobretudo azul.

— Não sei, Sir. Não vi ninguém subir.

— Santo Deus! — Mr. Buzzby estava frenético. — Precisamos encontrá-lo imediatamente. Creio que ele estava se sentindo mal. Provavelmente desmaiou.

Correu ao fim do corredor e olhou para baixo, pela escada cheia de fumaça que levava ao lavatório. Imediatamente atrás dele, três guardas avançaram cautelosamente. Com lenços molhados amarrados no rosto, protegendo-os contra a fumaça ácida, cada um carregava um extintor de incêndios, de forma cilíndrica. Enquanto desciam a escada irrigavam com o conteúdo líquido dos extintores as espirais de letal fumaça azul que subiam rapidamente.

— Há um minuto ainda estava peor, exclamou o guarda a uma indagação de Mr. Buzzby. — A fumaça estava mais espessa e tinha um mau cheiro terrível. Fedia como os ovos de dinossauro, quando o senhor os desempacotou na primavera passada, sir.

Os guardas haviam agora chegado à base da escada e estavam cautelosamente espionando para dentro do lavatório. Por um momento examinaram em silêncio e depois um deles berrou para Mr. Buzzby. — A fumaça está horivelmente densa lá dentro, sir. Não podemos ver as chamas. Devemos entrar, sir?

— Entrem, entrem! — a voz de Mr. Buzzby tremia tragicamente. — Façam o que for possível. Por favor!

Os guardas desapareceram no lavatório e o zelador ficou esperando com uma expressão agoniada e expectante. O coração partia-se-lhe ao pensar no destino que tivera provavelmente seu eminente visitante, mas não podia fazer nada. Sinistros pressentimentos tumultuavam-lhe no cérebro, porém estava incapaz de agir.

De repente o alarido recomeçou. Fosse qual fosse sua origem eram gritos espantosos, mas começaram tão repentinamente que o zelador não podia imaginar coisa alguma que os explicasse. Vinham de modo tão horrível e tão súbito do lavatório ecoando e ressoando através dos corredores vazios, que o superintendente não podia fazer mais do que arregalar os olhos e abrir a boca.

Mas, quando os berros se tornaram inteligíveis, quando os gritos de terror se transformaram em apelos de misericórdia, de piedade, e quando a linguagem em que se exprimiam tragicamente também mudou, tornando-se familiar ao superintendente, mas incompreensível para o homem que estava a seu lado, ocorreu um incidente espan-

loso que o último jamais conseguiu relegar a uma miséridiosa lacuna mnemônica.

O zelador caiu de joelhos, literalmente caiu de joelhos no alto da escada e ergueu ambos os braços num involuntário gesto de súplica. E depois de seus lábios lívidos jorrou uma torrente de gíria algaravia:

"sdmw stn Osiris! sdmw stn Osiris! sdmw stn Osiris! sdm-f Osiris! Oh, sdm-f Osiris! sdmw stn Osiris!"

— Louco! — Uma forma encapuçada emergiu do lavatório e subiu as escadas com imponência. — Louco! Você... você pecou imperdoavelmente! — A voz era gutural, rouca, remota, e parecia vir duma distância imensurável.

— Sir Richard! Sir Richard! — O zelador levantou-se cambaleando e se precipitou ao encontro da figura que ia subindo. — Proteja-me, Sir Richard. Está se passando uma coisa indizível lá em baixo. Eu pensei... por um momento eu pensei... Sir Richard, o senhor viu? O senhor ouviu alguma coisa? Aqueles gritos...

Mas Sir Richard não respondeu. Nem ao menos olhou para o superintendente. Passou por diante dele como se o infeliz fosse um maluco desprezível, e sombriamente começou a subir as escadas que levavam ao vestibulo das antiguidades egípcias. Subia tão depressa que o zelador não o pôde acompanhar, e antes que o homem estorrecido tivesse alcançado o patamar do meio já os passos do outro ressoavam no ladrilho atijolado do alto.

— Espere, Sir Richard! — esganicava-se Buzzby. — Espere, por favor! Tenho a certeza de que posso explicar-lhe tudo! Estou com medo. Por favor espere por mim!

Um espasmo de tosse o tomou e nesse momento produziu-se um tremendo estrépito. Fragmentos de vidros quebrados repiquearam sugestivamente no chão empedrado.

Um documento valioso



O nome do Dr. Campos de Rezende, com consultório à rua Buenos Aires n. 112, oculista dos mais credenciados no nosso meio médico, não raro, tem se projetado além das fronteiras do Distrito Federal, espalhando-se pelo interior do país um renome, justamente merecido. Ainda agora, do Estado do Rio, nos vem a seguinte notícia:

M E D I C I N A

AO BENEMERITO DR. CAMPOS DE REZENDE

Medico oculista

"Florianio Franco de Faria, funcionario dos Correios, vem por meio deste jornal patentear a sua gratidão imorredoura ao benemérito, filantropo e competente Dr. Campos de Rezende, pelo tratamento dedicado a que se submeteu o mesmo numa das vistas considerada perdida, recuperando-a de maneira surpreendente, após sua intervenção."
(Transcrito de "O Tempo", de S. Gonçalo — Estado do Rio, de 21-8-43).

e despertaram terríveis ecos pelo corredor acima e abaixo da escada de caracol. Mr. Buzzby agarrou-se ao corrimão e soltou um gemido. Seu rosto estava purpúreo e transformado de medo e gotas de suor brilhavam-lhe na testa. Por um momento permaneceu assim, acovardado e titubante na escada. Depois, por milagre, a coragem voltou-lhe. Subiu o último lance de três degraus e se precipitou ferozmente para diante.

Uma idéia intolerável nascera abruptamente no cérebro espavorido do pobre Mr. Buzzby. Subitamente lhe ocorrera que Sir Richard era um impostor, um louco feroz pretendendo apenas destruir, e que suas coleções estavam em perigo imediato. Apesar de todas as humanas deficiências de Mr. Buzzby, na sua capacidade funcional era conciente e agressivo num ponto quasi anormal. E o estrépito fôra iniludível e susceptível de uma única explicação. Mr. Buzzby esqueceu completamente seus receios no zelo por suas preciosas coleções. Sir Richard havia arrebatado um dos armários de vidro e estava retirando seu conteúdo! Havia pouca dúvida no espírito de Mr. Buzzby a respeito de qual das vitrinas Sir Richard tivesse arrebatado. — As relíquias de Luxor nunca poderão ser substituídas, gemeu ele. — Fui vítima duma horrível impostura!

De repente parou. Mesmo à entrada do vestibulo jazia um montão de roupas que instantaneamente reconheceu. Lá estava o sobretudo de chinchila azul e o chapéu coco de copa alta, e a écharpe azul que escondia de modo tão completo a cara de seu visitante. E no alto do montículo estava atirado um par de luvas amarelas de **suede**.

— Santo Deus! — murmurou Mr. Buzzby. — O homem despiu toda a roupa!

Ficou assim por um momento, olhando assombrado e depois a passos largos e histéricos avançou pelo **hall**. — Um maníaco irremediável — murmurava ele, retendo a respiração. — Um louco completo e absoluto. Por que não fui...

Então, abruptamente, deixou de se censurar. Esqueceu inteiramente a loucura do outro, o monte de roupas, a vitrina arrebatada. Tudo o que lhe ocupava o espírito até esse momento esvaiu-se de temor. Nunca os olhos de Mr. Buzzby tivessem contemplado tal cena!

O visitante de Mr. Buzzby estava curvado sobre o armário quebrado e apenas suas costas eram visíveis. Mas, não era um dorso comum. Num momento de lucidez e raciocínio, Mr. Buzzby o teria chamado um dorso maligno, indecoroso, mas em justaposição com a corôa que o encimava não havia nenhum polissilabo ariano bastante sugestivo para o descrever. Pois a corôa era alta e imponente, pejada de joias e indescritivelmente luminosa a acentuar a indignidade daquele dorso. Era um dorso verde. **Dissecado** foi a palavra que lampejou no espírito de Mr. Buzzby, ao estacar a contemplá-lo. E preguiçoso, ao mesmo tempo, horrivelmente enrugado, todo crivado de estrias seculares.

Mr. Buzzby nem sequer percebeu o pescoço do visitante que brilhava e era tão fino quanto um garrancho, nem a pequena cabeça redonda e escamosa que balançava, pendulando horrendamente. Via apenas o hediondo dorso e a corôa incrivelmente imponente. A corôa desprendia um soberbo resplendor sobre os tijolos vermelhos do vasto **hall** sombrio e o corpo nú cambaleava e girava e se debatia de modo intolerável.

Um horror desmedido atenazava a garganta de Mr. Buzzby e seus lábios tremiam, como se estivesse a ponto de romper aos gritos. Mas não disse uma palavra. Tinha-se encostado à parede e estava fazendo curiosos gestos sem sentido, com os braços, como se quizesse agarrar a treva, enrolar a treva do **hall** que o rodeava, para se tornar despercebido e invisível à coisa que estava curvada sobre o armário. Mas, aparentemente em breve percebeu com infinita angústia que a coisa estava ciente de sua presença e como se voltasse lentamente para ele, não tentou mais nada para se apagar, mas caiu de joelhos e começou a berrar, a berrar, a berrar.

Silenciosamente a figura avançou para ele. Mais parecia deslizar do que avançar, e seus horríveis braços pêndentes mantinha uma estranha coleção de brilhantes ossos escarlates. E os ossos estalavam lugubrememente, enquanto avançava.

Foi então que o juízo de Mr. Buzzby se anulou completamente. Rojou-se pelo chão, pôs-se a falar desconexamente, estregando-se no lagedo como um homem sob a garra dum ataque de instantânea epilepsia. E todo o tempo murmurava coisas incoerentes acerca de sua incul-

Circulará na 2.^a quinzena de Dezembro o

ALMANAQUE

24.^o
ANO

1944



Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, vem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos,

terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**, Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA MARANGUAPE, 15 - RIO DE JANEIRO

PREÇO: CR\$ 8,00
EM TODO O BRASIL

pabilidade e que Osiris o poupasse e como desejava ansiosamente reconciliar-se com Osiris.

Mas, a figura, quando o alcançou, apenas parou e soprou sobre ele. Três vezes lhe respirou diante da cara lívida e quasi se podia ver-lhe o rosto estremecer e enegrecer sob aquela ardente respiração. Por algum tempo a figura permaneceu curvada para ele, mirando fantásticamente, e quando se endireitou Mr. Buzzby não fez es-

forço para detê-la. Mantendo os ossos escarlates com muita firmeza nos braços horrivelmente descarnados o vulto deslizou rapidamente em direção à escada. Os guardas não o viram descer. Ninguém o viu nunca mais.

E quando o comissário, acudindo ao tardio apelo dum guarda, examinou o cadáver de Mr. Buzzby, chegou-se inevitavelmente à conclusão de que ele estava morto há muito, muito tempo.

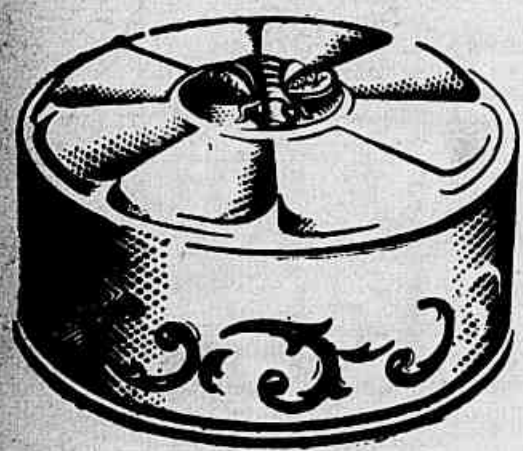
DESFILE



Como está mais bonita!...



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Taleo Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão!

33 OLD BOND STREET - LONDON - ENGLAND



"Vestidos leves como as tardes leves quando azul do infinito se mira placidamente nas águas também azues da Guanabara. E flores, muitas flores. Alguns — aqueles que sempre reclamam — dizem às vezes: "Que calor!" Isso porém, pela manhã por que... (A Primavera e o Verão carioca teriam enlouquecido?) porque as tardes estão sempre suaves, quase frias, e as mulheres, sobre os vestidos finos, levam abrigos. (Estamos em Novembro, quem diria?) E é por isso que Goulart — cujos desenhos vêm se impondo como padrões de bom gosto — criou, exclusivos para as leitoras desta REVISTA, esses modelos *toilette* em rayon estampado e seda lisa, conjuntos leves como as tardes leves de um fim de primavera — a primavera do Rio.

1 — *Costume com mangas tres quartos e saia enviesada em crepe azul marinho. Jabot e luvas brancas.*

2 — *Em crepe negro, mangas e corpete compridos, este modelo encanta pela originalidade da saia e pela simplicidade do feitiço. Umas camélias terminam o decote. Toque combinada com o vestido.*

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipótese.

DE MODELOS

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO



3 — Costume de panamá em amarelo—canário. Saia de quatro costuras. Chapéu e luvas havaiana.

4 — Em seda estampada, esse modelo poderia ser chamado "triangular". Apertado na cintura, saia franzida terminando justa e gola e peito de estampa diferente é bem um vestido original que ficará elegantíssimo numa pessoa magra.

5 — Com uma gola drapeada em organza combinando com toque e remate das mangas, esse vestido é muito gracioso e próprio para senhoritas. Corpete comprido e saia franzida confeccionado em rayon cor de cereja. Gola branca.

6 — Costume em "shantung" estampado para mocinha. Esportivo e gracioso deve ser executado em cores vivas. Saia com pregas, blusinha branca e chapéu da mesma fazenda do costume.

Nestas páginas ainda apresentamos tres modelos a saber:

Lord Fauntleroy — de Frank Simon: elegante conjunto para ciclista em blusa de seda com ruffles e shorts de seda rayon negra;

Demoiselle de Saks — 5.ª Avenida em estampado de algodão, saia franzida, corpete comprido e mangas curtas;

e finalmente

Primeiro baile — de Saks: em piqué negro com decote quadrado branco assim como a barra da saia onde flores são aplicadas com ponto turco.

UM NOME *incarelli* QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO



Copyright 1922 by E. R. Squibb & Sons

Todos os direitos reservados

© Ingrediente de Valor Inestimável

NA cidade de Bagdá vivia Hakeem, o Sábio, a quem muita gente ia pedir conselhos, que ele dava generosamente a todos, nada pedindo em retribuição.

Um dia, chegou-se a ele um moço, que pouco havia recebido em troca do muito que gastara. Perguntou o jovem: "Dize-me, ó Sábio, que devo fazer para receber o máximo em troca do meu dinheiro?"

Respondeu Hakeem: "Uma coisa que

se compra ou se vende não tem nenhum valor, a menos que contenha o que não pode ser comprado nem vendido. Procure o Ingrediente de Valor Inestimável."

"Mas o que é este Ingrediente de Valor Inestimável?" indagou o moço. Então, o Sábio lhe disse: "Meu filho, o Ingrediente de Valor Inestimável de todo produto existente no mercado é a Honra e a Integridade de quem o fabrica. Antes de comprar, repare no nome do fabricante."

E. R. SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

Há mais de oitenta e cinco anos que a Casa Squibb vem trabalhando intimamente com a classe médica na fabricação de produtos medicinais, com o objetivo de aliviar a dor, evitar e eliminar infecções e impedir a morte prematura. Em milhões de lares, o Sêlo da Casa Squibb é hoje o sinal de segurança e verdadeiro mérito.

NÃO COMETA ESSE ERRO!

**Dra.
SILVIA
ROGER**

Hoje, porque tivesse chegado cedo ao consultório, relei alguns trechos do romance fantástico de Stevenson em que o autor analisa um caso de dupla personalidade: o do bondoso Dr. Jekyll que se deixou subjugar pelo lado repulsivo de Mr. Hyde. Não sei se foi também resultado daquele plantão trabalhoso — a doente do quarto 21 passou muito mal, numa terrível crise de loucura — certo é que minha associação de ideias se processava demasiado célere e de *O médico e o monstro* passei à questão do dualismo, do dualismo a Freud, de Freud a Young e daí retornei à primitiva concepção de Zoroastro sobre o Bem e o Mal. E do bem e do mal, ao caso de G. F., a quem conhecera apenas há quatro anos quando, ao iniciar minha vida médica, clinicava num suburbio de New-York. Meu carro enguiçara — qualquer coisa no carburador, explicou depois o mecânico — e ela, que passava na ocasião, prestou-me um valioso auxílio levando-me gentilmente ao hospital. Durante a viagem soube que era casada com um rico advogado, tinha dois filhos muito bonitos e inteligentes, um apartamento em New York e um pequeno rancho perto de *Frisco*. A tudo isso referiu-se; mas esqueceu — porque era excessivamente modesta no que concernia ao seu eu — de me contar qual a fonte daquela imensa simpatia que se irradiava dela e qual a impressão que sentia quando se olhava ao espelho e podia se encontrar tão jovem apesar de seu filho contar nessa época 14 anos. Desde esse dia nasceu uma grande amizade entre nós, embora não nos visitássemos amigavelmente devido a minhas constantes ocupações. Ontem por fim telefonara-me aflita pedindo urgentemente uma hora porque vinha consultar-me "como doente". Que haveria com G.? Será que "aquilo" a que se referira apreensiva nossa amiga N. era verdade?

ERA E INFELIZMENTE

E foi a própria G. quem me relatou quando acendeu o cigarro, nervosamente, pela terceira vez:

— Silvia querida, vou me divorciar.

— Como?

— Sim, é isso mesmo. É horrível, não? Tenho pensado muito e sofrido mais ainda. L. tão honesto e louco pelas crianças (tinha esse hábito encantador de considerar os filhos eternos bebês).

— Não entendo, G.

— Mas não há outra solução. Não tenho direito aos meninos porque vou me divorciar de L. mas não me posso casar com o homem a quem amo.

— G!!! Está decida?

— Se não estou, pouco me falta para ficar completamente. Oh! é terrível, Silvia; sinto-me tão lamentavelmente confusa por um lado quanto certa pelo outro.

— Explique-se, minha amiga. Fale porem tudo certinho, sem omitir coisa alguma, sim? Quando e como começou tudo isso?

— Começou há dezenove anos, quando me casei. Era quase menina...

O casamento foi muito mais por conveniência que por amor. L. era um rapaz quem minha família considerava cheio de predicados exceto um: o da bela aparência. Isso porém, refletiram, poderia ser perfeitamente compensado se ele fosse um comba-nheiro divertido ou pelo menos atraente e vivo. Você o conhece bem, Silvia. Não mudou nada. E você notou desde o princípio, embora nunca me tivesse tocado no assunto, a grande divergência de genio que havia entre nós. Eu, alegre, gostando de festas, entusiasta, e comunicativa. Ele calado sempre. Nunca modificou nem modificará o seu padrão de vida. E jamais soube como se faz a corte a uma mulher. No entanto, Silvia — e isso é o que mais me entristece — ele me adora. Adorou-me sempre. Faz todas as minhas vontades assim como as dos filhos. Mas, como ia contando, decepcionada pela monitória da vida conjugal recebi jubileosa o nascimento de meus filhos. E comecei a viver para eles. Resistí ou antes nunca fiz caso de galanteios de outros homens embora alimentasse a secreta esperança de que algum dia meu marido me oferecesse o que nunca tive: romantismo e, mais ainda que uma vida romântica, se tornasse o meu confidente. Mas tudo em vão. Só pensava em resolver os casos do tribunal. Dava-me dinheiro para comprar caixas de orquídeas e joias, mas nunca se lembrou de trazer para casa, para me fazer surpresa, um vidrinho de perfume, um bombon ou uma flor. O tempo foi passando, os meninos tornaram-se meus companheiros, até que... até que... Silvia, foi passando, os meninos tornaram-se meus companheiros, até que... até que... Stefan Zweig, naquele maravilhoso livro intitulado *24 horas da vida de uma mulher* demonstrou plenamente a transformação sofrida por Mrs. C. que, levada a princípio pela piedade e depois por uma força passional irreversível, estava disposta a deixar o nome, a tradição e romper com a sociedade para seguir a um rapazinho jogador quase um ladrão. Quando o li, achei Stefan Zweig exagerado, mesmo absurdo. E, entretanto, hoje tenho experiência, não são necessárias 24 horas. Basta uma, Silvia, uma apenas para modificar, às vezes, não só a vida de uma mulher mas de uma família ou mais de uma, talvez...

— Minha pobre amiga...

— E eu conheci alguém... alguém que explora profundamente a psicologia feminina e é familiar a todos os segredos do amor. Alguém que me disse, uma tarde, referindo-se à complacência de L.: "se eu fosse seu marido não havia de deixá-la a sós. Muitas vezes, porque pensaria: *'Apesar de minha ela não é e não será minha jamais.* — Por isso mesmo deverei retê-la o máximo, comigo".

Tem o senso da oportunidade: sabe ser silencioso e terno, loquaz e engraçado. E é um confidente admirável.

A princípio evitei-o — sabe Deus como! — Pensava amargamente: "ele é casado... E' casado! e não pode se divorciar da esposa que é enferma e o ama apaixonadamente. E meus filhos? Sim, meus filhos, que ainda dependem de mim e me julgam perfeita e superior a todas as paixões mesquinhas, que diriam? Mas não. Isso que eu sinto não é abster-se totalmente uma paixão mesquinha. Nem é ignominia rem é obsessão. Antes, chama-se Amor. Amor — não no sentido vulgar da atração física mas algo como um sentimento integral que me envolve — percorrendo os caminhos silenciosos do meu espírito e ori-



ginando fontes, inimaginadas até hoje, na minha própria sensibilidade. Amo-o totalmente na exaltação de me entregar até a última confidência. Amo-o a ponto de me sujeitar a viver — como a Ray de *A esquina do pecado* — na penumbra da sua vida.

— E ele?

— Parece querer-me imensamente.

— E então?

— Então, Silvia?! Queria que me dissesse alguma coisa. Sim...

— Alguma coisa que a confortasse, não é? Porque se fosse conselho — o que sinceramente poderia dar — você não gostaria e, o que é bem pior, não o aceitaria nunca. Evidentemente não lhe poderei dizer: "G. você está agindo muito bem abandonando sua casa e seu futuro P. ainda que monótono ao lado de L. — e abandonando seus filhos — na alma dos quais provavelmente deixará uma ferida incurável, além de muitos complexos — para seguir a um quase desconhecido que tanto pode amá-la verdadeiramente como pertencer, apenas, a essa classe, muito difundida entre os homens, de caçadores de emoções. Você está agindo muito bem, deixando uma vida tranquila e confortável onde é a SENHORA, para viver obscuramente, impedida mesmo de aparecer em público com o ser a quem ama.

— Pensei em tudo isso, Silvia... porem amo-o. Compreende?

— Infelizmente, G. Eis porque não adianta que eu exponha, agora, as prováveis consequências que advirão de tudo isso. Em geral são sempre tristes, ocasionando epílogos mais tristes ainda. Daí só me restar desejar-lhe... felicidades.

A côr cirizento-escura do crepúsculo invadira o consultório. E quando acendi as lâmpadas, percebi que as regras pupilas de G. brilhavam extranhamente. Brilhavam ainda que flutuando em lágrimas como duas naus desarvoradas...

PROVEITOS A SEREM EXTRAIDOS DESSE CASO

AOS MARIDOS, NA SITUAÇÃO DE L.: — Senhores, não basta que sejam apenas o que se chama "um bom homem". Quando se ama verdadeiramente a esposa é necessário compreendê-la, tornando-se o seu "melhor confidente", despertar-lhe o interesse pelo seu próprio trabalho, fazer-lhe a corte como um noivo ou um amar-te afim de que a vida conjugal não recaia na monotonia, o que é "Um perigo". E' preciso estudar sua sensibilidade e as mutações de genio a que as mulheres, muito mais frequentemente que os homens estão sujeitas. A complacência demasiada é um erro. Lembrem-se que a mulher gosta de ser requestada e de saber que é como um tesouro precioso que deve ser convenientemente guardado.

AS MULHERES, NAS CIRCUNSTÂNCIAS DE G.: — Se estão em idênticas condições da minha amiga, evitem o cerco de pessoas encantadoras como X. Evitem-no, ao máximo, porque a atitude de G., abandonando a estabilidade de um lar e a felicidade dos filhos por um futuro vago e uma situação indefinida, em geral, termina na solidão e na melancolia, ou na neurastenia e no suicídio, que são bem picres. Cada um de nós possui um Dr. Jekyll e um Mr. Hyde vivendo dentro de nosso ser. O primeiro quase sempre é vencido quando o último aparece e entram em luta. Evitem, pois, que ambos iniciem um conflito para não permitir que Mr. Hyde jamais saia vencedor nos embates sentimentais a que estão sujeitas.

Um "pauzeiro" para Cidade de Campo

Continuando o risco iniciado no número anterior, apresentamos hoje outros quadros típicos da velha aldeia onde as donas de casa fiavam, os jovens dançavam ao som de flautas que inspiravam romances e os velhos, depois da faina diária, deliciavam-se com a boa cerveja inglesa ou fumavam em longos cachimbos.

Este risco, maravilhoso pelo movimento e pela expressão dos camponios, será concluído no próximo número.

MÁSCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

MOBILIÁRIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassês de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo tambem em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE



PRISÃO de VENTRE?

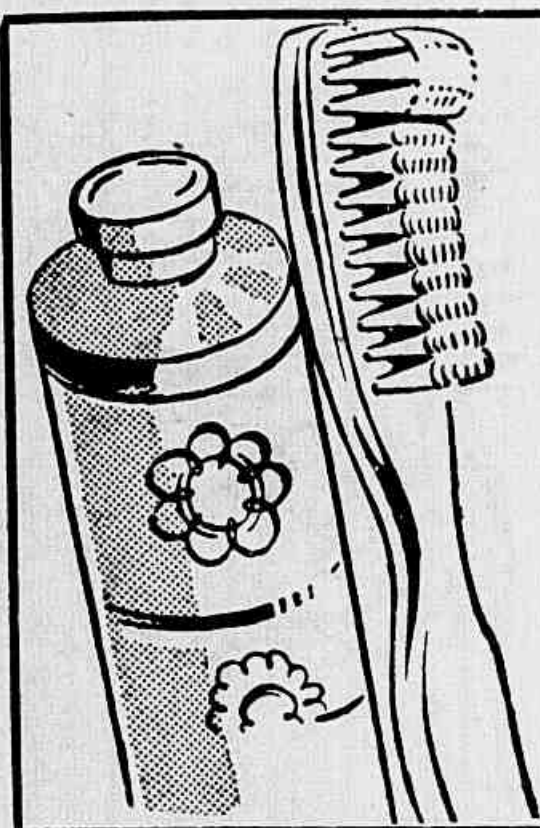


Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.





Isto limpa os dentes, mas não elimina o

MAU HÁLITO

Para assepsia completa da boca, use Odorans — o dentifrício medicinal, que penetra em todos os interstícios dos dentes não atingidos pela escôva, impedindo a fermentação de partículas alimentares — principal causa do mau hálito. O poder germicida de Odorans evita a piorréia, gengivites, etc. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

**Agora muitos usam
DENTADURA POSTIÇA
com perfeita comodidade**

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiça se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras postiças mais firmes e torna-as mais cômodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido).
Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

**"ALMANAQUE EU SEI
TUDO" PARA 1944**

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

**CABELLOS
BRANCOS**

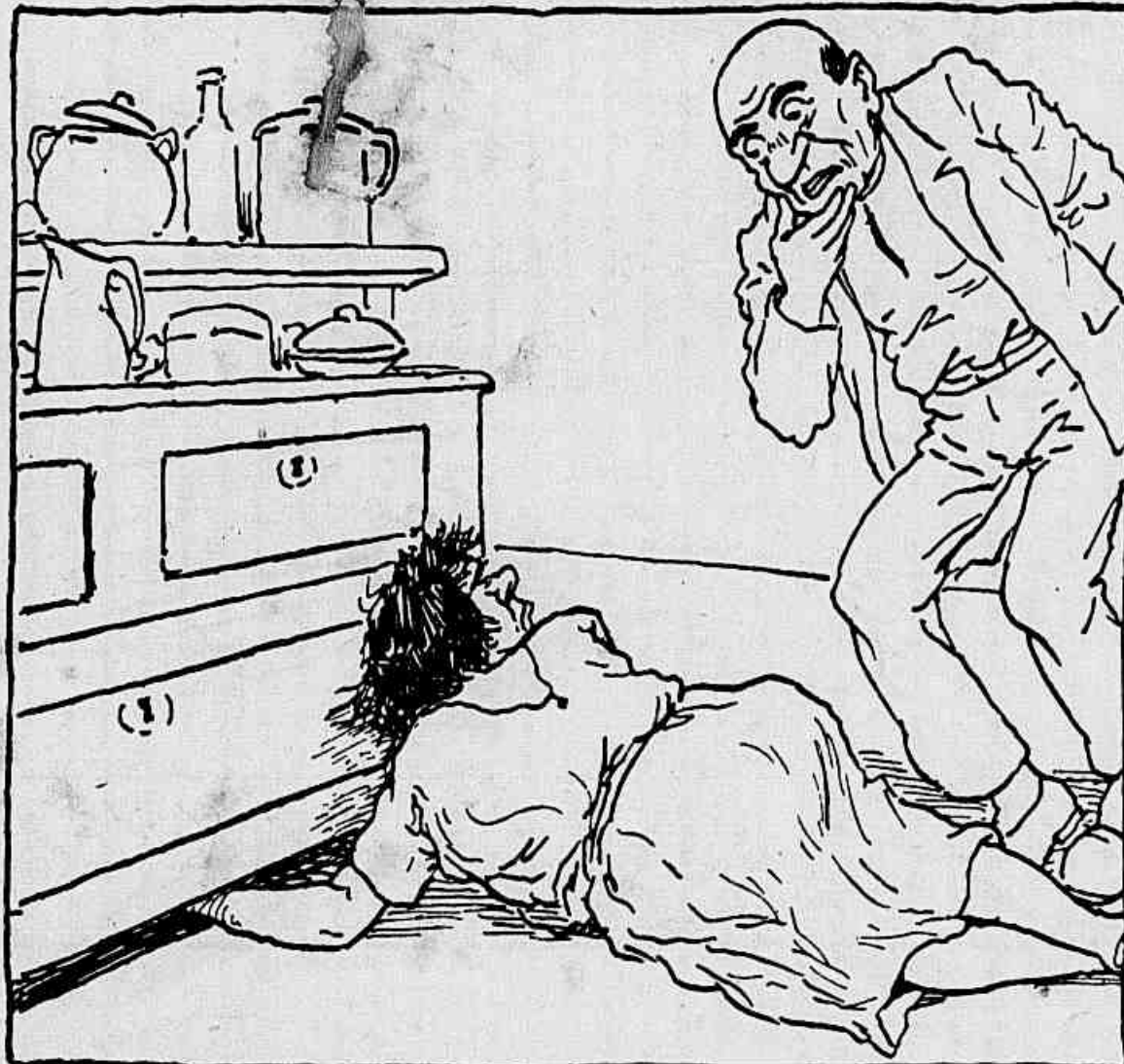
CASPA
Queda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

NUMEROS ATRASADOS DESTA
REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

Exquisitices



- Que está procurando, Marócas?
- O pão de 20 centavos...



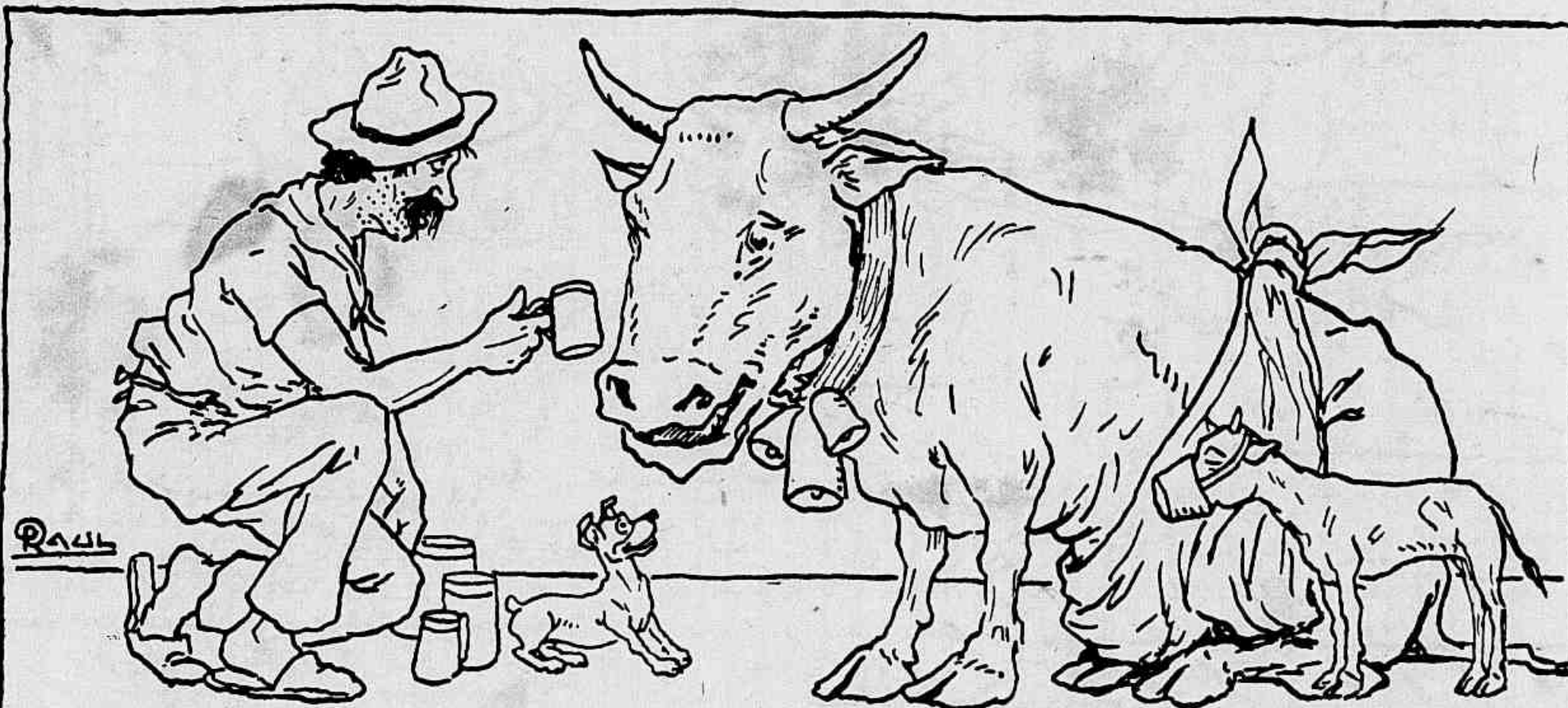
- Socêgue. Não ha diabêtes.
O açúcar está racionado e raro...



- A boas horas, seu peralta!
- Venho da fila da manteiga...



- Vamos ter carne de cavalo congelado
- Que ôuco! É crise galopante!...



- Leite raro... leite "batisado". Que pena não haver mais leite com vaca a' porta!...

ESTANDO AS
PILULAS DE
BRISTOL

ao alcance de todos,
para que commet-
ter-se a impru-
dencia de expe-
rimentar ca-
tharticos
violentos?

ISK

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

DOR DO ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Popolo
BANKETS

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pancos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

SABÃO
TIMBOROL

USO VETERINÁRIO

ASSEGURA A HIGIENE E BELEZA DO
CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e **VARIZES**, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça-o ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO), S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



Na limpeza de
Mármore, Azulejos,
Metais,
Vidros e Louças,
Cristais e Porcelanas,
de todos
os utensílios de
Copa, Cozinha e
Quarto de banho,

o Crème Sanitário

faz verdadeiros
prodígios.



Alpa
Rio

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Hollywood



CHAMPAGNE... HOLLYWOOD...
UMA SÓ CLASSE DE EXCELENCIA
PARA O REQUINTADO GOSTO
DE UM PÚBLICO ELEGANTE.

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record